



**Fundação Oswaldo Cruz  
Instituto Nacional de Saúde da Mulher,  
da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira**

**DE BARBA E BARRIGÃO: HISTÓRIAS DE GESTAÇÃO E  
PARENTALIDADE DE HOMENS TRANS**

**Pamella Liz Nunes Pereira**

**Rio de Janeiro  
Agosto de 2021**



**Fundação Oswaldo Cruz  
Instituto Nacional de Saúde da Mulher,  
da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira**

**DE BARBA E BARRIGÃO: HISTÓRIAS DE GESTAÇÃO E  
PARENTALIDADE DE HOMENS TRANS**

**Pamella Liz Nunes Pereira**

Tese apresentada como parte  
dos pré-requisitos para  
obtenção do título Doutora em  
Saúde Coletiva.

**Orientadora: Paula Gaudenzi**

**Coorientadora: Claudia Bonan**

**Rio de Janeiro  
Agosto de 2021**

CIP - Catalogação na Publicação

Nunes Pereira, Pamella Liz.

DE BARBA E BARRIGÃO: HISTÓRIAS DE GESTAÇÃO E PARENTALIDADE DE HOMENS TRANS / Pamella Liz Nunes Pereira. - Rio de Janeiro, 2021.

160 f.

Tese (Doutorado Acadêmico em Saúde da Criança e da Mulher) - Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Rio de Janeiro - RJ, 2021.

Orientadora: Paula Gaudenzi.

Co-orientadora: Claudia Bonan.

Bibliografia: f. 144-155

1. Transgeneridade. 2. Gravidez. 3. Parentalidades. 4. LGBTQIA+. 5. Homens Trans. I. Título.

*Dedico a todos os homens trans que contribuíram para a realização deste trabalho, por suas vidas, por sua resistência, e por não obedecerem às regras.*

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Dra. Paula Gaudenzi, pela generosidade, pela partilha do conhecimento e pelo apoio. O desabrochar desta pesquisa e da minha escrita acadêmica são fruto da liberdade que tive para me desenvolver. Agradeço principalmente por sua compreensão sábia de que cada um tem seu tempo.

À minha coorientadora, Dra. Claudia Bonan, pela oportunidade, acolhimento, incentivo e ensinamentos. Sem a sua presença na minha vida, desde o mestrado, eu não teria chegado até aqui. Esse título de doutora é uma vitória nossa!

Ao meu orientador estrangeiro Sean Mitchell, pelas oportunidades e pelo acolhimento.

Aos membros da banca Dr. Marcos Nascimento, Dr. Guilherme Almeida e Dra. Mariana Pombo, por gentilmente terem aceitado contribuir para este trabalho.

À secretaria e ao corpo docente do Instituto Fernandes Figueira, que me acolhem desde 2014, quando iniciei meus estudos nesta casa.

Às Dras. Luciana Brito, Gabriela Rondon e Debora Diniz, pelo futuro e por valorizarem a minha trajetória.

A Clarissa Pena e Ana Paula, por me mostrarem que eu já sabia escrever.

Ao Dr. Alvaro Jarrin, pelo apoio e pelo acolhimento no congresso LASA.

À Dra. Lashandra Sullivan, pelo apoio e pela troca de ideias.

Ao Dr. Benjamin Junge, pelo acolhimento nos Estados Unidos e pelas oportunidades.

À Dra. Cara Snyder, pela ajuda com o campo e por me dar abrigo na minha primeira viagem internacional.

À Myriam Marques, por me resgatar e dar abrigo na pandemia de COVID19 nos EUA. O pessoal é político! Nenhum governo fascista é mais forte que a bondade de quem luta por um mundo melhor.

Aos professores Dr. Fábio Araújo e Dr. Lucas Tramontano, pelas ótimas experiências de estágio de docência.

Às colegas Daniely Sciarotta e Winnie Samanú, pela companhia e apoio ao longo destes anos.

Aos amigos Amiel e Daniela, pelo apoio, pela troca de leituras, e pelo imenso carinho.

Aos amigues Allan (verde), Augusto e Walla (e todes alunes do composteiras), pela presença, pela luz e pelo axé! Somente com arte derrubaremos o sistema.

Agradeço imensamente aos interlocutores e aos colaboradores desta pesquisa, sem os quais nada teria sido possível.

Por terem criado as condições políticas para que eu e os interlocutores desta pesquisa pudessem existir e produzir trabalhos como este, agradeço aos movimentos sociais pelos direitos das pessoas negras, das mulheres e das pessoas LGBTQIA+.

Agradeço à CAPES pelo fomento ao curso de doutorado com período “sanduíche”.

## RESUMO

A partir da segunda metade do século XX surgiram novos enunciados e enunciações sobre a sexualidade e as bordas estabelecidas nas condições de gênero se tornam menos nítidas. Neste bojo, questiona-se a existência de uma essência ontológica do sexo e com isso, entram em xeque as significações sobre o masculino e o feminino e sobre ser homem e ser mulher, além do, imperativo da reprodução sexual e do casamento como consequências de uma suposta natureza cisheteronormativa. No contexto destas transformações, nos últimos anos, tornou-se pública a imagem de homens trans grávidos ou ao lado de seus filhos biológicos, denotando uma ação performativa - até então marginalizada - do sujeito grávido, que incorpora a masculinidade e enuncia novos processos de construção política do gênero e dos papéis parentais. Neste trabalho, buscou-se compreender como os homens trans experienciaram a gestação e como eles exercem a parentalidade. Foram ouvidas as suas histórias de gravidez, através de entrevistas abertas, realizadas em encontros únicos, e complementadas por alguns encontros informais. Ao mergulhar nos relatos, pude acessar memórias marcadas pela ruptura com as expectativas heteronormativas relacionadas ao engravidamento e gravidez, bem como pude compreender que parentalidade é um importante aspecto da construção das masculinidades dos interlocutores. Apesar das grandes dificuldades enfrentadas durante a gravidez, que foi um período de experimentação da abjeção e não reconhecimento de si, após o nascimento dos filhos, a construção de uma vida como homem trans foi fortalecida a partir do exercício de criar/educar e da formação de um grupo familiar independente da família de origem.

**Palavras- chave: (Trans)masculinidades; Gravidez; Parentalidades**

## ABSTRACT

throughout the 20th century new statements about sexuality emerged and the borders established in gender conditions became less clear. In this context, the existence of an ontological essence of sex is questioned and the meanings about male and female and about being a man and being a woman come into question, in addition to the imperative of sexual reproduction and marriage as consequences of a supposed cisheteronormative nature. With these transformations, in recent years, the image of pregnant trans men or alongside their biological children has become public, denoting a performative action - until then marginalized - of the pregnant subject, which incorporates masculinity and enunciates new construction processes gender policy and parental roles. In this work, we sought to understand how trans men experienced pregnancy and how they exercise parenthood. Their pregnancy stories were heard through open interviews, carried out in one-off meetings, and complemented by some informal meetings. By carrying a deep reading of the reports, I was able to access memories marked by the rupture with heteronormative expectations related to pregnancy and getting pregnant, as well as understanding that parenting is an important aspect of the construction of the interlocutors' masculinities. Despite the great difficulties faced by the characters during the pregnancy, which was a period of abjection and non-recognition of themselves, after they gave birth, the construction of a life as a trans man was strengthened by the exercise of raising children and by the construction of a family group for their own.

**Keywords: (Trans)masculinities; Pregnancy; parenting**



**LISTA DE SIGLAS**

ABHT – Associação Brasileira de Homens Trans

APA – American Psychiatric Association (Associação Americana de Psiquiatria)

CID – Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde

CNT – Coletivo Nacional de Transexuais

DSM – Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (Manual Diagnóstico e Estatístico das Desordens Mentais)

ENTLAIDS – Encontro Nacional de Travestis e Transexuais que Atuam na Luta contra a AIDS

FTM – Female to male (de mulher para homem)

IBRAT – Instituto Brasileiro de Transmasculinidades

LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, e outros dissidentes da cis-heteronormatividade

NAHT – Núcleo de Apoio a Homens Transexuais

OMS – Organização Mundial da Saúde

STF – Supremo Tribunal Federal

SUS – Sistema Único de Saúde

**LISTA DE QUADROS**

**Quadro 1. Dados dos entrevistados.....32**

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	<b>10</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>2 CAMINHOS METODOLOGICOS</b> .....	<b>25</b>
2.1 Inserção no universo da pesquisa.....	25
2.2 A pesquisa com relatos orais.....	33
2.3 Procedimentos de análise das entrevistas .....	37
<b>3. QUADRO TEÓRICO</b> .....	<b>39</b>
3.1 Relações de poder e expressões das masculinidades: do patriarcado à perturbação dos sexos-gêneros .....	39
3.2 Entre destinos e ficções encarnadas: performances transmasculinas	52
3.3 Gravidez e parentalidade: um caminho linear? .....	67
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>78</b>
4.1 Os homens trans e suas histórias .....	78
4.2 Gravidez e heteronormatividade: as tentativas de se encaixar e os acidentes do corpo.....	107
4.3 Construção da masculinidade e da parentalidade: eternas transições	120
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>139</b>
<b>6 REFERÊNCIAS</b> .....	<b>144</b>
<b>ANEXO I</b> .....	<b>155</b>
<b>ANEXO II</b> .....	<b>158</b>

## **Apresentação**

Bissexual freudiana, homossexual molecular deleuziana, ou heterossexual no sistema binário?

Foram tantos rascunhos para chegar até aqui, rascunhos de textos e rascunhos de mim. As histórias que ouvi se misturam com a minha história, e me foi impossível escrever sobre os outros sem escrever sobre mim. Todas as perguntas presentes neste trabalho são questionamentos que sempre me fiz, e que escolhi deliberadamente vivenciar mais intensamente com o meu corpo, através das minhas sexualidades e dos meus afetos, ao longo dos anos em que estive construindo esta tese.

A pesquisa e a escuta me ensinaram a compreender descrições de mundo construídas a partir de outros olhares. Com isto, conheci outros mundos dentro de mim mesma e, pude perceber quais deles ainda irão começar a ruir. Por exemplo, quando comecei essa tese a minha certeza sobre a minha heterossexualidade era baseada e resumida ao fato de eu ter tido relacionamentos com indivíduos com pênis, o que não dava conta de me explicar. Depois de anos enquadrada na heterossexualidade de maneira compulsória, quando refleti sobre minhas práticas sexuais, achei bissexual um bom nome, e não tinha nem muito o que reclamar dele. Freud explica. Porém, compreendi que mesmo que eu fique com mulheres e homens já há bastante tempo, e pretenda continuar ficando, eu ainda sou vista como heterossexual. Creio que isso se dá por eu ter vivido durante muito tempo a minha bissexualidade exclusivamente pela via das práticas sexuais, o que soa contraditório, mas, nas práticas não é. Gostaria que não fosse assim, mas não cedi ainda aos apelos

behavioristas, e o meu comportamento ainda é algo que varia sem que eu perceba, ou toda mudança seria insuportável.

Tenho plena consciência que ensinar uma mulher a não construir um patrimônio com a outra é uma arma fatal da necropolítica dos afetos sexuais no sistema patriarcal cis heteronormativo. As famílias sem a presença do masculino são vistas como incompletas, criadoras de vidas defeituosas, e elimina-se nesses lares o desejo de transformar suas vivências em um valor ancestral que deve ser honrado. Encontrar o amor por uma vida sem homens cis é um desafio, mesmo nos meios mais feministas e LGBTQIA+ onde pode estar. Estamos ainda aprendendo a nos amar e fortalecer sem disputar por um homem ou como um homem.

Os homens trans com quem estive tem uma masculinidade tão resistente e inabalável, que nem mesmo a gravidez e a maternidade foram capazes de os fazer romper com o masculino, tão pouco o abandono e a violência que sofreram dos homens cis os fez desgostar de serem homens. Me deparei com homens que amam a masculinidade.

A identidade dita sexual, geralmente é apontada antes mesmo de fazermos sexo, e fala muito mais sobre acordos sociais que sobre a prática sexual propriamente dita. Eu fui criada e nomeada heterossexual desde sempre, minha revolta foi silenciada violentamente na infância e na adolescência. Quando fui pega aos beijos com uma coleguinha, ainda bem criança, fui repreendida de maneira violenta. Com 13 anos mamãe rasgou minhas cuecas, começou a me puxar pros meios femininos tanto o quanto pode, e conseguiu me manter lá, mesmo depois que saí. Ainda corpo rascunho, percebi que não importava com quantas mulheres eu ficasse ou trocasse carinho, seria sempre reconhecida como heterossexual de maneira compulsória, por mim mesma e pelos outros.

Tive namorados, pensei em me casar, pensei em sacrificar coisas importantes para construir um núcleo familiar com um homem. O curioso é que nem sei quando isso tudo começou a ser um objetivo, algumas vezes penso que é uma memória implantada. Anyway, as tentativas de me relacionar com homens nem sempre foram por amor romântico ou por satisfação sexual, e sempre foram atravessadas por relações de poder, raça, gênero e proibições sexuais. Até agora, eu não consegui ocupar o lugar de submissão e aceitação nessas relações por muito tempo, e com essa atitude fui premiada com o que chamam de solidão, que para mim passou a se chamar liberdade. Sou uma mulher de Oya, e tento seguir fielmente as lições contidas nos mitos dessa deusa africana, que tem diversas e divinas incorporações aqui na América. A resistência que sigo é ancestral.

Tenho 30 anos de vida, 13 buscando me relacionar, dois períodos de 5 anos solteira, totalizando 10 anos pensando no que fazer. Sempre fui ameaçada com a figura da tia amargurada, pois, passei anos sem pretendentes, meses sem sexo ou fazendo um sexo visto por muitos como “desvalorização”, e anos sem receber amor romântico.

Vieram a graduação, trabalhos, artes, shows, amizades, aprendizado sobre mim e sobre o meu povo, amores platônicos e rejeições superadas. Quando me tornei mestranda, um ano depois eu tinha um namorado, e depois vieram mais 2, e de zero tinha 2 e 1 descartado! Me sentia vingando os anos passados. Parecia tão fácil enfim, depois de 5 anos de negativas. Mas nessas relações, eu não fui capaz de amar ou me comprometer, tinha “tudo nas mãos”, mas não fui capaz. Em um dado momento das trocas afetivas, eu só pensava em fugir, e rápido. De uma hora para outra eu só odiava os homens, as memórias de violência pareciam mais fortes que qualquer amor que tenham me ensinado.

Que mulher hetera cis era eu? Alguns relacionamentos depois, percebi que sou mesmo perigete, e isso para mim hoje é um elogio. O corpo perigete é geralmente negro, periga muitas coisas e com muitos tipos de pessoas, e assim como todo corpo bicha (quando os termos psi estão distantes, somos todos bichos), é alvo. Mas a gente, sobe, desce, quica quica, e mete o pé.

Por ser assim, tenho que usar minha persona cientista mais que gostaria, e o faço para me proteger da violência. Nem sempre funciona, mas sempre tento. Mesmo assim, sinto-me livre, pois, vivo uma solidão passível de romantização, e que é até instagramável, mas prefiro não. Posso viver um amor romântico solo comigo mesma por algum tempo, pois, sou quase doutora num país cheio de hierarquias, cozinho bem, tenho uma conformação física sem atributos nomeados como deficiência, estou em uma possível ascensão econômica, tenho um corpo dentro dos padrões de beleza estabelecidos pela hiper sexualização, saio bem em fotos. Tudo isso é suficiente para que eu consiga incorporar modos de vida que não incluam a humilhação sexual e afetiva, contra a minha vontade.

Enquanto vivo esse momento físico passageiro que é a juventude, ainda posso me iludir sorrindo, mas saibam que nem sempre foi assim e, imagino que nem sempre será, o que não me impede de vislumbrar um futuro feliz, e independentemente do que ele me reserva, só consigo ver as coisas boas. Ademais, sinto que não perdi oportunidades de felicidade quando abandonei os homens com quem tentei ter um relacionamento baseado na promessa de um casamento heteronormativo, ou quando não quis colocar mulheres nesse papel, o que perdi foram promessas.

Com promessas se fazem as relações afetivas na minha geração, e muitas vezes não passamos delas. É notório que antes de sairmos dos ventres que nos abrigam, enquanto nossos corpos se formam para habitar o mundo, diversos

compromissos são feitos em nosso nome e dos deuses e, ao longo do nosso desenvolvimento corporal, esses compromissos vão nos sendo informados. Em um dado momento, nós passamos a viver em função de cumpri-los.

Ao menos aqui no sudeste do Brasil, quando queremos ver alguém por mais tempo, geralmente isso está associado ao amor romântico, que foi reconhecido como base do casamento na década de 1970, pela Igreja católica. Em nome dessa pedagogização do nosso desejo de formar vínculos e fazer sexo, somos obrigados a fazer juras de amor romântico, planos futuros de sacrifícios, e a praticar muitas proibições sexuais (mono e poligâmicas). Dentro das proibições sexuais que experimentei, geralmente o sexo entre mulheres estava presente em relações heterossexuais mono e poligâmicas e, era bem aceito. Com essas experiências, aprendi que se você ainda depende de homens, para eles está tudo bem. Essa é outra razão pela qual sigo sendo lida como heterossexual. Essa é também a razão da rejeição de muitas mulheres bissexuais nos meios homoafetivos.

Dessa confusão violenta de práticas e apontamentos, emergem diversos nomes, e os nomes que nos dão podem definir nossas relações. Só podemos nos chamar por outro nome sem interpelações, na liberdade da nossa solidão. Convencer as pessoas a nos chamarem pelo nome, que no nosso entendimento, melhor nos define, se mostra por vezes o desafio de uma vida.

Pesquisar junto aos homens trans me fez respeitar meus próprios nomes, e me fez perceber que devo honrar as minhas promessas, as que construí dentro de mim quando entendi o poder de observar e nomear. Sou uma nerd preta perigete, mulher amefricana, pretíndia, de oyá, crítica e inteligente. São esses os nomes que eu gosto, e apesar de não me chamarem dessas formas na frequência e intensidade que desejo, esses são meus nomes no momento.



Meus entrevistados me fizeram sentir como nesses nomes, e assim eu pude escrever com amor esse trabalho simples. Não poderei abordar todas as questões presentes nessa apresentação, pois seriam necessárias várias teses. Foi possível apenas compartilhar um pouco do processo de reconhecimento de masculinidades e parentalidades desvalorizadas. Na realidade brasileira, as vi, e percebi que elas não são invisíveis, são apagadas, atacadas, e colocadas no lugar do erro e do mal exemplo.

Aqui eu não vou descrever príncipes encantados, lenhadores, heróis, reis, juízes ou salvadores. Aqui a potência masculina cria, se sacrifica, fica, compreende, reproduz, erra e sente. Não são perfeitos, e não seguem cartilhas online ao pé da letra. Para a decepção de muitos, encontrei apenas homens pecadores e imperfeitos, como todos são.

Espero que outros sejam afetados com a minha escrita e, como Preciado (comeria mesmo), sonho que a internacional cuir se torne realidade, para que possamos construir um mundo em que nossas nomeações, as escolhidas por nós, possam realmente informar quem somos.

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Birman (2018), o campo da sexualidade vem sofrendo uma grande transformação em suas coordenadas constitutivas desde os anos 50 e 60. Neste bojo, novos enunciados e enunciações sobre a sexualidade surgem e as bordas estabelecidas nas condições de gênero se tornam menos nítidas, colocando em xeque a categoria identidade sexual / de gênero. Questiona-se a existência de uma essência ontológica do sexo e com isso, as significações sobre o masculino e o feminino e sobre ser homem e ser mulher.

Foi na década de 1950 que a experiência transexual ganha a cena pública e se constitui como um fenômeno social e os termos “transexualismo” e “transexual” se tornam populares nos campos científico e social (LEITE JR., 2014). Estes termos foram posteriormente problematizados em seu caráter patologizante e a experiência transexual começa a ser pensada em termos de identidade e/ou formas de identificação de gênero. No entanto, as variações transidentitárias não são expressões subjetivas novas. Ao contrário, como diz Ayouch (2015), elas atravessam a mitologia grego-romana e várias culturas, sendo apenas classificadas numa nova categoria oriunda do encontro entre o discurso médico e jurídico.

A problemática da transexualidade nos remete diretamente ao corpo; seus usos, as possibilidades de exploração do mesmo, mas sobretudo, no que nos interessa especialmente, em suas significações. Foucault (1992) nos diz que o corpo é o lugar do *Herkunft*, termo que traduzirá como proveniência. É um corpo marcado de história, sendo a superfície de inscrição dos acontecimentos. São esses acontecimentos, que marcarão as identidades dos sujeitos e essas identidades são

constituídas a partir dos encontros do sujeito com o mundo e de suas escolhas mais ou menos livres, sendo formas de dizer sobre si em constante abertura para os novos encontros.

Partindo dessa perspectiva, como será o encontro de si com o corpo “não seu”? Do homem que possui um órgão estrangeiro como o útero, que cresce marcando a sua presença tão familiar? Como os homens trans são atravessados pelo acontecimento da gravidez? Em que medida tais vivências conformam formas de performar os gêneros?

Ademais, se em um primeiro momento os movimentos feministas e gays contribuíram para a relativização do imperativo da reprodução sexual e do casamento, o que levou a novas configurações de família, de parentesco e da parentalidade (Arán, 2003), as identidades trans desafiam mais profundamente os alicerces da cultura e filiação, na medida em que os trans colocam em questão a forma pela qual se constituíram. Para Birman (2016), a transexualidade traz em si uma contrariedade em relação à nomeação das figuras parentais ao promoverem um “autoengendramento” possibilitado pelos dispositivos médicos e científicos. O que está em jogo, diz Birman, é a ruptura com os planos genético-biológico, familiar, jurídico e simbólico, ou, em outros termos, o sujeito contraria o sistema de nomeação, ao se colocar na origem de sua própria constituição.

Nesse bojo, em que o sujeito tem uma experiência radicalmente antinormativa ao não se conformar com as operações dos sistemas médico, jurídico e familiar, me interessou refletir sobre as experiências de gravidez de homens trans e sobre suas relações parentais com seus filhos, pensando que figuras eles ocupam no universo das representações filiatórias.

Nos últimos anos, tornou-se pública a imagem de homens trans<sup>1</sup> grávidos ou ao lado de seus filhos biológicos, borrando os registros da masculinidade e da feminilidade em relação à gravidez. Para efeitos de marcos históricos, o “primeiro”<sup>2</sup> homem grávido que ganhou notoriedade internacional foi o ator norte-americano Thomas Beatie, que engravidou pela primeira vez em 2008 e hoje tem três filhos gerados por ele. Ele escolheu engravidar em razão da esterilidade de sua ex-esposa e já tinha transicionado há quase dez anos quando escolheu ter filhos. Nas fotos de Beatie não vemos um corpo próximo do feminino, mesmo com a barriga, o que faz com que o caso seja enquadrado de forma sensacionalista pela mídia.

No Brasil tivemos recentemente campanhas de Dia dos Pais com homens trans<sup>3</sup>, o que gerou reações conservadoras. No imaginário popular, o homem grávido sempre foi sinônimo do absurdo, do surreal e do impossível. Nesse sentido, um corpo masculino grávido torna-se uma ficção política recentemente encarnada, isto é, um acontecimento que, junto de outras práticas, contribui para profundas mudanças no modelo tradicional de família que ainda é veiculado como “natural”. Essa nova ação performativa do sujeito grávido e mãe, que incorpora a masculinidade, enuncia novos processos de construção política do gênero e da parentalidade, e vai na contramão dos processos biopolíticos que incidem sobre as funções reprodutivas, com a chancela da ciência, desde o século XVIII (PRECIADO, 2018).

---

<sup>1</sup> De acordo com Carvalho (2018), a utilização da categoria “homem transexual” foi gradualmente substituída por “homem trans”, em razão do “uso cada vez mais frequente da categoria “trans” seja como abreviação de “transexual”, seja como categoria englobante das diferentes identidades, como no uso de “pessoas trans”.”

<sup>2</sup> “Primeiro ‘homem grávido’ dá à luz outra vez”. Globo.com. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1189275-5602,00-PRIMEIRO+HOMEM+GRAVIDO+DA+A+LUZ+OUTRA+VEZ+DIZ+TV+DOS+EUA.html>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

<sup>3</sup> <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/08/09/dias-dos-pais-homem-trans-que-deu-a-luz-filho-comemora-data-no-df.ghtml>

Neste trabalho, busquei investigar como se deu a gravidez para indivíduos que, embora designados como mulheres ao nascer, não se adequaram a esta identidade e tornaram-se homens. O tema desta tese se apresentou como um desafio ao abordar um evento ambíguo, que figura como umas das principais formas de submissão dos corpos femininos, e também como sua principal potência e marca identitária. O maior desafio desta pesquisa foi compreender como a entrada no mundo masculino pôde incluir uma experiência tão marcante da identidade feminina como é a maternidade.

Para tentar responder a algumas daquelas perguntas acima mencionadas, realizei um estudo sobre as experiências de gravidez e parentalidade dos homens trans e me servi dos estudos já existentes que traziam debates teóricos sobre os padrões de masculinidade e de feminilidade, que são historicamente expressos através de tipos corporais e comportamentos associados a eles; e também algumas discussões sobre os novos arranjos familiares e sobre as novas posições que o corpo que engravida pode assumir nessas relações.

No cenário brasileiro, as parentalidades trans são pouco trabalhadas de um modo geral, e entre os poucos trabalhos sobre a temática, especificamente a gravidez e a parentalidade dos homens trans é um tema ainda mais raro. Em uma pesquisa nas bases de dados Scielo e Banco de teses e dissertações da CAPES, com os descritores, (trans) AND (parentalidade); (transhomem) AND (parentalidade); (“homens trans”) AND (gravidez); (“homens trans”) AND (parentalidade); (“homens trans”) AND (família); (“homens trans”) AND (filhos), foram encontrados os seguintes trabalhos que abordam especificamente a realidade de homens trans que já engravidaram: 'Papai ou mamãe? Uma discussão dos papéis parentais em homens trans que engravidaram (PEDERZOLI, 2017); Homens que engravidam: um estudo etnográfico sobre parentalidades trans e reprodução (MONTEIRO, 2018); Entre a cruz

e a espada: experiências de parentalidade de homens e mulheres trans em contextos cisheteronormativos' (TRAJANO, 2019).

Nestes trabalhos pude ver que, para além das normas biologicistas presentes nas nomenclaturas pai e mãe, a parentalidade diz respeito às várias formas de criar e de se compreender dentro da lógica parental binária. Cada homem trans desempenha o papel parental que faz mais sentido dentro da sua trajetória, e ser mãe e/ou pai está profundamente relacionado às questões emocionais e materiais dos entrevistados.

Ao entrar em contato com as narrativas, percebi que no mundo masculino repleto de rituais de confirmação da masculinidade, que correspondem a desafios constantes para os homens trans, o exercício da paternidade se configura como uma das formas importantes de afirmação da condição de homem. Salvo algumas exceções, não assumir a paternidade por parte dos homens que engravidaram os personagens desse trabalho foi o que marcou a maior parte das histórias ouvidas. Tal ausência do suposto pai, representou para os entrevistados, para além de uma fonte de sobrecarga com a criação, uma porta de entrada para o mundo masculino. Uma vez que os homens trans tornam-se mães e/ou pais, a masculinidade passa a incluir o cuidado, a presença e o sacrifício. Nessas vivências, o pai deixa de ser uma figura representante do patriarcado e da condição de superioridade, e assume outros significados.

Nas teorias feministas, a gravidez figura como um evento que restringiu por muito tempo o corpo feminino ao ambiente doméstico, excluindo-o dos espaços públicos, que seriam o locus masculino por excelência. Neste cenário, as mulheres engravidavam em um contexto de família em que estariam submetidas aos maridos, no interior de um domicílio mantido por um homem.

Esse modelo de família, representa uma atualização de modelos patriarcais que se utilizavam das capacidades reprodutivas femininas como um veículo de linhagens, como um produto, como fonte de prazer masculino, e como confirmação da virilidade. Os demais modelos de formação familiar foram ignorados durante muito tempo, e quando abordados, eram caracterizados como um desvio social (BUTLER, 2003).

O ambiente familiar em que as figuras responsáveis pela criação não são mulheres-mães-cis e/ou homens-pais-cis sempre foi visto com desconfiança, e muito se especula sobre os supostos impactos psicológicos que esses arranjos podem causar. Porém, é curioso observar que os que temem o esfacelamento do modelo familiar nuclear, não parecem tão desconfiados no que diz respeito à ausência dos homens cis na função paterna. Usualmente, culpam-se as mães sobrecarregadas pelos problemas sociais. O que libertará quem engravida da responsabilização de cuidar de um ser que foi fecundado em conjunto? As tecnologias, a luta política, a negação da maternidade?

Com essas provocações, empreendi a jornada complexa que foi conhecer as histórias de pessoas que romperam com a identidade feminina e buscam ser pais, no entanto, sem romper com a identidade materna, outras que buscam ser mães, ainda que homens, outras que se dizem mães e pais, algumas problematizam a própria identidade materna e/ou paterna, além de tantas outras experiências contadas.

Através do diálogo com esses indivíduos que não nasceram homens, tornaram-se, pude perceber que os privilégios masculinos são inconciliáveis com o sacrifício e responsabilidade que eles exercem. A construção da masculinidade trans é bem diferente da que conhecemos. Nas vidas dos homens trans que são mães e pais,

decidir ter o filho implicou na construção de uma identidade híbrida, que mistura as identidades de mãe, pai e homem. Nas histórias, o compromisso com a maternidade transcendeu barreiras, e ressignificou a ligação entre maternidade e feminino, e paternidade e masculino.

As masculinidades construídas pelos homens trans que são mães, desafiam as fronteiras do corpo, porém esbarram nas intensas cobranças sociais relacionadas à maternidade, as quais muitos não se sentiram no direito de negar. Porém, apesar do caráter compulsório da maternidade, nenhum dos interlocutores negou a sua vida pregressa como mulher, ao contrário, eles utilizam essas experiências como um marco fundamental para construção de suas subjetividades masculinas. Eles buscam construir masculinidades que rompem com a violência contra o corpo feminino, e participam ativamente da criação dos filhos.

Para analisar as famílias formadas pelos homens trans, são utilizadas reflexões teóricas nas quais o sexo, o gênero e a família são encarados como construções sociais que se modificam através dos tempos. A família tradicional organizou-se durante um longo tempo em função da transmissão do patrimônio, determinada pela linhagem de sangue e pelas alianças matrimoniais. Depois, o amor romântico foi inserido como elemento chave para a formação das famílias. Atualmente, orienta-se que a família seja formada com base no desejo, no amor e no prazer trocados entre os membros. O laço biológico continua sendo uma das principais formas de delimitar o conceito de família em diversas sociedades humanas na contemporaneidade, mas a legitimidade do parentesco também depende de outros aspectos, tais como classe, sexo, origem étnica ou regional e orientação sexual (FONSECA, 2003).



No imaginário social, gravidez e masculinidade estão em pólos opostos, e a gravidez é uma das principais diferenças entre homens e mulheres cis. Ser mãe e tornar-se homem embaralha toda a lógica parental binária, que aprisiona a gravidez como um atributo constitutivo do que se entende como mulher, que muitas vezes se confunde com ser mãe. Os entrevistados desta pesquisa vivenciaram essa desvinculação entre a performance feminina e a maternidade, o que não ocorreu sem enfrentamentos, como veremos ao longo deste trabalho.

A coleta dos relatos para a realização desta pesquisa se deu por meio de entrevistas individuais em profundidade, abertas, mas apoiadas por uma pauta com alguns temas disparadores do diálogo entre o entrevistado e a pesquisadora. As entrevistas foram realizadas em um único encontro, e foram complementadas por algumas conversas e encontros informais com os entrevistados, em suas casas e em espaços de sociabilidade. A privacidade dos entrevistados foi preservada, e esta pesquisa foi cadastrada e aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa do Instituto Fernandes Figueira.

Esta tese está dividida em cinco capítulos: (1) A presente introdução, onde apresentei as principais questões e o contexto de realização desta pesquisa; (2) Caminhos metodológicos, onde explico de forma detalhada como alcancei os entrevistados e como analisei as narrativas coletadas; (3) Quadro Teórico, onde trabalho as teorias que versam sobre heteronormatividade, masculinidade, gravidez e desigualdades de sexo-gênero, temas estes que tratam de questões que atravessam as experiências contadas; (4) Resultados e discussão, onde são apresentados os entrevistados, suas histórias, e as análises que resultaram da interseção entre as narrativas e as questões teóricas, a saber, gravidez e heteronormatividade e construção da masculinidade e da parentalidade; (5) Considerações finais, onde

sintetizo as principais questões trabalhadas nesta tese, assim como aponto os seus limites e possíveis desdobramentos.

## **2 CAMINHOS METODOLOGICOS**

### **2.1 Inserção no universo da pesquisa**

Quando ingressei no curso de doutorado, eu pretendia estudar tecnologias de modificação corporal e seus impactos nas vidas de pessoas trans e intersexo. Porém, logo nas primeiras interações com o campo, ainda no primeiro semestre do doutorado, houve uma mudança tanto da minha perspectiva como pesquisadora quanto da temática a ser estudada.

Em 2017, já interessada pelo universo das subjetividades trans, mas ainda sem clareza sobre meu tema de pesquisa, comecei a frequentar uma roda de conversa com usuáries de um serviço de referência do processo transexualizador. A proposta desse espaço de diálogo partiu de uma das psicólogas que lá atende, em conjunto com outras profissionais, todas pesquisadoras das temáticas de gênero e sexualidade.

Em março daquele ano iniciaram-se as reuniões com pessoas trans que faziam acompanhamento naquele local. Na primeira reunião, todes se apresentaram, e disseram seu nome, escolaridade, profissão e o motivo de estarem ali. Acredito que o ambiente institucional, de certa forma, favoreceu que a presença de pesquisadoras fosse compreendida com naturalidade e tivesse boa recepção. Ao longo das cinco reuniões que participei (29 de março, 26 de abril, 31 de maio, 28 de junho e 12 de julho), pude começar a observar o universo de pesquisa em que estava me inserindo.

No primeiro encontro verificou-se que o grupo de conversa era uma proposta legítima e necessária para os assistidos. A resposta foi positiva, na medida em que disseram ter gostado da ideia de terem um espaço de interação onde pudesse haver debates de vários tipos. As reuniões não foram temáticas, não havia nenhuma obrigação de ir, ou qualquer vinculação com o tratamento.

Em um primeiro momento, os relatos se centraram nas dificuldades enfrentadas pelas pessoas trans no SUS, tais como a falta de medicamentos, a longa distância entre o ambulatório e seus domicílios, e a inexistência de lugares que ofereçam os serviços que eles necessitam. A questão da identificação civil também era um tema frequente e havia bastante demanda de informações sobre o procedimento.

Havia muita rotatividade no grupo, de modo que dificilmente eram as pessoas em cada reunião. Se, por um lado, isso não permitia um contato mais aprofundado, por outro lado, abria para uma diversidade de relatos. Inicialmente, as mulheres trans eram mais atuantes; elas logo se apresentavam e contavam suas histórias. Porém, ao longo dos meses o número de pessoas na roda de conversa reduziu de um modo geral e houve uma mudança no público: a presença das mulheres trans foi diminuindo, enquanto a dos homens trans aumentou.

Com uma maior presença dos homens trans outras temáticas surgiram nas reuniões, tais como: família (como fonte de problemas ou apoio); uso de hormônios por conta própria, frequentemente associados à chegada ao ambulatório em busca de um uso mais seguro e com acompanhamento médico; acesso a banheiros públicos; passabilidade; as disparidades entre o discurso da militância e as experiências pessoais; estereótipos e questão geracional; mercado de trabalho – dificuldade de arrumar empregos formais e o preconceito dos chefes e contratantes; casos de preconceito transfóbico extremo, com violência física e simbólica; questão reprodutiva

dos homens trans – vontade de engravidar; transitar e engravidar como uma decisão conflituosa; relato de um intersexual e a questão intersexo; a importância de trocar experiências sobre diferentes vivências corporais trans para compreender o próprio corpo.

Entre esses temas, muitos já haviam sido bastante trabalhados na literatura sobre transexualidade com que eu estava tendo contato, exceto as temáticas relacionadas à família e às questões reprodutivas. Também na literatura consultada nas bases de dados de trabalhos científicos, pude constatar que pouquíssimos trabalhos sobre transexualidade abordavam a temática da transexualidade masculina. Portanto, comecei a perceber que havia um grande vácuo de conhecimento sobre os homens trans, e esse vácuo era ainda maior no que diz respeito à interseção entre homens trans e questões reprodutivas. Nessa mesma época, entrei em contato com parte da obra de Paul B. Preciado, o que me possibilitou um conhecimento maior sobre a substância testosterona e as dificuldades do trânsito do feminino para o masculino, à luz das críticas do campo de estudos de gênero.

Pesquisando sobre as questões reprodutivas dos homens trans, tomei conhecimento do debate acerca do processo transexualizador culminar na esterilidade dessas pessoas (ANGONESE E LAGO, 2017), pois, para realizar a transição com cirurgias e hormônios, era preciso renunciar a inúmeros caracteres de sexo-gênero que fazem parte do sistema reprodutivo. Ovários, úteros, seios, todos órgãos que são frequentemente pensados como tendo uma única função: produzir e prover um bebê.

No processo transexualizador masculinizante, são esses os órgãos alvo das intervenções, pois são os responsáveis pelas características ditas “femininas” e estão intimamente ligadas à maternidade. No caso dos homens trans, eu já sabia, pelas reuniões que frequentei, que muitos tinham gerado filhos e que houve casos de

gestações que ocorreram antes e depois da transição, por diversos motivos, acidentais ou planejados. Logo percebi que não havia nada óbvio sobre esse tema e que o cruzamento entre reprodução e sexualidade, que parecia uma questão suficientemente estudada no campo do gênero e da sexualidade heteronormativo, tomava uma dimensão completamente diferente no caso dos homens trans. Então, comecei a me perguntar sobre a aparente contradição entre masculinidade e gravidez, e decidi que elaboraria o meu trabalho a partir desse questionamento.

Passada a parte mais complexa de delineamento da minha questão de pesquisa, e de porte dos meus objetivos, pensei em maneiras de me aproximar mais dos homens trans. Nos ambientes LGBTQIA+ que eu conhecia raramente eu os tinha visto antes, então comecei a buscar eventos sobre homens trans como forma de aproximação. No primeiro semestre de 2018 fui a um evento de homens trans, porém lá não havia espaço para falas de pessoas cis e os presentes não pareciam muito abertos para participar de pesquisas, tratando-as de maneira negativa em suas falas.

Precisei então levar a busca para outros espaços, e percebi que os homens trans estavam em diversos lugares, porém muitas vezes indistinguíveis dos homens cis em uma primeira mirada. Sentada com uma amiga em um bar de um bairro de classe média do Rio de Janeiro, em um dia de jogo da Copa do Mundo, um homem trans pediu para sentar-se na nossa mesa. Minha amiga é uma mulher lésbica que usualmente veste roupas masculinas, e Adriano nos disse que parecíamos ser as únicas pessoas com quem ele podia conversar naquele bar. Consentimos e ele se sentou.

Adriano é funcionário público, tem por volta de 40 anos, não toma hormônios, tem passibilidade masculina e se reconhece como homem trans, porém ele disse não se importar quando é tratado como lésbica masculina. Falei para ele sobre a minha

pesquisa e ele disse que achava interessante, mas que nem lhe passava pela cabeça engravidar. Mesmo assim, começou a falar um pouco de sua história. Ele se identificou por um longo tempo como lésbica e disse que havia pouco tempo que ele se identificava como homem trans. Ele estava pensando em tomar hormônios, mas ponderava por questões de saúde e por já ter uma alta produção de testosterona. Ele dizia não se importar com a confusão que sua identidade gerava e me disse que achava que a transição era um processo longo, que estava se iniciando para ele. Não nos falamos mais depois desse dia, porém foi fundamental ter conversado com um homem trans fora do espaço virtual e institucional. A partir desse encontro pensei sobre como a passabilidade é relativa, e como há uma aglutinação inevitável entre corpos que destoam da heteronormatividade. Talvez sem a presença da minha amiga a minha interação com Adriano não tivesse ocorrido.

Seguindo com minhas inquietações, me aprofundei mais na busca de grupos virtuais sobre homens trans. Vi que muitos dos grupos de interação são fechados ou secretos, e eu estava muito receosa de ser invasiva nos poucos grupos em que eu podia estar. Sobre o que eu falaria? Como eu poderia iniciar um tópico de discussão em grupo com os homens trans, se eu ainda sabia tão pouco sobre eles? Foi então que, nos comentários de um grupo, vi um rosto conhecido. Era Milton, um conhecido da época da adolescência, que havia se tornado médico. Ele é homem trans e atende majoritariamente outros homens trans como forma de ativismo. Falei com ele sobre a pesquisa, e ele se ofereceu para divulgar a pesquisa entre os moços que ele atendia.

Essa foi, inclusive, a principal forma de captação dos interlocutores, que corresponde a uma técnica conhecida como “bola de neve” (snowball sampling), que consiste em buscar redes de indicação através de informantes chave do universo de pesquisa. Essa forma de acessar os sujeitos é de grande utilidade quando o universo

de pesquisa é construído por grupos difíceis de serem acessados ou estudados e que não possuem dados estatísticos que definam sua quantidade (HANDCOCK E GILE, 2011).

A partir do texto que enviei para que o Dr. Milton divulgasse a pesquisa, elaborei um anúncio chamando participantes para a pesquisa nas redes sociais. Comecei também a lançar a minha imagem como pesquisadora em todos os ambientes de sociabilidade em que circulo. A partir disso, comecei a ser apresentada junto com a minha pesquisa em muitas situações. Numa dessas, em um aniversário a que fui, conheci uma pessoa que me passou o contato de um colega trans que estava iniciando sua transição. Fausto tem 32 anos, e há pouco tempo tinha conseguido vaga no processo transexualizador do SUS. Ele disse que sempre se sentiu homem, e passou a vida com medo do que as pessoas pensariam de sua transição, mas agora estava disposto a se aceitar e adequar o seu corpo à maneira com que ele se sentia. Para ele, as questões afetivas, relacionadas ao desejo de se relacionar com mulheres heterossexuais, também tinham bastante relevância em sua decisão de transicionar. Ele foi bem objetivo em dizer que não poderia participar da pesquisa, pois não tinha planos de engravidar. Ressaltou, porém, que o fato de ter essa capacidade era algo que o fazia pensar no que fazer com isso um dia. Ele pediu indicações de grupos e rodas de conversa sobre homens trans, e eu o coloquei em contato com um colega que podia lhe dar as informações de que ele precisava, e nosso contato se encerrou ali.

Após algum tempo insistindo e divulgando, uma colega também pesquisadora me passou o contato do primeiro homem trans e pai disposto a participar. A pesquisa ainda estava sendo aprovada pelo comitê de ética em pesquisa, e os meus primeiros contatos com o entrevistado foram conversas informais e algumas interações virtuais.



Depois dessa primeira conversa foram surgindo outros entrevistados, e após a aprovação da pesquisa pelo comitê de ética em pesquisa, comecei a realizar as entrevistas.

Foram realizadas oito entrevistas, em três cidades das regiões brasileiras sul e sudeste: Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Foram entrevistados sete homens trans que já engravidaram, e um homem trans que planeja engravidar, conforme detalhado abaixo.

Quadro 1 – Dados dos entrevistados

Data da entrevista	Nome	Idade	Raça	Residência	Local de nascimento	Escolaridade	Atividade laboral	Idade da primeira gestação	Início da transição corporal	Mora com a criança?	Experiência como mãe ou pai, ou os dois?
14/07/2019	Ítalo	25	Negro	Rio de Janeiro	Belém do Pará	Ensino Médio	Captador de doações em projeto social	19 anos	Com 24 anos, em 2018	Não	Mãe e pai
15/07/2019	Eustáquio	28	Branco	Rio de Janeiro	São Paulo	Ensino Médio	Recepcionista	20 anos	Com 24 anos, em 2015	Teve um aborto espontâneo	Não se aplica
19/07/2019	Guto	22	Branco	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Superior, cursando	Bolsista	15 anos	Com 18 anos, em 2015	Não	Pai
14/08/2019	Nilton	33	Branco	Porto Alegre	Porto Alegre	Superior completo	Programador de software	26 anos	Em 2017, com 31 anos	Sim	Mãe e pai
18/08/2019	Belisário	30	Branco	Porto Alegre	Porto Alegre	Ensino Médio completo	Monta equipamentos para eventos de grande porte	20 anos	Em 2016, com 27 anos	Não	Mãe e pai
08/09/2019	Carlos	35	Branco	São Paulo	São Paulo	Ensino Médio incompleto	Barbeiro	15 anos	Em 2017, com 33 anos	Sim	Avohai, mãe e pai
01/11/2019	Luan	22	Negro	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Ensino Médio incompleto	Desempregado	18 anos	Em transição no momento da entrevista	Sim	Mãe e pai
10/08/2019	Dorival	28	Branco	São Paulo	São Paulo	Ensino Médio completo	Recepcionista	Não se aplica	Em 2015, 24 anos	Planejava engravidar	Não se aplica

As entrevistas foram realizadas entre junho e novembro de 2019, em locais escolhidos pelos entrevistados, nos dias e horários mais convenientes para eles. Além das entrevistas, tive conversas informais com alguns deles em suas casas ou em espaços de sociabilidade. Ademais, muitas das entrevistas foram feitas na presença dos filhos e/ou companheiras dos entrevistados, em espaços domésticos e públicos. Esses momentos me aproximaram um pouco mais dos entrevistados e de seus modos de vida, e contribuíram para a interpretação dos relatos sobre engravidamento e parentalidades.

## **2.2 A pesquisa com relatos orais**

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa e utiliza o método de estudo de relatos orais. Becker (1999) considera que a história de vida não é um “dado”, no sentido dado a essa palavra pela ciência social convencional, nem tampouco é uma biografia ou autobiografia convencional. O autor ressalta que a história de vida é um meio de apresentar a interpretação dos sujeitos sobre as questões de interesse sociológico presentes em sua narrativa, e cabe ao pesquisador o questionamento aprofundado dessas questões (BECKER, 1999).

Para Queiroz (1991), através dos relatos orais podemos acessar “o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu” (1991, p. 6). Esse método possibilita o conhecimento de realidades pormenorizadas do tecido

social, principalmente quando existem poucos dados sobre determinada forma de vida, como é o caso dos homens trans que engravidaram.

No que diz respeito às questões teórico-analíticas que dão norte a este trabalho – as dimensões subjetivas e objetivas das decisões reprodutivas; as noções de família e de parentesco; a potência corporal e sua variabilidade; identidade e identificação nas coordenadas sexo/gênero como questões cambiantes –, os relatos das histórias de vida ofereceram, de maneira mais abrangente, as pistas para a compreensão da complexidade do fenômeno da gravidez em homens trans.

Nos dias atuais, a utilização de relatos orais como materiais de pesquisa é bastante utilizada em pesquisas qualitativas. Após um longo período de críticas e reformulações, pesquisadores como Franco Ferrarotti (1991) e Daniel Bertaux (2010), se destacam por terem extensa produção utilizando o método, e por insistirem em utilizá-lo ao longo de suas carreiras, a despeito das acusações de falta de validade e confiabilidade científica nos tempos em que o positivismo tinha forte influência nas ciências humanas. Ferrarotti (1991) critica o método quantitativo, que sempre lhe pareceu insuficiente:

No início dos anos 50, tendo-me interessado pelas consequências humanas do desenvolvimento econômico e da modernização tecnológica, comecei a recolha sistemática de dados biográficos no Sul de Itália. Era minha intenção, ou antes, minha esperança, encontrar por meio deste tipo de pesquisa uma solução positiva para as inadequações da investigação sociológica organizada em torno de questionários rigidamente estruturados (FERRAROTTI, 1991, p. 1).

Esses autores são referências recorrentes na bibliografia sobre a utilização de histórias de vida como principal fonte em uma pesquisa, principalmente quando se pretende argumentar em defesa da utilização de relatos orais como um material fundamental para o estudo da sociedade. Pierre Bourdieu tornou-se também uma importante referência. O sociólogo foi um importante crítico do método, como vemos

no Texto a Ilusão Biográfica de 1986 (BOURDIEU, 2006 [1986]), apontando os riscos de manipulação das histórias para atender os interesses dos pesquisadores, e expressa o seu temor de que o senso comum fosse “contrabandeado” para o interior das pesquisas sociológicas retirando-lhes, o caráter científico. Chama atenção a insatisfação do autor com a tendência literária das narrativas, uma característica marcante da contação de histórias de um modo geral, onde a intenção não é a de criar fatos inexistentes, mas sim gerar inteligibilidade para as memórias trazidas.

Bourdieu não condenava o estudo das biografias, ao contrário, o estudo de materiais biográficos foi um de seus importantes procedimentos de trabalho. O autor, no entanto, preferia falar em trajetórias de vida, ao invés de histórias de vida, como forma de se distanciar da perspectiva de Bertaux, por não confiar no caráter científico dela - como já mencionado - mas também por compreender que a história de vida traria a ideia de uma sequência cronológica e lógica dos acontecimentos trazendo um sentido teleológico que é inexistente (BOURDIEU *et al.*, 2007 [1968]).

As questões trazidas por Bourdieu são fundamentais, porém não foi meu objetivo nesta tese discutir os pormenores terminológicos e as disputas conceituais dos autores em jogo. Me pareceu mais interessante usar os termos relatos orais, narrativas de vida ou histórias de vida de forma indiferenciada entendendo que eles todos significam que o que os sujeitos estão relatando não são apenas acontecimentos pontuais de suas vidas, mas suas próprias existências e identificações sociais marcadas pelos encontros da vida - as histórias de vida - e que quaisquer acontecimentos narrados são, sempre, construções realizadas a posteriori sem linearidade ou sem um todo coerente. São relatos, histórias, ficções, em um certo sentido, que não invalidam o que foi dito, porque não há interesse de conhecer “o que

realmente aconteceu”, mas o que se tornou lembrança para os entrevistados. São essas lembranças que dizem sobre suas experiências.

Entendo esses relatos individuais, no entanto, à maneira de Bertaux (2010) como narrativas de uma memória que não é apenas individual, mas expressões de uma experiência individual atravessada pelo social. É também essa perspectiva que Pollak (1992) afirma ao dizer que a memória é um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações e mudanças constantes.

Inicialmente, a escolha pela utilização dos relatos de pessoas “comuns” em um estudo científico estava, entre outras coisas, associada à busca por compartilhar as experiências de “pessoas destituídas do poder de escrita e documentação de si”, uma intenção que me aproximava da segunda geração de historiadores orais que se reportavam às minorias e aos marginalizados no intuito de apresentar novas versões dos acontecimentos às versões oficiais “dos notáveis” (ATAÍDE, 2016). No entanto, rapidamente essa ideia de que os trans seriam destituídos de poder de escrita e documentação de si e de que meu estudo ajudaria a construir teorias sobre violências e precariedades como um passo na direção da reparação do status de sujeito dos indivíduos estigmatizados se desfez e deu lugar ao grande interesse de ouvi-los em suas biografias como forma de me fazer tocar pelas ricas histórias que engendram singularidades potentes ao mesmo tempo em que expõem retratos do mundo social. Já não são tão poucos os trabalhos sobre trans realizados por trans, nem são tão raros os seus relatos nas redes sociais ou em livros autobiográficos, e a expressão social dos trans ganhou um pouco mais espaço na contemporaneidade.

Ademais, a despeito das boas intenções dos pesquisadores, algumas opressões presentes no mundo social são reproduzidas na realização, preservação e divulgação das pesquisas. Quando os sujeitos pesquisados possuem trajetórias “fora

da norma”, é também comum que haja a fabricação de pressupostos sobre o universo pesquisado a partir do que é relatado na pesquisa, como observa o sociólogo Pierre Bourdieu (1998) em “A miséria do Mundo”.

Estive atenta, em todo o caminhar da pesquisa à observação de Bourdieu, ao mesmo tempo em que tinha claro para mim, como já mencionado anteriormente, que neste trabalho eu estava valorizando as experiências vividas do entrevistado sem buscar uma objetividade na recuperação das memórias, ou um relato supostamente fiel, e considerando, ainda que a minha forma de reproduzir os relatos não estava isenta da minha própria subjetividade. Havia sim, uma cumplicidade entre aquele que dizia e eu, que escutava, sem qualquer pretensão de neutralidade. Partindo disso, pude analisar o meu encontro com eles, e as questões que emergiram do nosso diálogo.

### **2.3 Procedimentos de análise das entrevistas**

Para interagir com o corpus de análise, e extrair um nível elevado de entendimento das mensagens contidas, o material foi tratado a partir da análise de conteúdo temática, de acordo com o procedimento elaborado por Gomes e Nascimento (2006) empregando esta técnica: (a) leitura das entrevistas selecionadas; (b) identificação das ideias centrais em cada relato; (c) classificação das ideias em torno de núcleos de sentido; (d) classificação dos núcleos de sentido em eixos mais abrangentes (temas) em torno dos quais giravam as narrativas (e) redação das sínteses interpretativas de cada tema. Para a organização da interpretação do corpus,

o núcleo de sentido e o tema integraram “um mesmo processo analítico, sendo o primeiro o ponto de partida para estabelecer-se o segundo”(2006. p. 903). Portanto, o tema está sendo entendido como uma categoria mais ampla que pode incluir mais de um núcleo de sentido.

A análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido presentes nos relatos, para que se possa identificar as unidades de significação e de aparição correspondentes ao objetivo analítico escolhido. O tema é a “unidade de significação” que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura. De posse do material, os temas que surgiram foram referentes às *experiências de gravidez que divergiam das expectativas heteronormativas e referentes às construções das masculinidades e das parentalidades.*

O projeto foi devidamente cadastrado na Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa do Instituto Fernandes Figueira (Anexo II). A participação de todos os sujeitos foi voluntária e sob a condição de que lessem atentamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I) para que pudessem assiná-lo. Foram garantidos o sigilo sobre a identidade dos participantes e a confidencialidade de suas informações pessoais. O risco de exposição será reduzido pela substituição por nomes fictícios, garantindo sua privacidade e anonimato. Como resultado da pesquisa, almeja-se possíveis publicações em revistas científicas e congressos acadêmicos, bem como a elaboração desta tese de doutorado. A participação dos interlocutores não acarretou custos. Também não houve nenhuma forma de pagamento pela sua participação. É garantido o direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.



### **3. QUADRO TEÓRICO**

#### **3.1 Relações de poder e expressões das masculinidades: do patriarcado à perturbação dos sexos-gêneros**

De acordo com Judith Butler (1990), há uma grande disputa narrativa em torno do corpo sexuado com a finalidade de determiná-lo. Os Estados modernos organizam-se em torno de um sistema binário de sexo-gênero, a heteronormatividade, que determina, através das genitálias, as preferências afetivo-sexuais e comportamentos dos sujeitos. Nesse sistema, a vinculação entre sexo, gênero e desejo é a principal chave de inteligibilidade utilizada para interpretar, interpelar, e também controlar os corpos humanos, que nascem já inseridos em um campo discursivo heteronormativo e, por consequência, constroem-se como sujeitos com base nesse sistema.

Segundo Foucault (2003), o sexo binário foi construído como verdade sobre o corpo ao longo do século XIX, período este em que a medicina científica, com a chancela do Estado, lançou mundialmente a teoria dos dois sexos como o verdadeiro discurso sobre o corpo humano, fixando as características corporais e comportamentais que devem representar corretamente o sexo (ROHDEN, 1998). Essa visão tornou hegemônicas as formas de compreensão que universalizam as práticas heterossexuais e as identificações de gênero binárias, que devem ser congruentes com as classificações pautadas nos caracteres biológicos como verdade. Além de mostrar como o sexo binário foi construído como verdade sobre o corpo, evidenciando, por um lado, a relação estabelecida entre sexo e corpo e, por outro, que o sexo não é, em absoluto, um dado inquestionável, Foucault (2003) demonstra como

na modernidade o sexo “verdadeiro” passa a ser signo da verdade do sujeito. Preocupado com as relações entre sexo, verdade, corpo e poder, Foucault está dizendo que a sexualidade se torna o local do desdobramento de um desejo que revela a verdade do sujeito desejante. Através da confissão sobre os desejos e as práticas sexuais, o sujeito, supostamente, conheceria a si mesmo com a ajuda de “especialistas do sexo”.

Para demonstrar que os “tipos humanos” nem sempre foram repartidos dessa forma, Thomas Laqueur, em seu livro *Inventando o sexo: dos gregos a Freud* (2001), demonstra como a concepção de sexo variou dentro do pensamento filosófico e científico em diferentes momentos históricos. Nessa obra, o caráter situacional e interpretativo dos sexos é clarificado, fazendo-nos compreender as classificações sexuais como constructos que operam dentro de um “campo de relações entre gênero e poder”. O autor explica como a noção grega de sexo único – hierarquicamente expressa de acordo com a quantidade de calor presente em cada corpo, segundo a qual as mulheres são mais frias e os homens, mais quentes – foi substituída pela concepção binária de sexo, segundo a qual homens e mulheres pertencem a espécies humanas diferentes e incomensuráveis, cada uma com um tipo corporal específico.

A partir daí, o dimorfismo sexual foi tomado como base das diferenças sociais e culturais entre os seres sexuados e os homens e as mulheres passaram a ser lidos a partir das determinações biológicas específicas dos seus corpos. Nesse período, o tipo masculino da espécie humana foi significado como a “imagem mais positiva que a civilização ocidental fez de si própria” (OLIVEIRA, 2004, p. 281). A força, a honra, a coragem, a autoridade, a opulência e diversas outras características ligadas ao poder e ao domínio de recursos materiais e imateriais estavam ligadas ao masculino (idem).

Na segunda metade do século XX, a obra de Simone de Beauvoir evidenciou o caráter construído dos tipos sexuais e a dominação discursiva dos homens em relação às mulheres, as quais eram por eles descritas como “o Outro” em relação ao humano universal representado pelo masculino (VIVEROS, 2018). O modelo de masculinidade questionado por Beauvoir tem base iluminista e burguesa e se consolidou nos séculos XVIII e XIX. Esse modelo de homem, apesar de se referir supostamente a todos os seres humanos, tomava a figura masculina como ideal de perfeição, enquanto o tipo feminino era visto como inferior e dotado de pouca racionalidade.

Tal pensamento está explícito nos escritos de diversos filósofos iluministas, entre os quais pode-se destacar Jean-Jacques Rousseau, David Hume e Adam Smith, que descreveram em seus trabalhos o que era a mulher e quais funções elas deveriam ter na sociedade (GOMES, 2011). O homem “racional”, inventor da filosofia e da ciência e que pregava a igualdade para todos perante a lei, descreveu a si mesmo como um modelo ideal de ser humano e descreveu a mulher como um tipo submetido a ele.

Essa relação de submissão, contudo, não foi inventada pelos homens iluministas; a novidade dessa época foi precisamente tentar justificar as desigualdades sociais com base na natureza por meio do uso da ciência. Os sistemas sociais liderados por homens, chamados de patriarcais, são estudados profundamente em diversos campos das humanidades. Para os autores contratualistas e para alguns sociólogos, esse é o regime em que o pai cumpre a função de chefe da família e tem poder sobre ela, de maneira que toda a comunidade sob esse regime é comandada pelos patriarcas, tal como na monarquia, por exemplo.

Nos estudos feministas, o patriarcado é compreendido como o sistema em que os homens têm mais direitos do que as mulheres apenas por serem homens e também como o sistema que expropria a força de trabalho da mulher por meio do trabalho doméstico e do controle das capacidades reprodutivas femininas, sendo tomado como a principal fonte da opressão que as mulheres sofrem (SAFFIOTI, 1979). Ao longo do século XX, contudo, depois das Grandes Guerras, o domínio sobre as capacidades reprodutivas femininas e sobre a sua força de trabalho se modificaram consideravelmente com o advento da pílula anticoncepcional, que transferiu o controle da fertilidade do pai para as mulheres e os médicos, inaugurando uma nova forma de gestão dos corpos e das famílias (PEREIRA, 2016). O “patriarcado” foi se transformando conceitualmente, saindo da esfera tradicional, em que a figura do patriarca era assegurada socialmente de maneira explícita, por seu direito natural sobre a família e a propriedade, para formas moleculares de patriarcalismo, donde as figuras masculinas garantem seus micropoderes pelo exercício do poder em forma de violência em maior ou menor grau. Para Castells (2010), o “fim do patriarcalismo” é fortemente expresso pela “crise” do modelo familiar patriarcal.

Apesar de esse modelo ainda ser uma realidade em diversas partes do mundo, ele já não é mais encarado como “universal”, como foi em outros tempos, e convive com outros modelos em que o homem não é simultaneamente o pai e o chefe do grupo familiar e não detém mais o poder total sobre esse grupo.

Antes atrelada à divisão sexual do trabalho, a paternidade se fundia à capacidade de prover financeiramente a família, independentemente da relação concreta do pai com seus filhos e filhas. Atualmente, o leque de atributos que integra a paternidade cresceu, em especial no que diz respeito ao tema do cuidado (MOREIRA e TONELI, 2013, p. 390).

Diversos mecanismos jurídicos e simbólicos, entretanto, tentam reafirmar a responsabilidade patriarcal como ideal, donde a figura do “chefe” de família é performada por uma diversidade cada vez maior de figuras familiares, como ocorre nas famílias monoparentais em que existe a figura da “mãe solteira”, por exemplo.

Desde a década de 1970, diversas correntes feministas de cunho liberal buscam equiparação com os homens através da luta por “igualdade de gênero no plano jurídico, nos meios de comunicação, no seio do Estado e no trabalho” (VIVEROS, 2018, p. 38). Para muitas mulheres, porém, essa busca por igualdade soava como uma eterna corrida desvantajosa, sem que houvesse uma explicação clara que justificasse a vantagem masculina e a persistência do modelo patriarcal nos Estados modernos. A questão que se colocava então era se seria preciso fazer uma indagação mais profunda sobre o que era um homem. Tal questionamento partiu das correntes feministas chamadas de “diferencialistas”, “feministas maximalistas”, “nacionalistas”, “feministas da diferença”, ou “feministas culturais” (BADINTER, 1993; VIVEROS, 2018). De acordo com Badinter, essa corrente:

nasceu no final da década de 1970, das decepções causadas pelo feminismo universalista, amplamente dominante desde Simone de Beauvoir, que preconizava uma política de mixagem com base numa filosofia da semelhança (1993, p. 24).

A autora diz que, a partir das críticas feitas pelas feministas diferencialistas, houve uma constatação de que “as mulheres pouco haviam ganhado” com o feminismo, pois foram introduzidas - muitas sempre estiveram - de maneira precarizada no mercado de trabalho, continuavam responsáveis pelo lar e sofriam uma “pressão sexual masculina mais forte do que nunca” (BADINTER, 1993, P. 25). Nessa perspectiva, a igualdade entre homens e mulheres parecia algo inatingível, devido às grandes diferenças biológicas e psicológicas entre os dois.

Ainda que calcadas em aspectos biologizantes e psicologizantes, bases muito criticadas nos dias de hoje, essas feministas “estimularam a reavaliação da feminilidade, opondo-se à subvalorização androcêntrica e sexista do mérito das mulheres e de seus corpos e emoções” (VIVEROS, 2018, P. 38). Destacam-se os trabalhos de Carol Gilligan, no qual a autora rejeita, “em particular, a teoria das fases do desenvolvimento moral, elaborada por Lawrence Kohlberg sobre um modelo masculino instituído como referência” (VIVEROS, 2018, P. 38); e também os trabalhos da psicanalista francesa Luce Irigaray e da poeta e ensaísta norte-americana Adrienne Rich, que sustentavam que a relação entre mãe e filha era “a quintessência do casal humano, o fundamento da força e da amizade entre mulheres e uma primeira resposta ao patriarcado que domina o mundo” (BADINTER, 1993, P. 25).

No campo do direito, uma das principais autoras é Catharine MacKinnon, que, em sua obra “Sexual harassment of working women: a case of sex discrimination”, colocou a opressão dos homens sobre as mulheres como a gênese de todas as opressões, pois a masculinidade era definida pela detenção de supremacia e poder e, portanto, não haveria possibilidade de igualdade sem que houvesse uma mudança radical dessa maneira de ser homem. Assim como a detenção do poder, para essa autora, a submissão sexual e reprodutiva das mulheres também caracterizava a masculinidade, e a única via para a libertação das mulheres era a mudança dos paradigmas sexuais (VIVEROS, 2018).

Ainda no esteio do feminismo radical, o “ecofeminismo” versava que havia uma ligação entre a guerra, a masculinidade militarizada e a depredação ambiental, vistas como reflexo de uma cultura masculinista (VIVEROS, 2018). Essas feministas defendiam o feminino como bastião da vida, enquanto o masculino seria a cultura da morte. Elas denunciaram o escrutínio médico sobre o ventre feminino e acreditavam

que a maternidade medicalizada era um artifício da dominação masculina sobre os corpos das mulheres (BADINTER, 1993).

Em oposição aos essencialismos biológicos e psicológicos, o feminismo construtivista buscou mostrar que as bases da hegemonia e do poder de violência dos homens eram de cunho social. Entre as feministas construtivistas, Viveros (2018) destaca a socióloga e psicanalista Nancy Chodorow, que, em seu livro “The reproduction of mothering”, de 1978, via na educação/socialização infantil, de responsabilidade quase que exclusivamente materna, as estruturas das desigualdades entre mulheres e homens. Para ela, era preciso uma maior participação masculina na criação dos filhos para que se criassem “estruturas de personalidade mais igualitárias” (CHODOROW, 1978 APUD VIVEROS, 2018).

A principal crítica ao feminismo construtivista é a ilusão da possibilidade de desconstrução dos hábitos masculinos, sem contar com a resistência masculina a essas mudanças. Viveros assinala que essas transformações sociais exigiam intensas transformações na vida dos homens e que, para reivindicá-las, é preciso não subestimar “o efeito da dominação social, das diferenças culturais e históricas e das diferenças entre os indivíduos de mesmo sexo” (2018, p. 39).

No fim dos anos 1980, porém, tais estudos ganharam novas discussões, muitas delas lançadas pelo feminismo negro, que evidenciaram a necessidade de trazer os homens negros para o interior da luta feminista, uma vez que a masculinidade negra era inferiorizada de diversas formas em relação às masculinidades dos homens brancos, que eram superiores econômica e juridicamente nos países de passado colonial (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2005; VIVEROS, 2018). A partir dessas novas críticas, o debate sobre a oposição entre homens e mulheres transformou-se, dando lugar às construções teóricas baseadas nas diferenças interseccionais – raça,

classe, idade e orientação sexual. Desse modo, as teorias universalistas tiveram os seus problemas expostos (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2005; VIVEROS, 2018).

Com a confluência dos questionamentos das diversas teorias feministas citadas anteriormente, começou-se a constituir um campo dos estudos sobre masculinidade dentro dos estudos de gênero feministas norte-americanos, os mens's studies. Esse campo pretendia compreender em igual complexidade as práticas masculinas e suas interações sociais.

Através da crítica à teoria dos papéis sexuais, os primeiros trabalhos dos men's studies constituíram as bases dos primeiros movimentos de homens feministas e antissexistas (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2005). As análises empreendidas por esse novo campo, que também incorporou as pautas do movimento gay, questionaram a hegemonia do modelo de homem branco e heterossexual através da proposição de um conceito que pudesse sintetizar as vantagens de certos homens. De acordo com Connell e Messerschmidt:

A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legítima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. Homens que receberam os benefícios do patriarcado sem adotar uma versão forte da dominação masculina podem ser vistos como aqueles que adotaram uma cumplicidade masculina. Foi em relação a esse grupo, e com a complacência dentre as mulheres heterossexuais, que o conceito de hegemonia foi mais eficaz. A hegemonia não significava violência, apesar de poder ser sustentada pela força; significava ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão (2005, p. 245).

O conceito de “masculinidade hegemônica” compartilha com as teorias do patriarcado a base marxista, compreendendo as relações entre homens e mulheres como semelhantes às relações hierárquicas de classe. Esse modelo, que enxergava



as desigualdades de gênero como estruturais, incorporou experiências de opressão em que o alvo da subalternização não eram somente as mulheres, mas também os homens gays. Estes, por desviarem do modelo hegemônico e, por vezes, aproximarem-se das performances femininas, eram vistos como uma subversão do corpo masculino e sofriam ataques físicos, mutilações, sanções jurídicas e outras mazelas.

Connell e Messerschmidt (2005) também ressaltam a importância de esse ser um modelo conceitual abstrato, em vez de descritivo, que pensava as relações de gênero como construções históricas sujeitas a mudanças. Além disso, Connell também considera que as relações de gênero estruturais devem ser vistas dentro das relações de poder, e de produção de vínculo emocional, que são norteadas pelo desejo sexual (VIVEROS, 2018).

Connell (1997) descreve quatro lógicas principais que regem os conceitos de masculinidade: a essencialista, que busca um eixo central masculino; a positivista, que diz de maneira pouco analítica que os homens “são o que realmente são”; a normativa, que fala sobre o que os homens deveriam ser; e a semiótica, que define a masculinidade a partir de diferenças simbólicas entre mulheres e homens, pelas quais o homem está ligado à autoridade e a mulher é representada pela ausência de autoridade (VIVEROS, 2018).

Nos estudos pró-feministas sobre masculinidade, destacam-se, além do trabalho de Raewyn Connell, as contribuições do sociólogo americano Michael Kimmel, fundador e diretor do Centro de Estudos dos Homens e das Masculinidades da Universidade Stony Brook (Nova York). Baseado nas teorias de dependência entre desenvolvimento e subdesenvolvimento dos países, segundo as quais a superioridade das grandes economias não só causa, mas também depende da existência de países

pobres para se afirmar, Kimmel (1998) pensou as “masculinidades hegemônicas” como dependentes dos tipos subalternos de masculinidade no que diz respeito às construções históricas de seus significados. Nesse sentido, “a masculinidade”, antes definida por uma espécie de superioridade biológica, tornou-se “as masculinidades”, que consistem em diversas interpretações do corpo dito masculino ou masculinizado e variam de acordo com questões como raça, classe e nacionalidade.

Uma importante questão estudada por Kimmel é a violência masculina. Historicamente, tanto a violência doméstica quanto a violência urbana são praticadas majoritariamente por homens e funcionam como uma prova de sua “superioridade”. Em sua análise sobre os contextos em que ocorrem essas violências, Kimmel (2008) afirma que a evidência da instabilidade da figura masculina e a consciência da falta de poder absoluto são questões relevantes para analisar o uso de violência por parte dos homens. Oliveira (2004) e Viveros (2018), concordando com uma vasta lista de autores (CONNELL, 1995; MOSSE, 1996; KIMMEL, 1992; MEDRADO E LYRA, 2008; NOLASCO, 1993; HALBERSTAM, 1998; PRECIADO, 2008), entendem que uma definição única e universal de masculinidade é uma simplificação excessiva que oculta as muitas nuances dos seres incluídos na categoria “homem”. Oliveira ressalta que, em vez de buscar por traços essenciais, o seu objetivo ao estudar as masculinidades foi:

discutir a sua importância, e características históricas, sua força de arregimentação social, sua imbricação com outros estratos, formas e sistemas simbólicos do *socius*, seu poder de indicar e orientar predicções, que definem, entre outras coisas, juízos perceptivos, cognitivos e estéticos (2004, p. 14).

Os autores supracitados, ao romperem com a definição natural, universal e perene de homem, buscaram outras maneiras de compreender o que constitui o ser masculino. Essas outras maneiras se materializaram na investigação das dimensões

simbólicas e imaginárias que estruturam a subjetivação masculina. Em outras palavras, em vez de se perguntar “o que é um homem” em termos absolutos e abstratos, é mais interessante compreender de que maneira os homens são/se fazem homens.

Welzer-Lang (2001) detecta em suas análises uma forte expressão da masculinidade/virilidade através do erotismo e do sexo e também do mundo dos esportes, que se configuram como importantes portas de entrada para o mundo dos símbolos masculinos.

Em nossas sociedades, quando as crianças do sexo masculino deixam, de certo modo, o mundo das mulheres, quando começam a se reagrupar com outros meninos de sua idade, elas atravessam uma fase de homosociabilidade na qual emergem fortes tendências e/ou grandes pressões para viver momentos de homossexualidade. Competições de pintos, maratonas de punhetas (masturbação), brincar de quem mijar (urina) mais longe, excitações sexuais coletivas a partir de pornografia olhada em grupo, ou mesmo, atualmente, em frente às strip-poker eletrônicas, em que o jogo consiste em tirar a roupa das mulheres... Escondidos do olhar das mulheres e dos homens de outras gerações, os pequenos homens se iniciam mutuamente nos jogos do erotismo. Eles utilizam para isso estratégias e perguntas (o tamanho do pênis, as capacidades sexuais) legadas pelas gerações precedentes. Eles aprendem e reproduzem os mesmos modelos sexuais, tanto pela forma de aproximação quanto pela forma de expressão do desejo (2001, p. 462).

No intuito de captar como a identidade masculina se constitui através de determinadas práticas, o autor analisou algumas formas de inserção dos homens em um dispositivo chamado pelo autor de “casa dos homens”. Tal construção teórica refere-se a espaços exclusivos de sociabilidade masculina onde, desde pequenos, os homens aprendem a se definir como tais, especialmente através de atributos e atitudes que os diferenciam das mulheres.

Nessa casa dos homens, a cada idade da vida, a cada etapa de construção do masculino, em suma, está relacionada uma peça, um quarto, um café ou um estádio. Ou seja, um lugar onde a homosociabilidade pode ser vivida e experimentada em grupos de pares. Nesses grupos, os mais velhos, aqueles que já foram iniciados por outros, mostram, corrigem e modelizam os que buscam o acesso à virilidade. Uma vez que se abandona a primeira peça,

cada homem se torna, ao mesmo tempo, iniciado e iniciador (Welzer-Lang, 2001, p. 462).

Para Welzer-Lang (2001), ao inserir-se nos espaços virilizantes, o iniciante na masculinidade deve aprender a respeitar as hierarquias, os códigos e os ritos de iniciação, que são muitas vezes perpassados pelo sofrimento e pela renúncia aos sentimentos como forma de provar-se homem. O “verdadeiro” homem é, em boa parte, construído a partir da ideia de virilidade como uma função natural do corpo masculino. Paul Preciado, na conferência “Las subjetividades como ficciones políticas”, gravada em Cartagena, em fevereiro de 2014, ressalta que:

“O regime soberano começa com os processos de colonização no século XV e se estende até mais ou menos o século XVIII. Diz Foucault que o que caracteriza esse regime é o fato de o poder soberano se expressar como o poder de conceder a morte. O soberano é soberano por ter o poder de dar a morte aos seus súditos. Digo-lhes que, até aqui, sigo a análise de Foucault. Creio, porém, que se faz necessário adicionar algum aviso ou nota de pé de página à sua obra, pois o que Michel Foucault oculta é que a figura política que encarna as formas soberanas de poder até o século XVIII, dentro desse regime que podemos denominar tanatopolítico, ou necropolítico, que se define pelas técnicas de morte e consiste também no manejo da violência como técnica fundamental de governo, não é unicamente a figura do rei; é também, de maneira estrita, e de maneira corporal, o corpo do macho” (transcrição e tradução minhas).

Nessas análises, o masculino está historicamente vinculado à virilidade, ao poder, à violência e à dominação. A relação entre masculinidade e violências de vários tipos – política, socioeconômica, conjugal, urbana – acompanha as vivências dos homens, que parecem estar sempre em busca de uma vida que “deixe marcas” (VIVEROS, 2018).

Desde os anos 1990, porém, tem-se adotado o uso do plural “masculinidades” com a intenção de indicar a queda do modelo único de homem e evidenciar a multiplicidade de práticas que informam a masculinidade como expressão de sexo-gênero de determinados sujeitos. Dessa forma, escapa-se da interpretação do

masculino como “superior” e “dominante” como dita o modelo universalizado de homem (CONNELL, 1995; KIMMEL, 1998). Não obstante, as reflexões sobre as masculinidades ainda falam majoritariamente das práticas universalizadas como masculinas, tais como a violência, o poder, o risco, a norma, a importância do pênis, a noção de falo, entre outras (VIVEROS, 2018). É importante ressaltar que o que entendemos por masculinidade no Ocidente é fruto de “complexas elaborações culturais”, especialmente as que ocorreram na transição das sociedades medievais para a modernidade (OLIVEIRA, 2004). Tal processo envolveu uma série de transformações sociais compulsórias e violentas que tiveram sucesso por meio da força dos exércitos e da garantia do cumprimento de diversas normas repressoras. Os braços militarizados garantiram a implantação do modelo estatal moderno através da “disciplinarização e brutalização dos agentes [masculinos] nelas envolvidos” (OLIVEIRA, 2004, P. 19). A relação entre masculinidade, poder e violências de vários tipos – política, socioeconômica, conjugal, urbana – acompanha historicamente as vivências masculinas (VIVEROS, 2018).

Nesse bojo, é interessante notar a novidade que os homens trans trazem ao reivindicarem tipos de masculinidades diferentes dos convencionais, pois eles foram nomeados mulheres ao nascer, e tornaram-se masculinos em um corpo considerado como alvo da opressão masculina. Os personagens desta pesquisa buscam se diferenciar da masculinidade cis pois não desejam reproduzir as violências que sofreram, alguns deles sofreram violência doméstica em relacionamentos com homens cis, e todos eles abordam a questão do assédio e violência a que eram expostos com um corpo feminino. Em quase todos os casos o pai cis das crianças não contribui com a criação ou contribui minimamente. Nesse sentido, as vivências transmasculinas se diferenciam em larga medida daquelas dos homens cis. Ainda

que, com o uso de tecnologias de modificação corporal, tais como hormônios e cirurgias, alguns homens trans se tornem muito semelhantes dos homens cis, suas subjetividades se constituem a partir de experiências e condições bastantes distintas.

### **3.2 Entre destinos e ficções encarnadas: performances transmasculinas**

A noção de uma identidade sexual fixa, baseada em características do corpo ao nascer, foi abalada a partir da década de 1990, quando foram introduzidas no campo acadêmico novas maneiras de pensar as supostas “funções naturais” às quais estaríamos submetidos. O corpo deixou de ser visto como dotado de núcleo essencial fixo, que seria o determinante máximo da identidade sexual. Essas novas maneiras de compreender o corpo foram inspiradas no comportamento de pessoas que expressavam através de seus corpos sua não identificação com as identidades de sexo-gênero binárias e heteronormativas.

Essas vidas foram lidas por alguns autores como o fim da “anatomia como destino”, ou seja, o fim do corpo como determinante de uma identidade única e constante (LE BRETON, 2003). Ortega, por seu turno, localiza as discussões sobre o corpo na “controvérsia entre uma posição que podemos chamar de ‘construtivista’, ou de ‘construtivismo social’, e outra que podemos chamar de ‘materialista’, ou ‘corporificada” (2008, p. 190). A primeira posição enxerga o corpo como fruto das construções sociais, rejeitando as normas que buscam justificação em supostas

funções naturais e biológicas; a segunda posição busca considerar o que se tem de experiência concreta com o corpo vivido, observando até que ponto é possível desconstruir determinadas práticas corporais no momento de construção das análises.

A queer theory surgiu como uma nova base teórica para os estudos das relações de sexo-gênero na década de 1990, tendo grande visibilidade com a obra “Gender trouble”, de Judith Butler, publicada em 1990. Nesse trabalho, a autora questiona o sistema binário de classificação humana, indicando que a matriz heterossexual é um sistema compulsório que impõe uma falsa coerência entre sexo, gênero e desejo, que seria supostamente determinada pela natureza.

Butler questiona também a separação pautada pelo feminismo de que o sexo é uma natureza imutável, enquanto o gênero seria o aspecto socialmente construído em torno desse sexo. Para ela, “a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (BUTLER, 1990, P. 25). Com essa afirmação, a autora busca evidenciar que o gênero não pode ser separado do corpo sexuado, pois ele é lido através das performances corporais que são regidas pelas “práticas reguladoras da coerência do gênero” (BUTLER, 1990, P. 48), ou seja, a maneira de expressar o gênero se dá em função de informar o sexo e o desejo sexual dos corpos humanos. Para a autora, o sexo é o próprio gênero, e ambos são socialmente construídos.

Nesse livro, Butler sintetizou as principais críticas ao feminismo, principalmente em relação à universalização da categoria mulher, que pautava a luta feminista como algo universal, porém não reconhecia que o modelo de mulher do feminismo não era o modelo no qual todas as pessoas designadas mulheres se reconheciam. O filósofo queer Paul B. Preciado na conferência “Las subjetividades como ficciones políticas”, gravada em Cartagena, em fevereiro de 2014, ressalta que:

As teorias queer não utilizam mais a noção de mulher e a diferença sexual como a categoria central que define a ação política, pois dizem que há um conjunto de “subjektividades excêntricas” que não podem ser simplesmente identificadas pela noção de mulher, e que buscam fazer política de uma maneira radicalmente distinta. Esse chamado aparece de maneira muito clara por parte de todos aqueles “microssujeitos do feminismo”, ou “sujeitos subalternos dentro do feminismo”, se assim os quiserem chamar. Esses que eram excluídos da batalha do feminismo, as mulheres não brancas, as mulheres lésbicas, as mulheres transexuais, as prostitutas, as trabalhadoras sexuais, as mulheres deficientes ou com diversidade funcional (transcrição e tradução minhas).

As pautas políticas que diziam representar as “mulheres”, portanto, na verdade defendiam o interesse de um grupo, e não de todas. O questionamento da categoria mulher já existia nos estudos feministas, expressivamente nos feminismos negro e lésbico norte-americanos, cujas militantes diziam que não se sentiam representadas pelo modelo de mulher do feminismo branco e heterossexual (LOURO, 1997).

Em relação às masculinidades, uma das principais conceituações queer é a de “masculinidades femininas”, elaborada por Jack Halberstam nos anos 1990. Halberstam trata de masculinidade e feminilidade como ações e atitudes que podem ser desempenhadas por todos os corpos humanos, e trabalha exemplos de corpos designados como femininos que buscavam nas masculinidades uma forma de viver, tais como as mulheres que vestiam ternos e gravatas na cultura butch dos cafés lésbicos europeus da década de 1920, a cultura drag king norte-americana e algumas personagens mulheres reconhecidamente masculinas presentes no cinema.

O autor, que falava de dentro das comunidades lésbicas norte-americanas, assinala que nos EUA a homossexualidade feminina foi primeiramente vinculada ao masculino dentro da normatividade médica e patologizante e, posteriormente, foi reapropriada pelos movimentos sociais de ativismo lésbico. Halberstam diz que a



masculinidade era descrita pelos médicos como uma espécie de fonte original do desejo sexual por mulheres; portanto, quando os estudiosos do sexo classificaram as práticas sexuais de mulheres com mulheres, o fizeram a partir do modelo heterossexual.

Essas hierarquias têm muitos desdobramentos para as pessoas trans, principalmente para os indivíduos que buscam expressar o sexo-gênero por meio do uso de hormônios sexuais e da realização de cirurgias, pois ao obterem um corpo muito semelhante ao que se entende como “natural” há uma falsa impressão de que esses indivíduos serão incluídos na heteronormatividade.

Nos campos jurídico, médico e psi (psiquiatria, psicologia), nomeou-se, primeiramente, de transexualismo, e depois de transexualidade, a condição dos sujeitos que experimentam o sentimento de si em desacordo com a atribuição discursiva que lhes foi imposta de acordo com os aspectos anatômicos. A origem dos termos remonta a obra do sexólogo alemão Magnus Hirschfeld “Transvestites – theerotic drive to cross-dress” (1991[1910]), onde ele estuda diversos casos do que ele nomeou travestismo, o uso de vestimentas do “sexo oposto” com finalidades eróticas. O transexualismo, porém, diferentemente do travestismo, dizia respeito às condições clínicas de alguns praticantes do travestismo, nas quais a vestimenta seria apenas um dos múltiplos aspectos que caracterizavam tal condição (LEITE JR, 2008). Os transexuais seriam as pessoas em conflito com o sexo de nascimento, portanto careciam de intervenções cirúrgicas e hormonais para “tratar” essa condição.

A partir da década de 1950 tal condição foi enquadrada como “fenômeno transexual”, e começou a ser complexificada pelo campo médico, em boa medida através das definições aventadas por Robert Stoller e Harry Benjamin. Nesse período, foram definidos os parâmetros para o diagnóstico da transexualidade “verdadeira”,

caracterizada principalmente por uma “inversão psicosexual total” e pela disforia de gênero (ódio ao corpo de nascimento), o que justificava o tratamento com cirurgias e hormônios (BENTO, 2006).

Para efeitos deste estudo, é importante observar que até o início de 2018, o termo transexualismo constava na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10) como um transtorno mental que afeta a personalidade e o comportamento (OMS, 1997). Na versão mais atual do manual, o CID-11, não aparece mais esse termo, mas sim “incongruência de gênero” que “é caracterizada por uma marcada e persistente incongruência entre o gênero experimentado pelo indivíduo e o sexo designado” pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2018).

O termo transexualismo integrava também, desde sua terceira versão, o Manual Diagnóstico e Estatístico das Desordens Mentais - DSM-3, de 1980 (American Psychological Association - APA, 1980), subsumido no grupo maior dos “Transtornos de identidade de gênero” (RUSSO E VENÂNCIO, 2006). Na quinta versão do DSM, de 2013, “Disforia de Gênero” passou a ser o nome do capítulo geral (APA, 2013). Como o próprio manual anuncia,

essa é uma nova classe diagnóstica no DSM-5 e reflete uma modificação na conceitualização das características definidoras do transtorno, enfatizando o fenômeno de “incongruência de gênero” em vez da identificação transgênero per se, como era o caso no transtorno de identidade de gênero no DSM-4 (p. 814).

Nas várias versões desses manuais há combinações variadas dos termos “transtorno”, “disforia”, “desordem” e “incongruência”, entrecruzadas com as adjetivações “sexual” ou “de gênero”. Apesar das mudanças e revisões, tais formas de classificação ainda clamam por uma coerência de sexo-gênero, ancorada na (cis)heteronormatividade (BONASSI, 2017). O fato da experiência trans ainda estar

nas páginas de manuais que classificam e quantificam doenças e transtornos indica a persistência da patologização, que cristaliza o estigma de doente para as pessoas trans.

No Brasil, as interpretações médicas sobre as performances trans seguiram o padrão internacional e as classificações do CID e do DSM. No ano de 2008 instituiu-se o processo transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS), através da Portaria nº 1.707/200813 do Ministério da Saúde (BRASIL, 2008). Inicialmente foram oferecidos os procedimentos que contemplavam as mulheres trans, e dois anos depois, em 2010, foram inseridos procedimentos dirigidos especificamente às necessidades dos homens trans.

Os autores Almeida (2012), Ávila (2014), Freitas (2014) e Amorim (2016) localizam a emergência do interesse público e acadêmico pelos homens trans no Brasil a partir deste evento, o que propiciou o contato com eles através do serviço de saúde. Também a expansão do acesso à internet banda larga, e seus meios de uso (computadores e smartphones), crescia a passos largos neste mesmo período, o que criou as condições para que muitos homens trans de diversas localidades pudessem se reunir em espaços virtuais para compartilhar as suas histórias e suas diversas técnicas corporais masculinizantes. Através da internet, aqueles interessados em se masculinizar puderam se conectar em escala mundial, não só com as suas realidades locais.

As primeiras produções acadêmicas sobre transmasculinidades no Brasil privilegiaram o ambiente virtual e os grupos de militância trans, por serem estes um espaços onde os homens trans puderam começar a se revelar com mais liberdade que as gerações anteriores, e eram assim mais facilmente encontrados (ÁVILA, 2014; AMORIM, 2016; FREITAS, 2014). Ávila (2014) e Almeida (2012) buscaram marcar a

particularidades das transmasculinidades, e relatam as principais discussões ligadas a emergência dos homens trans/transhomens/FTM como vidas reconhecíveis e específicas, diferenciando-os das identidades majoritariamente marcadas pela orientação sexual, sem ignorar as determinações feitas sobre seus corpos de nascimento.

Nesta pesquisa, muitos relatam um enquadramento na homossexualidade (lésbica/sapatão) antes de se reconhecer na identidade trans, que conheceram através da militância e/ou das mídias virtuais e televisivas. Alguns também se identificaram como não binário e crossdresser/Drag King em algum momento de suas trajetórias. As dissidências de sexo-gênero preexistem a era da internet, porém há poucos marcadores históricos sobre os homens trans das gerações passadas, quando a transmasculinidade recebia outros nomes. A prática biográfica na internet remonta o apagamento histórico das gerações anteriores.

No Brasil, obras como “Erro de Pessoa - Joana ou João”, de João Nery, publicado em 1984, e “A queda pro alto”, livro autobiográfico do poeta brasileiro Anderson Herzer ou “Bigode”, publicado em 1982, adaptado para o cinema por Sérgio Toledo em 1987 no filme “Vera”, são itens raros e de pouca circulação. Essas histórias ganharam maior publicidade com a emergência da geração atual que foi reunida sob a nomenclatura trans. João Nery, transhomem (como ele se denominava) brasileiro, que realizou sua transição cirúrgica e hormonal de maneira ilegal, ainda na década de 1970, em plena ditadura militar, foi tomado como marco inicial do uso de hormônios e cirurgias masculinizantes no Brasil.

Nos dados produzidos sobre os movimentos sociais trans há muito sobre as mulheres trans e travestis, que são marcadas socialmente de maneira bastante distinta dos homens trans. Os homens trans não possuem locais de sociabilidade e

atividades laborais historicamente marcados por sua presença, suas práticas de sexo-gênero são silenciadas, e não há marcadores sanitários associados às suas identidades, o que faz com que sejam apagados nos serviços de saúde. Para além das lutas por direitos básicos que eles partilham com as travestis e mulheres trans, tais como representatividade, combate à transfobia, direito à saúde de maneira integral, alteração do registro civil, inserção no mercado de trabalho formal, e direito pleno à educação em todos os níveis, a luta política dos homens trans ainda está configurando seus marcadores específicos. Para tanto, foi fundamental o aumento da presença de homens trans nos encontros regionais e nacionais de travestis e transexuais.

Reunidos, eles criaram associações, institutos e núcleos específicos que pautam os direitos dos homens trans e começaram a se inserir nos movimentos sociais existentes. Ávila (2014) e Carvalho (2015) apontam Alexandre Peixe e Régis Vascon como pioneiros no ativismo político trans, por sua presença no XII ENTLAIDS, no ano de 2005, e participação na criação da CNT (Coletivo Nacional de Transexuais) no mesmo ano. Alguns anos depois surgiram os movimentos sociais organizados que se dedicavam exclusivamente aos homens trans, tais como o Núcleo de Apoio a Homens Transexuais (NAHT), à época coordenado por Andreas Maurice Boschetti. O NAHT foi a gênese da criação da Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT), que teve a sua fundação oficializada em 30 de junho de 2011 e tinha como presidente Leonardo Tenório, a ABHT foi a "primeira organização da sociedade civil sem fins lucrativos, que objetiva reivindicar e garantir os direitos humanos da população transmasculina no Brasil" (AVILA, 2014. PG 191). A associação aceitava homens não cis de diversas denominações, tais como homens trans, transhomens, female to male (FTM), e transgêneros.

Em julho de 2013, foi fundado o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT), na capital paraibana João Pessoa. No momento de sua fundação, o instituto era coordenado centralmente por Luciano Palhano, e tinha três coordenadores regionais: Alexandre Peixe (SP), Raicarlos Coelho (PA), e Sillvyo Nóbrega (CE) (Ávila, 2014). O IBRAT é “uma rede nacional de homens trans ativistas que atua nos eixos da formação política, estudos e pesquisas sobre transmasculinidades e controle social” (da página do IBRAT no facebook). O instituto inclui em sua formação transhomens, instituições e pessoas parceiras, acadêmicos, ativistas militantes, estudantes e profissionais voluntários.

Nesta pesquisa, muitos relatam que conheceram a nomenclatura através das mídias virtuais e televisivas, ferramentas usadas pelo ativismo. Para a maioria, a possibilidade de masculinizar o corpo com cirurgias e hormônios é recente, e se iniciou sem acompanhamento médico. Todos enfrentam problemas para acessar devidamente os procedimentos no SUS, e para mudar seus nomes em seus documentos, e nos registros de nascimento dos filhos e de casamento com suas esposas.

Cordeiro (2016), demonstra como a nomenclatura “trans” aparece como mais usual entre os entrevistados de classe média, enquanto a nomenclatura “boys” (estrangeirismo da palavra garotos) é a mais utilizada pelos entrevistados pertencentes às classes populares, que muitas vezes não podem acessar as tecnologias necessárias para obter passabilidade como pessoa cisgênero, e/ ou não dominam as categorias médicas o suficiente para se compreenderem através delas. Chama atenção que mesmo nas classes populares, a terminologia em inglês é que tenha se consolidado.

No trabalho de Cordeiro (2016), vemos nas falas de seus interlocutores os conflitos com as identidades lésbica e sapatão, que remetem à experiências de não reconhecimento de suas masculinidades, o que faz com que alguns deles não desejem ser confundidos ou identificados como tal. No primeiro artigo publicado no Brasil sobre a emergência dos homens trans como um grupo identitário, Almeida (2012) fala sobre as diferenças perceptíveis entre lésbicas masculinas e homens trans no que diz respeito à performance masculina. O autor delinea alguns grupos de pessoas lésbicas que se identificam com a masculinidade, mas não se dizem homens. Portanto, apesar de existirem muitas performances masculinas no mundo lésbico, os homens trans buscam afirmar-se de uma maneira específica, que se distingue da lesbianidade e que está ligada majoritariamente ou totalmente aos signos do gênero masculino.

Uma questão proeminente na literatura sobre homens trans, que se confirma no universo desta pesquisa, é a existência de homens trans homossexuais (com homens cis e trans), bissexuais (com homens e mulheres cis e trans), heterossexuais (com mulheres cis e trans), ou ainda pansexuais (sexo-gênero do parceiro variável e sem restrições binárias) (CORDEIRO, 2016; MONTEIRO, 2018).

De acordo com Ayouch (2015), quando historicizadas, as diversas experiências nomeadas como transexualidade pela medicina podem ser vistas através dos tempos em diversas culturas, o que o autor nomeia como variações transidentitárias. Tais variações dizem respeito aos diversos tipos de sistema de classificação de sexo-gênero que foram apagados pela universalização das categorias medicas como verdade dos sujeitos. Esse insistente apagamento incorre em um descrédito das outras formas de se significar, assim como restringe a criação de novas formas.

A presente pesquisa não tem como objetivo apresentar um panorama das trajetórias identitárias, mas conhecer os conflitos entre masculinidade e gravidez, independentemente da forma ou do nome dado à performance masculina em cada momento da vida dos entrevistados, contanto que se identificassem como homem trans no momento presente. Porém, é importante observar que não foram identificadas nas falas a negatização ou rejeição das identidades lesbica/sapatão (nomenclaturas trazidas pelos interlocutores), observou-se um movimento de desidentificação com tais termos e a autonegação como homem trans. Os sujeitos compreenderam ser esta a maneira mais inteligível de informar quem são, o que não apaga o passado em que eles eram interpelados através de outras categorias identitárias, principalmente quando narram suas experiências de gravidez e parentalidade. Jack Halberstam (1998) apresenta em seus trabalhos as disputas pelas fronteiras que separam as sexualidades dissidentes em subgrupos identitários:

As “border wars” entre butches transgêneros [sapatão masculina] e FTMs [os que transicionaram de mulher para homem, *female to male*] parecem prosseguir na suposição, compartilhada por todos os lados, que a masculinidade é um recurso limitado, disponível para apenas alguns, em quantidades cada vez menores. Ou então, vemos a masculinidade como um conjunto de protocolos que devem ser previamente acordados. Uma das questões que quero abordar aqui é qual modelo de masculinidade está em jogo nos debates entre butches e FTMs e o que separa a masculinidade butch das masculinidades transexuais (1998, p. 2; tradução minha).

Partindo do conceito de border wars, de Gayle Rubin (1984), o autor sustenta que as diferenças entre quem faz uso de tecnologias de modificação corporal e quem performa o gênero por outros meios, como a indumentária, por exemplo, não deveriam resultar em disputas que fortalecessem a noção de sexo natural como referencial. Para ele, as disputas entre as butches (lésbicas masculinas) e os FTM (female to male, neste trabalho chamados de homens trans) usavam o corpo como critério para estabelecer a legitimidade da masculinidade, assim como no sistema heterossexual. Dessa forma, a masculinidade torna-se um recurso limitado e acessível para poucos.



No artigo “Global female masculinities”, Halberstam (2012) aponta as hierarquizações que ele chama de “homonormativas” (Duggan, 2004 apud Halberstam, 2012) em nível global, uma vez que o seu conceito de masculinidades femininas, junto com os pressupostos da teoria queer, foram utilizados para falar de diversas práticas desviantes das normas hétero em locais fora dos EUA. Nesse trabalho, o autor discute a maneira como a transgeneridade tornou-se um ponto de cisão entre a homossexualidade e o gênero em diversos lugares. Ele observa a mudança na nomeação ocasionada pelo impacto da teoria queer, onde o que antes se chamava androginia tornou-se variação de gênero.

O principal questionamento de Halberstam é “como os norte-americanos poderiam explicar o impacto da transgeneridade como uma nova identidade mundial?”. A partir desta pergunta, o autor busca evidenciar as contradições das “políticas da performatividade”, que provocaram muitas confusões nos EUA no que diz respeito à compreensão do que é estável e do que é flexível em relação às normas de gênero. Ele diz que a busca por reconhecimento da cidadania e da identidade culmina na formação de novas categorias, algo que é problemático na medida em que se torna excludente, como qualquer categoria. O fato de os debates sobre gênero feitos na Europa e nos Estados Unidos terem se transformado em um modelo para discutir os gêneros ao redor do mundo fez com que as variantes de gênero debatidas gerassem novas normatividades universalizantes.

O autor critica ainda a maneira como a transgeneridade foi inserida em algo que ele chama de global gay system, que consiste na universalização das categorias norte-americanas de definição das pessoas. Por fim, diferencia performative (performativo) de playful (encenação jocosa) e diz que as pessoas que vivem as

identidades ditas queer não comportam uma variação infinita de gêneros dentro de si, e não se compreendem como quem vive um eterno “desacordo entre corpo e gênero”.

Uma das principais preocupações de Halberstam (2012) em seu artigo, é a interpretação neoliberal de identidade aplicada ao gênero, pois, para ele, o trânsito de gênero não é uma livre escolha racional e não pode ser visto como uma produção de corpos sob demanda.

O autor não ignora a importância dos debates gerados pelas identidades trans e queer em relação à falsa estabilidade universal da heterossexualidade. No entanto, ele clama por uma descolonização em relação ao queer, pois os corpos generificados são lidos de diferentes formas ao redor do mundo. Os nomes variam e, apesar das práticas serem cada vez mais semelhantes, a historicidade das identidades locais devem ser priorizadas. Carvalho (2011) aponta os principais impactos da universalização das nomenclaturas norte-americanas no cenário brasileiro, principalmente entre as travestis e transexuais:

As disputas políticas internas, a relação com o movimento trans internacional, as possibilidades de financiamento de projetos por fundações internacionais e órgãos governamentais, a garantia de acesso a políticas públicas de saúde, a relação com a prostituição ou com os saberes médicos, os modelos de feminilidade expressos em performances de gênero e transformações corporais diversas, o avanço e a disponibilidade de tecnologias biomédicas, as apropriações e reconfigurações dos discursos acadêmicos, as percepções da discriminação sofrida e a relação com o Estado na formulação de políticas públicas são os principais elementos envolvidos nessa encruzilhada identitária (CARVALHO, 2011, p.132).

No entanto, no que diz respeito aos homens trans esse debate se diferencia muito das mulheres trans. Não há um paralelo da figura da travesti no universo transmasculino. Antes da nomenclatura trans, a masculinidade performada no corpo dito feminino ao nascer era vista como uma nuance da identidade lésbica, mesmo que muitos já adotassem nomes e atitudes masculinas. No cenário brasileiro, diante do

ataque e deslegitimação dos direitos trans, adotar uma nomenclatura globalizante, no caso dos homens trans, é uma questão fundamental para fortalecer os vínculos entre as diversas pessoas que se identificam com a transmasculinidade, para que possam promover mudanças políticas em conjunto:

Ainda que no começo dessa movimentação fosse mais comum a utilização da categoria “homem transexual”, aos poucos ela foi substituída por “homem trans”. Esse processo está relacionado a dois fatores simultâneos. Primeiramente, o uso cada vez mais frequente da categoria “trans” seja como abreviação de “transexual”, seja como categoria englobante das diferentes identidades, como no uso de “pessoas trans”. Em segundo lugar, os homens trans foram o setor do movimento mais comprometido com as campanhas pela despatologização das identidades trans e consequente retirada do diagnóstico de “Transtorno de Identidade de Gênero” ou “Transexualismo” dos manuais médicos e psiquiátricos. Nesse sentido, havia por trás da substituição de “transexual” por “trans” uma crítica ao processo de medicalização da diversidade e/ou dissidência de gênero expressa em suas formas de vida (CARVALHO, 2018).

Com uma leitura mais atenta da literatura sobre identidades de sexo-gênero e suas variações, pode perceber que a forma de autoidentificação ocorre de maneira estratégica, ficando a cargo dos indivíduos se apresentarem da forma como pensam que serão mais bem compreendidos em cada contexto, para que assim possam driblar a abjeção. Essas divisões evidenciam uma situação em que sujeitos subalternizados recebem nomenclaturas nas quais não necessariamente se reconhecem, pois em muitos casos as suas histórias de vida não são contempladas pelas definições oficializadas.

Ademais, a autoidentificação está longe de ser determinada somente por algum desejo individual. A compreensão do sexo-gênero como algo mais fixo ou mais fluido, em geral vem acompanhada por discursos marcados pela geração e classe social de quem os profere, e se modificam ao longo do tempo (CARVALHO, 2018)

Já Paul B. Preciado, percebe a globalização das identidades queer como algo irreversível e que deve ser usado de maneira positiva e revolucionária, chegando, inclusive, a falar de uma “internacional queer”, fazendo referência à “internacional

comunista” (PRECIADO, 2014). O autor retoma a noção de patriarcado para falar sobre a concentração de poder e violência no corpo dos homens, reforçada pelas Grandes Guerras, e advoga pela tomada do poder masculino por aqueles que são hoje por ele oprimidos. Sua proposta consiste em uma mudança fagocitante da masculinidade, que deve ser incorporada, em vez de abolida. (PRECIADO, 2008).

Em seu livro *Testo Yonqui*, publicado em 2008, ele descreve seu cotidiano ingerindo testosterona por conta própria, de maneira ilegal. Ao narrar a sua experiência, ou “autoficção”, nas palavras do próprio, ele nos mostra que as tecnologias de modificação corporal são disponibilizadas amplamente por um mercado que foi alavancado pela criação da pílula anticoncepcional, um dos fármacos mais consumidos da história, que teve um papel central na difusão do uso de hormônios no cotidiano (PRECIADO, 2008; PEREIRA, 2016).

Nessa obra, ele também aventa um novo regime de produção e gestão dos corpos e das subjetividades, que emergiu após a Segunda Guerra Mundial e se tornou uma ferramenta do capitalismo neoliberal ao redor do mundo. Esse novo sistema, chamado de somatopolítico (política do corpo ou da carne em Foucault), intervém nas relações entre corpo sexuado, poder e verdade. Seus instrumentos são as novas tecnologias biomoleculares e digitais, utilizadas amplamente pelas indústrias farmacêutica e pornográfica. Preciado (2008), toma esse cenário como alegoria filosófica para explicar as profundas transformações subjetivas e corporais relacionadas ao gênero nos últimos setenta anos.

Para o autor, os hormônios evidenciam a estreita relação entre o uso das tecnologias hormonais e a construção de corpos sexuados e novas subjetividades na era “farmacopornográfica”, em que o sexo e a sexualidade são o centro das atividades políticas e econômicas. A farmacopornografia é um regime pós-industrial, global e

mediático que controla os indivíduos por meio da produção fordista de modelos de subjetividades sexuais. Nesse tipo de gestão populacional, o sexo é, em grande medida, padronizado pelo tipo corporal moldado pela biomedicina e as práticas sexuais são moldadas pela indústria pornográfica. No seio dessa ordem global, Preciado afirma que a masculinidade foi transformada em testosterona, ou seja, que o masculino tornou-se acessível por meio de uma molécula (PRECIADO, 2008).

### **3.3 Gravidez e parentalidade: um caminho linear?**

Na contemporaneidade, vivemos um momento de maior liberdade no que diz respeito às uniões conjugais, parentesco e filiação. No entanto, isso não ocorre sem reações conservadoras e a manutenção de uma suposta ordem natural em relação aos deveres paterno e materno é ainda o que predomina em boa parte do mundo.

A alteração das noções de gênero e de parentalidade nas famílias costumam gerar intensos debates em torno do que é ou não determinante para a inserção dos indivíduos na sociedade da maneira “correta”. Mesmo sendo um consenso que o que chamamos de família tem numerosas configurações possíveis, desde o século XIX, porém, impera certo modelo conveniente para o ordenamento populacional (FOUCAULT, 2003). A partir dessa noção, pai-homem-cis e mãe-mulher-cis são fundamentais para a manutenção da estrutura da família e das sociedades. A família nuclear burguesa, tornou-se a estrutura fundamental necessária para inserir os seres humanos na ordem simbólica, Como afirma Butler (2003):

"A crença é que a própria cultura exige que um homem e uma mulher gerem uma criança e que a criança tenha esse ponto de referência dual para sua própria iniciação na ordem simbólica, onde a ordem simbólica consiste num conjunto de regras que ordenam e apóiam nossos sentidos de realidade e de inteligibilidade cultural."(p.243 e 244)

Esse modelo familiar, embora não seja tão facilmente performado no cotidiano, está presente como ideal nos Estados modernos, e sempre é amparado civil e juridicamente com base na suposta lei natural. No Brasil, a família é amparada pela constituição federal de 1988, através do artigo 226, que define como família homem, mulher e descendentes. A noção mais ampliada de família, que leva em consideração a felicidade e os diversos vínculos afetivos é um advento do código civil de 2002, o qual versa mais especificamente sobre as relações conjugais, de parentesco e de filiação, e patrimônio. As variações legais dizem respeito às mudanças nos costumes, que muito tem a ver com o processo de dissolução das normativas patriarcais, como diz Pombo (2019):

"Se a mulher adquire maior controle da procriação, vemos que a família que aí se instaura se afasta bastante do modelo patriarcal, no qual o pai decidia até sobre a amamentação dos filhos. Hoje o pai foi expulso de seu sacerdócio familiar e doméstico, perdendo o controle sobre as mulheres, as mães e a procriação, e a concepção dos laços familiares e da sexualidade passam a depender da vontade dos indivíduos." (p.2)

O divórcio, o reconhecimento dos filhos fora do casamento, a diminuição do número de casamentos, os modos de criar mono, multi e homoparentais, os avanços na autonomia feminina, e as tecnologias reprodutivas, são as maiores expressões dessas mudanças (POMBO, 2019). Essas novas possibilidades são fruto das lutas dos movimentos feminista e LGBTQIA+. Sobre esse último é importante ressaltar que:

"o movimento LGBT+ merece ser citado nesse contexto das transformações familiares contemporâneas e pode ser considerado, inclusive, um dos atores sociais mais importantes das últimas décadas do século XX (Arán, 2003). No final dos anos 1980, o movimento, ainda sem essa sigla mais recente e chamado apenas de movimento gay, se organizou bastante em reação tanto ao preconceito social sofrido com a epidemia da Aids como à fragilidade

jurídica dos homossexuais, que ficou evidenciada com a morte de alguns deles e a impossibilidade de seus parceiros se beneficiarem de seus bens e herança. A partir daí, surgiram então em vários países propostas para a instituição do reconhecimento jurídico da união homoafetiva.” (Pombo, 2019. p.2)

Em maio de 2011 foi sancionada a união homoafetiva pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Com a possibilidade do casamento, os casais homossexuais puderam acessar direitos que eram exclusivos dos heterossexuais, tais como herança, pensão alimentícia e previdenciária, licença médica, inclusão do companheiro como dependente em planos de saúde, entre outros benefícios. A união homoafetiva abriu também precedente para a adoção e uso de reprodução assistida e barriga de aluguel por casais homossexuais, ponto mais sensível dos debates que envolvem os direitos LGBTQIA+, pois a adoção de crianças por casais homossexuais é fortemente atacada pelas alas conservadoras (BUTLER, 2003; POMBO, 2019).

Atualmente, no Brasil existem movimentos sociais organizados e setores políticos engajados em lutar contra o que se chama vulgarmente de “ideologia de gênero”, uma expressão que diz respeito ao pânico moral que se instalou no imaginário social brasileiro e internacional quando reconheceu-se legalmente a legitimidade das uniões homoafetivas (MISKOLCI, 2018). Através da ação dos grupos conservadores, tramita o Projeto de Lei nº 6583 de 2013, que cria o Estatuto da Família,

Em um período de conservadorismo extremo na política brasileira, tramita o Projeto de Lei nº 6583 de 2013, que cria o Estatuto da Família, o qual reconhece como família apenas a união entre um homem [cis] e uma mulher [cis] por meio de casamento ou união estável, bem como pai ou mãe com filhos (família monoparental). Tal modelo de família, baseado na heterossexualidade monogâmica e reprodutiva é restritivo e violento, na medida em que visa retirar a legitimidade de outras modalidades de famílias. (ANGONESE E LAGO, 2018. p.3)

Embora as pessoas trans possam formar famílias aparentemente semelhantes às formadas por pessoas cis-heterossexuais, o pânico moral conservador as afeta de

maneira semelhante ao que ocorre com as famílias de pessoas homossexuais. Em ambos os casos subverte-se a noção de família natural, porém, para as famílias homoafetivas há um respaldo legal o qual as pessoas trans não possuem. No que diz respeito às especificidades destes grupos familiares em relação à família e parentalidade, Angonese e Lago ressaltam que:

“As experiências da população trans relacionadas à reprodução e à parentalidade são predominantemente invisibilizadas. Reprodução e parentalidade geralmente são pensadas e relacionadas a um casal cisgênero e heterossexual, em uma constituição tradicional de família ou, no máximo, às formas de reprodução e adoção por casais homossexuais.” (2018, p.2)

No caso específico da gravidez em homens trans, é também importante observar que não há suplantação do biológico ou o envolvimento necessário de terceiros no que diz respeito à forma de gerar um novo ser, o que torna a adoção um debate importante, mas não central, como ocorre com as homoparentalidades. De acordo com Monteiro (2018), as parentalidades trans diferenciam-se das homoparentalidades na medida em que não supõem o exercício parental a partir de pares que compartilham a mesma identidade de sexo-gênero, pois, entre pessoas trans, pode haver relações heterossexuais.

No caso dos personagens desta pesquisa, há vínculos biológicos com os seus filhos e alguns também criam os filhos das companheiras. Um deles é casado, porém através da união homoafetiva, não sendo reconhecida a transexualidade no registro de casamento; assim também ocorre no registro de nascimento dos filhos. Apesar de alguns terem constituído famílias nos moldes heteronormativos, seus arranjos de parentalidade e criação não são reconhecidos pela moralidade de suas famílias de origem e pelas instituições sociais, especialmente por serem eles mães/pais que não estão de acordo com as normas estabelecidas socialmente para as famílias



“legítimas”. Os entrevistados são discriminados duplamente, pois não representam o modelo ideal de maternidade-feminina e são invalidados quando buscam exercer a paternidade nos moldes da cis-heteronormatividade, pois não são homens cis.

A gravidez contribui sobremaneira para tal invalidação, pois ela “puxa” para o feminino, como diz um dos entrevistados. Em perspectivas naturalistas e religiosas, engravidar é um estado especial e divino do corpo, e quem possui essa capacidade deve reconectar-se com a sua “verdade interior”. Muitas mulheres significam-se a partir de suas capacidades reprodutivas, e o período da gravidez é frequentemente descrito como a época de “tornar-se verdadeiramente mulher” (LUNA, 2002). Tal maneira de interpretar o corpo é guiada pela biomedicina e faz parte do processo de normalização e medicalização das sociedades que ocorreu na virada do século XVIII para o século XIX, quando houve a consolidação do modelo de Estado moderno burguês, evento chave para a prática de disciplinamento dos indivíduos como forma de exercício de poder (FOUCAULT, 2003).

Em contraposição à hegemonia do saber-poder científico, que é pautado pela noção de neutralidade, diversas autoras feministas, como Emily Martin (2006), Judith Butler (1990), Nelly Oudshoorn (1994), Fabíola Rohden (1998), entre outras, passaram a adotar nas últimas três décadas uma postura crítica em relação às interpretações feitas pelas ciências “naturais”. Essas autoras entendem que não existe produção científica descritiva, neutra ou imparcial.

Essa base biológica sobre a qual reside certa noção de corpo físico-natural, utilizada para justificar e manter as diferenças sociais entre homens e mulheres, é um entre diversos modos de organização e compreensão das relações sociais, e não um dado da natureza. É precisamente contra essa naturalização das diferenças e, por conseguinte, das desigualdades sociais, que o campo dos estudos de gênero se

coloca. Nelly Oudshoorn (1994) afirma que a ciência mais cria do que descobre a realidade, pois é regida pelo mesmo conjunto de valores e normas que quaisquer outras epistemes. Martin (2006) defende o mesmo argumento em seu trabalho, no qual analisa as metáforas de textos científicos, onde fica claro que o processo da fecundação é frequentemente narrado de forma parcial e reproduz as estruturas sociais, a cultura dominante e o sistema patriarcal. A imagem do óvulo inerte e passivo à espera do espermatozoide mais ágil e competitivo é descrito por Martin (2006) como um exemplo de como a linguagem científica está impregnada e/ou reflete as concepções naturalizadas de um feminino-passivo e de um masculino-ativo.

Pode-se dizer, portanto, que, na modernidade, foram formatadas diversas concepções sobre a reprodução e sobre a gravidez que foram introjetadas por algumas vias de significação sociais e subjetivas, tais como a ciência, a religião e a política, que estão quase sempre imbricadas nos complexos processos de constituição dos sujeitos.

O controle da gravidez e da maternidade é a base para o desenvolvimento de diversos mecanismos de ação biopolíticos dos Estados modernos. Cito aqui dois que são de profunda importância para este trabalho: a histerização do corpo da mulher e a socialização das condutas de procriação. A respeito da histerização do corpo da mulher, Foucault comenta:

Tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado – qualificado e desqualificado – como corpo integralmente saturado de sexualidade; pelo qual esse corpo foi integrado, sob efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação: a Mãe, com sua imagem em negativo, que é a “mulher nervosa”, constitui a forma mais visível dessa histerização (2003, p. 115).

O mesmo autor também identifica diversas formas de socialização das condutas de procriação:

Socialização econômica, por intermédio de todas as incitações, ou freios, à fecundidade dos casais, através de medidas “sociais” ou fiscais; socialização política, mediante a responsabilização dos casais relativamente a todo o corpo social (que é preciso limitar ou, ao contrário, reforçar), socialização médica, pelo valor patogênico atribuído às práticas de controle de nascimentos, com relação ao indivíduo ou à espécie (FOUCAULT, 2003, pp.115-116).

A noção de população e o fortalecimento das estratégias de controle populacional têm forte influência nas interpretações mais frequentes sobre a gravidez nos dias atuais. Em quase todos os países a gravidez é protegida por políticas públicas e serve também como indicador de desenvolvimento humano. Essas estratégias estão diretamente ligadas à maneira como os sujeitos são manejados quando pensados enquanto “população”.

Tal noção remonta à expansão demográfica da Europa do século XVIII e foi responsável por converter o modelo familiar em economia política. Controlar a maneira como são gestados, como nascem e como vivem todos os indivíduos tornou-se, assim, uma questão de Estado. Soma-se a isso o desenvolvimento de tecnologias intrauterinas, que têm sido utilizadas como “prova” de que o período gestacional é a primeira fase da vida humana. Nesta lógica, todos os comportamentos da gestante são, de alguma forma, determinantes para toda a vida do futuro ser.

Na atualidade essa ideia se expressa em sua radicalidade através da noção de que o ambiente pré-natal seria extremamente importante para influenciar a saúde física e mental no decorrer da vida do feto que está sendo gerado - e da sociedade -, tão ou mais importante que os próprios genes. Essa é, por exemplo, a perspectiva de Maldonado, que afirma que:

À luz dos conhecimentos da neurociência, vemos que vínculos estáveis e afetivamente nutridores na gestação e nos primeiros anos de vida, juntamente com estimulação apropriada e experiências ricas de aprendizagem, oferecem benefícios duradouros que formam os fundamentos de uma sociedade sólida e sustentável. Políticas públicas que contribuem para fortalecer o alicerce da arquitetura cerebral saudável em crianças pequenas são excelentes investimentos de longo prazo em saúde, educação e força de trabalho (2013).

Esse tipo de determinação a partir da gravidez é uma forte estratégia de controle minucioso do corpo denominado como feminino ao nascer. Uma vez que a gravidez é publicizada, quem gesta perde consideravelmente a sua autonomia em nome da continuidade de sua família e de sua nação/população. Tais estratégias biopolíticas se articulam nos planos individuais e coletivos: sucesso das políticas demográficas; aumento da força de trabalho por meio da participação feminina; parentalidade como um desejo e uma responsabilidade individuais.

Para que demandas tão profundas pudessem ser introduzidas no corpo social, foi fundamental a incorporação de novas normas reprodutivas, que modificaram as possibilidades de configuração da família e da maternidade, principalmente através das novas formas de gestão da fecundidade.

No final dos anos 1970, providas dos meios de controlar a reprodução, as mulheres aspiram à conquista de seus direitos essenciais, a liberdade e a igualdade (em relação aos homens), que elas pensam poder conciliar com a maternidade. Esta última não é mais o alfa e ômega da vida feminina. Abre-se para elas uma diversidade de modos de vida que suas mães não conheceram. Pode-se dar prioridade às ambições pessoais, gozar do celibato e de uma vida de casal sem filhos, ou satisfazer o desejo de maternidade, com ou sem atividade profissional (BADINTER, 2011, p. 9).

De acordo com Le Breton (2003), na era em que vivemos podemos nos experimentar através do corpo de maneira mais intensa, pois a tecnologia nos concede a possibilidade de realizar no corpo os sonhos da mente. Por meio da biomedicina, vivemos a possibilidade de alterar o corpo em níveis microscópicos, um tipo de manipulação que já foi incorporado como lugar-comum. Todas essas novas possibilidades trazidas pelas novas tecnologias, apesar de não serem uma opção para

todas as mulheres do mundo, tornaram-se uma utopia moderna: a mulher fragmentada e multitarefa, que é mulher, mãe, esposa, trabalhadora e cuidadora da sociedade e da família. Martin ressalta que, desde o século XV,

“a mesma palavra em inglês, com a mesma raiz, labor (ou “trabalho” em português), é empregada para descrever o que as mulheres fazem ao parir crianças e o que homens e mulheres fazem ao produzir coisas para uso e troca em casa e no mercado” (2006, p. 122).

No cenário da fertilização in vitro com gestação via barriga de aluguel, por exemplo, surge uma interpretação do corpo grávido que se diferencia das supostas determinações naturais e aproxima-se mais da noção de trabalho ou serviço. Nessa visão, a gravidez é um meio de cultura de um feto que possui material genético diverso do corpo gestante em que está inserido e, portanto, não é considerado filho desse corpo. Esse tipo de reprodução humana desvincula fisicamente a gestação da maternidade, tornando o corpo grávido um serviço e a maternidade, um status de valor. De acordo com Luna:

A imagem de receptáculo serve para contornar questões que contrariam a ideologia sobre maternidade: a mulher engravida com o intuito de entregar o bebê; a entrega é feita mediante pagamento; a futura mãe não fica grávida, mas o bebê é gestado no corpo de outra. Dessa forma, a substituta assume uma posição ambígua, pois, por um lado, separa-se de suas capacidades reprodutivas ao alienar seu útero, cortando sua relação com o feto, por outro, retifica-se como mulher na representação feminina de vaso (2002, p. 261).

Nessa relação, a maternidade como desdobramento da gestação não segue a lógica compreendida como natural, pois dos dois corpos envolvidos na maternidade de uma única criança, o corpo que gesta não será o agente da maternagem, quebrando a lógica do instinto materno natural que deveria se desenvolver no corpo ao longo da gestação (LUNA, 2002; BADINTER, 2011).

A noção de corpo máquina inaugurada pela filosofia mecanicista argumentava que o humano deveria ser como a máquina: produtivo e resistente. Tal aspiração foi alimentada pela integração dessa filosofia com a medicina e com a anatomia (LE BRETON, 2003). Esse pensamento é a base da fragmentação funcional do corpo nomeado como feminino, que deve ser programado de acordo com a lógica produtiva, segundo a qual o corpo gestante é visto menos como sujeito e mais como “a ‘matéria-prima’ da qual é extraído o ‘produto’, o feto” (MARTIN, 2006). A noção científica de gestação interpreta essa fase como um meio e constrói uma noção de gravidez separada do corpo feminino.

Dessa forma, o evento da gravidez, já há algum tempo, não é confirmação da feminilidade e o corpo capaz de gestar tem sido assimilado como uma tecnologia, similar a um útero artificial. As polêmicas em torno dessa forma de gerar um novo ser dizem respeito a um choque de concepções acerca da maternidade, e os fragmentos são continuamente reorganizados, gerando questões como: “A mãe é aquela que dá o óvulo, aquela que gesta a criança, ou aquela que educa? Nesse caso, o que resta das diferenças essenciais entre paternidade e maternidade? (BADINTER, 2011, P. 12).

Essa diversidade de modelos possíveis de mulher contribuiu para o processo de remodelagem das identidades possíveis para os corpos gestantes, até então vistos exclusivamente como femininos.

Desde que as mulheres controlam a fecundidade, assiste-se a quatro fenômenos que atingem todos os países desenvolvidos: declínio da fertilidade, elevação da idade média da maternidade, aumento das mulheres no mercado de trabalho e diversificação dos modos de vida femininos, com o aparecimento, em número crescente de países, do modelo do casal ou da solteira sem filhos (BADINTER, 2011, P. 27).

O gênero do corpo grávido na literatura sobre o tema é o feminino por excelência, uma vez que a capacidade de gestar e parir foram os grandes definidores da condição de mulher até, pelo menos, o fim da década de 1980. Nesse período, as mulheres que viveram suas vidas após a criação das tecnologias sexuais e reprodutivas puderam romper com a cadeia de produção de mulheres necessariamente mães e, nos dias de hoje, houve outra quebra fundamental: o corpo gestante não é necessariamente uma mulher.

No cenário brasileiro, estudos recentes demonstram que, para alguns homens trans, a gestação pode assumir significados que são incorporados à própria narrativa de constituição da masculinidade, modificando a tradição de reafirmação do feminino pela gravidez (MONTEIRO, 2018; PEDERZOLI, 2017). Porém isso não ocorre sem conflitos, como veremos nas histórias dos interlocutores.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 Os homens trans e suas histórias

#### Rio de Janeiro

#### Ítalo

Eu e Ítalo fizemos o nosso primeiro contato em 31 de outubro de 2018, através da mediação do Dr Milton, homem trans e médico, que atende majoritariamente outros homens trans como forma de ativismo. O entrevistado trabalha muitas horas por dia de segunda a sábado, então marcamos o encontro para domingo, depois do almoço, por volta de 13h. Era um dia parado, e bem calmo. Ele não quis conversar em casa, e marcou nosso encontro em uma Vila Olímpica próxima de sua casa, onde ele já trabalhou como auxiliar de serviços gerais.

Ítalo, tem 27 anos, se autodeclara negro, é nascido em Belém do Pará, e reside no Rio de Janeiro. Ele possui ensino médio completo, e quando conversamos ele estava em um trabalho formal com carteira assinada, captando doações para uma ONG. Ele engravidou pela primeira vez com 19 anos, porém teve um aborto espontâneo. Já em sua segunda gravidez ele estava com 22 anos. Seu filho tinha 3 anos quando conversamos.

Ele iniciou as intervenções corporais com 24 anos<sup>4</sup>, e se nomeia como homem trans. O momento de sua transição corporal coincide com a ida de seu filho para

---

<sup>4</sup> O início da transição diz respeito às modificações corporais masculinizantes, tais como hormônios, cirurgias, e outras possíveis intervenções que proporcionem uma aparência masculina. Entendo que a



Belém, e com o ingresso de Ítalo em um trabalho fixo, o que, segundo ele, lhe permitiu organizar melhor suas ideias, ir ao médico e comprar hormônios.

Na primeira gestação Ítalo ainda não se entendia como uma pessoa trans. Ele vivia com uma identidade feminina, e morava junto com um homem cis, com quem teve um relacionamento que durou cinco anos. Segundo ele, ambos desejavam ter filhos, e após várias tentativas sem sucesso, a primeira gravidez ocorreu de maneira inesperada, porém resultou em um aborto espontâneo no quarto mês de gestação. Ítalo lamenta o fato de a gravidez não ter ido a termo, e apesar do aborto, ele diz que teve uma filha.

Já na segunda gestação, fruto de uma relação sexual pontual, Ítalo já se pensava como masculino, e ao longo da gestação e primeiros anos de seu filho é que ele começou a se entender como homem trans. Quando a gravidez ocorreu, ele estava em um momento de desentendimento com sua companheira, com quem ele se relacionava há cinco anos. Porém, quando ela soube que ele estava grávido, os desentendimentos foram deixados de lado, e ela assumiu a gravidez junto com Ítalo. Nesse tempo, eles ainda moravam em Belém, porém planejavam se mudar.

Depois que o filho de Ítalo nasceu, eles se mudaram para o Rio de Janeiro, para que pudessem formar um lar e criar o menino. Eles desejavam registrar a criança com Ítalo como pai e ela como mãe, algo que não conseguiram em razão da cis-heteronormatividade que rege as leis de filiação. Enquanto gestava, ele começou a usar roupas masculinas, e iniciou o processo de questionamento de sua identidade de gênero. Ao relembrar desse tempo, ele falou do dia em que foi comprar roupas para o seu chá de bebê junto com sua companheira. Ele me disse que quase comprou

---

construção subjetiva da masculinidade é um processo que pode ou não incluir as modificações corporais, e jamais se resumir a elas. No entanto, considere que o início das modificações corporais marca o início da externalização desse processo subjetivo, o que promove efeitos significativos nas vidas dos entrevistados.

uma camisa feminina, mas ela, percebendo o seu desconforto, o incentivou a comprar a roupa que o agradasse mais. É curioso como ele diz que comprou uma blusa “normal” para descrever a roupa que comprou. Neste período, ele usava os cabelos bem curtos, e depois que finalizamos a entrevista ele me mostrou uma foto sua de quando estava grávido, onde era possível ver como ele mesclou os elementos visuais masculinos com o seu corpo grávido.

Nas memórias sobre gravidez e descoberta de si como homem trans, o apoio da companheira e o relacionamento que estavam construindo tem grande importância, porém a relação não se sustentou por muito tempo. No momento da entrevista, eles haviam se separado há pouco tempo devido a dificuldades financeiras e emocionais. A separação significou dificuldades para Ítalo que, sem o apoio da companheira, não teve como trabalhar e cuidar de uma criança sozinho, e precisou pedir ajuda para a sua família. Quando conversamos, seu filho havia ido para Belém morar com a avó de Ítalo (que representa para ele a figura de mãe). Ele e a sua antiga companheira mantinham contato com o menino a distância. Naquele momento, ambos precisavam trabalhar e estruturar as suas vidas no Rio de Janeiro, e não tinham condições de dar conta da criação.

## **Rio de Janeiro**

### **Eustáquio**

Eustáquio viu o anúncio da pesquisa nas redes sociais e me mandou um recado interessado em participar. Ele é militante da causa trans e estava escrevendo sobre as principais questões que perpassam as vidas dos homens trans. Ele domina as principais noções acadêmicas/científicas que norteiam os debates sobre sexo-gênero,

e é um dos fundadores de um espaço de militância dedicado aos homens trans no Rio de Janeiro.

Ele tinha 28 anos quando conversamos, e já vivia com o corpo masculinizado há 6 anos. Ele é natural de São Paulo, porém reside no Rio de Janeiro. Quando falamos ele estava em um trabalho fixo com carteira assinada, e vivia junto com a sua companheira, uma mulher trans, havia pouco mais de um ano. Eustáquio engravidou com 20 anos, de uma pessoa com quem ele ficava algumas vezes, um conhecido de infância, porém ele teve um aborto espontâneo com quatro meses de gestação.

Pamella: E essa vez que você engravidou, foi com quantos anos?

Eustáquio: Eu tinha acho que 20...

Pamella: E foi como?

Eustáquio: ah, eu transei com um cara que eu ficava às vezes. Não me cuidei, nem ele. Não vou ficar com a culpa toda para mim.

Pamella: Imagina...

Eustáquio: e aí eu engravidei. Foi uma gestação de quatro meses.

Pamella: Você já fazia uso de hormônios nessa época?

Eustáquio: Não, não. Foi antes. Foi antes de me reconhecer enquanto homem.

Pamella: Mas você já tinha alguma identidade de gênero outra? Já estava pensando nessas coisas?

Eustáquio: Eu sabia que eu gostava de mulher e às vezes eu me relacionava com homem. Mas eu sabia que... tipo... como dentro do L G I U B... (sic) existe um leque de coisas. Existe essas coisas bem estipuladas, mas como você... mas como as pessoas lidam com o gênero dentro desse L G B, dessa sigla, sem o T, varia muito. Eu sabia que eu não era feminino. Eu sabia que eu não era uma mulher feminina, entre aspas. Porque é muito regrinha. É muito de um lado e do outro. Então eu sabia que eu não era uma mulher feminina, mas eu não sabia direito o que que era.

Seu primeiro contato com o universo transmasculino foi através do filho de uma conhecida, um rapaz trans de apenas 14 anos, que lhe mostrou alguns vlogs de homens trans e outras informações disponíveis na internet. O entrevistado disse que quando aquele menino mostrou para ele, o “tio”, as informações sobre homens trans,

aquilo despertou alguma coisa na cabeça dele. A partir desse contato inicial, ele continuou buscando informações, e fala da palestra do homem trans e ator pornô Buck Angel como um momento importante para a compreensão de si mesmo como homem trans.

Eustáquio: Bom, eu tenho hoje 28 anos né. Eu me descobri homem trans eu acho que eu tinha uns 23, por aí. Mas eu demorei um tempinho para entender que eu deveria começar o processo. Foi um pouquinho demorado porque eu quis ter muita certeza do que eu estava fazendo para não haver arrependimento. Então eu conversei com outros homens trans, eu fui em palestras que tiveram em São Paulo, que trouxeram o Buck Angel, que é um cara de fora e tudo. E ele frisou muito isso, assim, de ter a certeza do que está fazendo. Então eu demorei uns dois anos nesse processo. Aí eu avisei a algumas pessoas, conversei com algumas pessoas. E para a minha família demorou um pouquinho mais. Eu tive um processo de tentar entender o que era a transexualidade, porque eu sempre fui uma pessoa que busquei meio que, uma questão existencialista, assim né. Essa questão existencialista sempre ficou dentro de mim. Então eu ficava: “meu, como que eu posso ser algo e meu corpo ser outro? Isso é meio contraditório com a natureza”. Aí conforme passando o tempo eu fui compreendendo que na verdade essa questão do “corpo errado” tem muito mais a ver com a gente não estar nos espaços acadêmicos e a forma como se compreende ainda a transexualidade e gênero. Como se o gênero tivesse necessariamente atrelado ao sexo biológico. Então quando eu consegui compreender que essas duas coisas estão separadas, eu falei: “bom, beleza então. É isso que eu sou”. Eu sou um homem trans. Eu sentia necessidade de tomar hormônio e de fazer a cirurgia. Tirei os seios e tomo hormônio já há quatro anos mais ou menos.

Ele argumenta que sexo e gênero são construções sociais e justamente por isso não se pode estabelecer o desconforto com o corpo como um pressuposto da transexualidade e entende que cada pessoa vai construir seu sexo e seu gênero de acordo com o meio social em que estiver inserida. Seguindo essa linha de pensamento, ele expõe sua visão sobre os homens trans que desejam engravidar, argumentando que muitos conseguem sentir-se homens com o corpo que possuem, e desejam engravidar como homens. Porém, ele ressalta que não deseja engravidar novamente:

Eustáquio: Eu acho que... bom, eu vejo a transexualidade e gênero, principalmente. Eu vejo gênero como algo socialmente construído. Inclusive construído para fomentar a lógica de opressão, principalmente em cima das mulheres cisgêneras, e a manutenção mesmo do sistema. É um sistema de

divisão sexual de trabalho, assim né. Que o homem tem que ir lá prover, a mulher tem que prover em casa. Então existe essa divisão sexual, só que a partir disso, se criou várias coisas: vestimenta, cabelo, se portar... então a partir disso se criou esses estereótipos de gênero. Então a pessoa ela pode usar vestimentas, cabelo, se portar, tudo isso que a gente entende como gênero. Porque você não precisa olhar a genital ou alguém pelado para saber... você pode ver só a silhueta e saber se é homem ou se é mulher. Então, a partir disso que eu acho que as pessoas podem se expressar, expressar seu gênero a partir disso. Então basicamente é isso. Quando a gente compreende isso, eu acho que torna até mais fácil esse processo, por exemplo, de gravidez para homens trans. Se você entende que seu corpo faz parte de quem você é, e se você é homem e o outro é homem, um útero de homem, fica mais simples para a pessoa se sentir confortável para engravidar. Como eu vejo que tem vários caras que tem esse desejo.

Pamella: E você pensa nisso tem quanto tempo? Pensa para daqui a quanto tempo?

Eustáquio: De engravidar? Eu não quero. Não é uma coisa que eu desejo no momento. Já passou várias vezes pela minha cabeça. Eu já tive uma gravidez que eu tive um aborto espontâneo há um tempo atrás. Eu acho que hoje eu não engravidaria por dois motivos. **Eu acho que eu não conseguiria sair de casa com barba e um barrigão. Eu acho que as violências, não é nem só o olhar do outro, eu acho que as violências que eu poderia sofrer seriam várias.** Eu fico pensando até no processo de violência obstétrica, né. Que é um processo superviolento com mulheres cisgêneras principalmente mulheres cisgêneras negras. Existe uma violência maior racial. Eu fico imaginando homens trans, que é um corpo que nem deveria estar ali. Um corpo de um homem trans negro naquele espaço. Então eu tenho muito medo das violências que podem vir a partir disso. Mas eu espero que os meninos trans menores, tenham menos dificuldade no processo (grifo meu).

Eustáquio expressa seu desconforto com a mistura de elementos masculinos e femininos em um mesmo corpo, e a possibilidade de sair de “barba e barrigão” lhe causa muito medo de não ser compreendido e sofrer violências. Assim como outros entrevistados, ele não pensa em engravidar novamente, porém, caso desejasse, seria muito difícil viver uma gravidez com um corpo masculinizado.

## Rio de Janeiro

### Guto

Guto tinha 22 anos quando conversamos, ele é natural do Rio de Janeiro, não possuía trabalho fixo, e cursava ensino superior em uma universidade pública. Ele se

identifica como homem trans, e iniciou suas modificações corporais aos 18 anos, dois anos depois do nascimento de sua filha, que nasceu quando ele tinha 16 anos.

Guto e eu nos vimos pela primeira vez num ambulatório de hormonioterapia em 2017, porém conversamos somente após a mediação de uma colega pesquisadora que me passou o contato dele. Mandeí uma mensagem convidando-o para participar da pesquisa, porém tínhamos que esperar a aprovação da pesquisa no CEP-IFF. Marcamos uma conversa informal, em um shopping na zona norte do Rio de Janeiro, onde caminhamos por um tempo enquanto ele me contava sobre como estava se acostumando a não ter mais a filha por perto todos os dias. No dia da nossa primeira conversa, que não foi gravada, ele por acaso estava com Nina, sua filha, pois aquele era o fim de semana em que eles estariam estar juntos.

Ela tinha ido morar com a avó, mãe do pai (cis) havia pouco tempo, e eles estavam se vendo somente algumas vezes no mês. Guto estuda em uma universidade federal afastada dos grandes centros, e passa a maior parte de seu tempo na moradia estudantil. Nina sempre morou com ele nessas moradias, porém com o aumento da carga de estudos, ele precisou da ajuda da ex-sogra para cuidar dela.

Apesar de gostar da ajuda com a criação de Nina, Guto diz com pesar que sente muita culpa por estar afastado da sua filha, e teme que isso faça ela sentir que ele não a ama. Guto lembra que vivemos em uma sociedade que cobra dele largar tudo pela filha, e se sente culpado por não ter largado a faculdade e por tentar trabalhar fora do lar. Além disso, apesar da relação com sua ex sogra ser harmoniosa na maior parte do tempo, ele foi colocado na posição de alguém que está em dívida por aceitar ajuda com o cuidado de Nina. Ele relata que sua ex-sogra já usou esse argumento para impor autoridade sobre ele. Guto diz que, socialmente, o "certo" seria ele se dedicar exclusivamente ao cuidado da filha e que é esse o plano do patriarcado,

mas apesar de referir a isso em tom de crítica, sente-se culpado por não cumprir esse papel.

Sua gravidez ocorreu na adolescência, quando ele tinha 15 anos, e vivia junto com o pai(cis) de sua filha. Nesse tempo ele ainda possuía uma identidade pública feminina, porém já buscava a masculinidade. Pouco tempo depois de ter sua filha, ele iniciou a hormonização por conta própria e paralelamente deu entrada no processo transexualizador do SUS.

Pamella: E quando que passou esse pico de transformações?

Guto: A primeira parte foi quando Nina nasceu e a segunda parte foi agora com a testosterona. A mudança mais recente é tipo a barba e o maxilar, que antes quando eu tomava a testosterona aqui do Brasil, não tinha crescido. Só começou a crescer quando eu tomei na gringa, porque no Brasil aparentemente eles não sabem nem fazer a porra de um hormônio direito...

Pamella: Você teria outros filhos? Engravidaria novamente?

Guto: Sim e não. Cara, em uma outra sociedade, sim. Eu gostaria muito de ter essa experiência de novo. Na sociedade que a gente tem agora, não.

Pamella: Mas você está mantendo a sua capacidade reprodutiva?

Guto: Não, se me chamarem para fazer histerectomia, eu vou.

Ao falar do período da gestação em si, Guto narra a sua tentativa de aborto, para depois falar de como desistiu de abortar e começou a incorporar a ideia de ter sua filha e criá-la. Manter a gravidez não foi uma decisão fácil, pois seu relacionamento com o pai de Nina foi conflituoso e ele se sentia só e sem suporte. Ele fala que quando sua filha nasceu, o pai cis dela ficou distante e melancólico, e dizia que não tinha interesse pela menina.

Guto diz com tom de ressentimento que só ele ficava com Nina, e que já esperava ser abandonado pelo parceiro, tendo em vista o comportamento frio e distante que ele vinha tendo. Ele diz que a filha gosta mais dele do que do outro pai, pois eles têm uma conexão mais profunda um com o outro, em razão do tempo que

passaram juntos só os dois. A distância de Jorge, o pai (cis), foi compensada por sua mãe, que cria Nina em sua casa desde 2018. Enquanto a ex-sogra cuida de Nina, Guto pode estudar e construir sua carreira enquanto sua filha é cuidada por alguém em quem ele confia.

Ao falar de parentalidade, Guto, apesar de se identificar como pai de Nina, refere ter em certos momentos da sua trajetória, o sentimento de ser mais mãe que pai, em razão do tipo de dedicação que precisou ter quando engravidou. Para ele, a figura paterna representa a ausência do lar, o abandono, e a falta de responsabilidade e, neste sentido, o lugar de “pai” não lhe cabe. Inclusive, Guto faz uma fala coletiva ao afirmar que ele e outros colegas trans têm vontade de ressignificar o que é ser pai, pois a prática da paternidade que conhecem é muito negativa. Guto vê na palavra mãe a expressão do tipo de sacrifício que precisou fazer para ter e criar sua filha, mesmo que ele já se sentisse muito mais próximo da não binaridade de gênero e da masculinidade quando engravidou.

Quando fala de sua aparência enquanto estava grávido, Guto se descreve como andrógino, afirmando que a barriga causava confusão. Ele fala que a aparência masculina em conjunto com a gravidez foi algo bem difícil de vivenciar. Para ele, a aparência masculina misturada com a gravidez foi uma experiência de disforia:

Pamella: A gente pode... Tem mais outras coisas sobre gravidez que você acha importante pontuar?

Guto: Eu poderia falar sobre a disforia, só que disforia é um assunto muito variável, pode estar presente ou não na pessoa. No meu caso esteve presente. Fez muitas mudanças na minha aparência, que continua meio andrógina, apesar de tudo.

Pamella: Mas como que foi essa questão da disforia para você?

Guto: A minha barriga, os meus peitos ... Eu era todo pequenininho, né agora que eu estou tipo malhando fazendo flexões pra caralho e tô ficando grandinho, mas eu era um palito. Naquela época eu estava ainda mais palito. Palito com peitão. Parecia uma azeitona. [...] essa silhueta que eu tinha, ela me deixava muito mal. Não gostava de olhar no espelho e tudo mais. Não



gostava de usar muito roupa apertada. Até hoje eu não gosto muito não. Eu só gosto de roupas que eu sei que me deixam com a cara que eu quero estar.

Pamella: O que dessa disforia você pensa que atravessa com a gravidez? Por que você trouxe esse tema da disforia?

Guto: Essa carga que eles esperam. Quando você está passando por uma vivência, aquela vivência também vai tentar se encaixar num padrão porque a gente tenta encaixar tudo em padrões. Então você vai entrar na gravidez, mas eles vão tratar da disforia como se fosse algo que todas as mulheres sentiram porque todas as mulheres ficam feias nesse período. E dão um tratamento totalmente foda-se a disforia, isso não é importante. E a gente meio que fica “não, isso é importante sim”. Isso daí é saúde mental, faz muita diferença. Toda diferença.

Pamella: Você acha que muitas pessoas sentem essa disforia?

Guto: Os homens trans sim. Os homens que eu falei não falavam muito bem da gravidez pra mim. Eles falavam mais ou menos a mesma coisa. O sentimento em si é bom, mas assim ... Enquanto eu estava passando por aquilo ali, eu estava xingando todos os deuses. Tava pistolaço. Depois de um tempo você desprende, mas no início é pistola mesmo.

Pamella: O corpo vai tomando uma forma que ...

Guto: você fica muito autoconsciente de como as pessoas estão vendo. Você vê a diferença no tratamento das pessoas muito, muito na cara, sabe. O tratamento é muito diferente, o que você dá a um moleque jovem é a uma menina grávida. Não é a mesma coisa, sabe. E se um parece o outro, e esse outro parece um, aí começa a borrar as linhas do que seria o limite. O homem trans, ele borra a linha toda, ele caga a linha. Ele pega a linha. [...] Eu me achava muito feio. Na época que eu comecei a ficar uma bola, que eu fiquei cheio de líquido retido...

Assim como em outras histórias, diversas questões atravessam a decisão de engravidar novamente ou não, entre elas o medo da violência, a enorme carga de responsabilidade, e os impactos da masculinização do corpo nas funções reprodutivas.

## **São Paulo**

### **Dorival**

Dorival entrou em contato comigo devido ao anúncio que fiz nas redes sociais. Ele me mandou uma mensagem, dizendo que não havia gestado, mas planejava fazê-lo em aproximadamente dois anos. Na entrevista ele explica em detalhes a sua forte

conexão com a construção de uma família, e seu desejo de ser pai. Ele tem 28 anos e foi criado no interior de São Paulo.

Nossa entrevista ocorreu num shopping no centro de São Paulo. Sentamos numa das mesas da praça de alimentação e conversamos por um longo tempo sobre os temas da pesquisa e sobre a vida de Dorival. Ele tinha curiosidade em saber o que ele tinha em comum com os outros homens trans, o que eu ainda não podia dizer pois ainda estava absorvendo as outras entrevistas. No fim de nossa conversa, ele avisou aos amigos que eu iria passar uns dias com eles, pois eu estava tendo dificuldades de achar locais onde eu pudesse interagir com homens trans de maneira espontânea. O entrevistado então me convidou para passar uns dias no apartamento que ele dividia com outros amigos homens trans.

### **Fim de semana na casa de Dorival e seus amigos**

Ao entrar na casa de Dorival deparei-me com Ivana, sua namorada, que estava saindo para ir trabalhar. Ivana é uma moça jovem, trabalha como estoquista e algumas vezes cobre a parte de serviços gerais. Era um apartamento em um conjunto habitacional, próximo a um ponto de tráfico de drogas, em uma área pobre e com alta taxa de criminalidade.

Ao sairmos para dar uma volta, Dorival contou-me que seus dois irmãos também tinham apartamentos ali, e que sua mãe havia conseguido apartamento pra todos eles no conjunto. Ela mora no interior, e vinha sempre à cidade ver os filhos. Ele me disse que ela lhe deu o apartamento e está pagando pela obra, algo que ele valoriza muito. Dorival divide o lugar com dois outros amigos trans que moram lá atualmente, mas que passam a maior parte do tempo na casa das namoradas. Eles

três conheceram as suas namoradas ao mesmo tempo por intermédio da namorada de Daniel [que divide casa com Dorival]. Eles costumam sair juntos e cultivam suas relações dentro de uma grande relação de amizade entre os três casais.

Sáímos para conversar e almoçar, e ao longo do almoço Dorival falou majoritariamente sobre sua vida afetiva, dando ênfase na sua relação com a ex-companheira, que teve um filho enquanto eles estavam juntos. Dorival acompanhou a gravidez e os primeiros anos de vida da criança, e sentia-se pai. Porém, após o fim do relacionamento, sua ex-companheira não o deixa mais ver a criança, dando preferência ao pai biológico.

A ex-companheira e mãe do seu filho adotivo costuma dizer que ele “ - não terá mais acesso ao filho dela e que se quiser um filho “que mande a atual namorada engravidar”. Dorival contou essa história com bastante sofrimento, e falou em recorrer à justiça para tentar ter o direito de ver o bebê, pois ele acompanhou toda a gravidez e primeiro ano de vida da criança. O maior sonho de Dorival é constituir uma família, tudo o que ele faz gira em torno disso, da elaboração material de sua casa aos critérios para relacionar-se com alguém.

## **Porto Alegre**

### **Nilton**

Os entrevistados de Porto Alegre haviam sido indicados por Herbert, um homem trans ativista local, que tem projetos sociais para homens trans e um bloco de carnaval. Meu contato com Herbert foi fruto da indicação de um colega homem trans, que também estudava questões relacionadas a gênero e reprodução. Não consegui conhecer Herbert pessoalmente, pois ele tinha viagem marcada, e fiquei doente no

único dia em que ele poderia falar, mas seguimos em contato. Herbert inspira muito os homens trans que entrevistei. Ele me indicou dois entrevistados, Nilton e Belisário.

Cheguei em Porto Alegre já próxima do horário que havia marcado com Nilton, a entrevista ocorreu no hostel onde eu estava hospedada. Por sorte, Nilton tinha um compromisso em um lugar próximo, tratava-se de uma reunião sobre o seu projeto para ensinar programação de software para homens trans. Quando iniciei a gravação o tom de voz de Nilton diminuiu, ele olhava para baixo, e estava com o corpo voltado para dentro, em uma posição encurvada. Estava muito frio, e ele usava um casaco com capuz, o que me fazia ter menos acesso às suas expressões. Temi que ele não estivesse à vontade, porém ele seguiu contando a sua história, e foi aos poucos abrindo a sua expressão e falando de maneira mais fluida.

No dia seguinte à entrevista, ele me mandou um convite para um evento que ocorreria no sábado dia 17 de agosto de 2019, em um espaço de psicologia. Ele mandou-me também uma matéria jornalística que divulgava o seu projeto, que havia se tornado uma atividade de extensão da UFRGS.

Nilton tem 33 anos, se autodeclara branco, e é natural de Porto Alegre. Ele é formado em Tecnologia da informação e trabalha como programador de software na mesma empresa há dez anos. Ele me disse que recebeu apoio do trabalho quando decidiu iniciar a sua transição corporal para homem trans, alguns anos depois da gravidez. Ele se nomeia como homem trans, e iniciou a sua transição corporal aos 31 anos, porém ele deixou explícito que já sentia o desejo de viver a masculinidade desde antes de sua gestação, que ocorreu de maneira acidental, quando ele tinha 26 anos.

Nilton descobriu a gravidez quando estava tentando terminar seu relacionamento com o pai (cis) de sua filha, que já durava sete anos. Ele diz que se relacionava por comodismo, pois essa era uma forma de se adequar à

cisheteronormatividade, e deixa claro que ele e seu ex-companheiro não faziam planos de casar e ter filhos. O período do término da relação e descoberta da gravidez, coincide com os primeiros passos de Nilton rumo à uma expressão de gênero não-binária, que de acordo com ele, já pendia mais para o masculino.

A descoberta da gravidez, porém, interrompeu temporariamente esse processo, e ele diz que se obrigou a reatar relacionamento para se enquadrar nas expectativas da maternidade feminina. Diz ter aderido à família “margarina” e foi morar junto com o pai de sua filha, mas por dentro sentia que sua vida havia acabado. Ele precisou abdicar de si depois que engravidou, e os primeiros anos como mãe foram um período de forte opressão. Em sua narrativa, sua filha representa motivação para seguir em frente, e ele diz que tudo se tornou mais fácil quando ele a segurou no colo pela primeira vez.

As experiências de parir, amamentar e criar são potentes em seu discurso. Ele não deseja abdicar de suas capacidades reprodutivas, e não pretende retirar seu útero e ovários. Ele reconhece que é difícil desvincular o papel de mãe da figura da mulher, mas sabe que é uma possibilidade que está sendo construída pelos homens trans. Ele defende que um homem ser mãe ou dar à luz são coisas muito bonitas, e pensa na possibilidade de ter um terceiro filho. Caso engravide novamente, ele deseja viver a gravidez como homem e pai, algo que não pode fazer quando engravidou.

Ele ressalta que sempre pode contar com o ex-companheiro, que apoiou e respeitou o seu desejo de se separar para construir uma família com a sua atual esposa. O ex-companheiro compartilha com ele a criação da filha. Juntos eles a educam para compreender a diversidade de sexo-gênero que há entre as pessoas, e buscam fazer com que ela cresça entendendo e respeitando o desejo de Nilton de ser homem. Ele, o ex e a filha fazem terapia juntos, e Nilton diz que essa é uma tentativa

de fazer tudo se encaixar. Ele não se recusa a ser mãe, porém tenta ensinar a filha a chamá-lo de pai. Quando conversamos, ele comemorava o fato de recentemente a menina tê-lo chamado de pai pela primeira vez.

No momento da entrevista Nilton vivia com a esposa e duas filhas, sua filha biológica e a filha de sua companheira, que é também registrada em seu nome (ainda feminino no registro). O entrevistado diz que suas filhas o veem como mãe e pai, pois iniciou sua transição de gênero após um longo período performando a figura de mãe-mulher. A nomenclatura pai estava sendo negociada com as filhas, e ele ressaltou o seu empenho em criá-las compreendendo a diversidade sexual e de gênero. As meninas enfrentam dificuldades na escola por serem as únicas com um pai trans, assim como já eram discriminadas por terem duas mães antes de Nilton iniciar as modificações corporais. Em ambas as experiências, a tensão no ambiente escolar parece ser constante.

### **Evento trans em um espaço de psicologia com Nilton e sua família**

Quando entrevistei o Nilton, ele me convidou para ir em um espaço coordenado por duas psicólogas, uma cis e uma trans. Quando cheguei no evento, estavam o entrevistado, sua esposa e a sua enteada. Na reunião havia mulheres e homens trans, mulheres cis, e pessoas não binárias que indicavam as suas preferências de pronomes de tratamento. A conversa se iniciou com uma roda de apresentações, e eu fiquei ansiosa pelo momento de me apresentar em um lugar onde eu era a “cis”. Há um tempo esse seria um momento de pânico, pois eu tinha muito medo de ser mal interpretada por ser uma mulher cis estudando uma questão dos homens trans, porém naquele espaço eu me sentia acolhida, e falei o que queria transmitir sobre mim: “Oi,

eu sou a Pamella, sou uma mulher cis, pesquisadora da Fiocruz. Eu sempre tive contato com pessoas trans ao longo da vida, e sou também familiar de uma pessoa trans”.

Fizemos uma dinâmica com os corpos, caminhando pelo espaço e olhando uns aos outros nos olhos, o que para mim era muito difícil, pois olhar nos olhos me deixa perplexa, sempre tive medo dos olhares das pessoas, o machismo e o racismo sempre chegaram até mim através de olhares intimidadores. Mas ali, eu recebia olhares de muitos tipos, muitos olhares tão envergonhados quanto o meu. Desse modo, aos poucos, pude olhar em alguns olhos com mais tranquilidade.

Depois, ficamos nos alternando em duplas, primeiro caminhávamos, depois parávamos ao comando da psicóloga, para então novamente formarmos as duplas. Em seguida, recebíamos outro comando, que consistia em uma palavra disparadora para a interação com a dupla. Fiz dupla com um menino trans, e lhe perguntei como a masculinidade o inspirava e como ele a alcançava. Ele me disse que as suas “masculinidades vinham de suas vivências e experiências, e não de uma fonte específica”, essa fala reforçou o aviso constante que tenho em minha cabeça de não me guiar pelas noções de “papéis” ou “figuras” de masculino e feminino como coisas estáticas. A noção de masculinidade contida nessa fala refere-se a processos que nem sempre habitam o terreno do narrável. Outra de minhas duplas foi uma mulher Trans, a Monique, que morava numa ocupação transfeminista, junto com sua colega que também estava no encontro, a Renata. Monique e Renata são mulheres trans negras, jovens e universitárias.

Na roda de conversa, após a dinâmica surgiram questões tais como “família como base” e “lugar de fala”, e também se falou sobre a necessidade de falar em um ambiente não heteronormativo. A psicóloga trans falou sobre aquele ser um ambiente

seguro, um lugar de criar laços com outras pessoas que compartilhavam suas diversas maneiras de compreender as questões de gênero.

Depois da reunião, Monique e Renata me levaram na ocupação onde elas moravam. Ficamos lá por um curto período de tempo, pois com o cair da noite era difícil conversar no espaço, que estava sem abastecimento de energia elétrica. Na breve conversa, as pessoas presentes me explicaram que a ocupação era antes comandada por um grupo de mulheres cis “radfem”<sup>5</sup>, e somente depois de muitos conflitos e disputas o lugar se tornou um espaço transfeminista. Quando o grupo “radfem” comandava a ocupação, só eram aceitas mulheres cis e homens trans. Após a mudança para o transfeminismo como orientação política da ocupação, passou-se a rejeitar somente a entrada de homens cis no espaço.

Todos na casa são universitários, de universidades públicas e particulares, e fazem cursos da área das ciências humanas ou das artes. Eles coletam roupas usadas, que são vendidas em um brechó e também utilizadas por eles. Lá come-se do recicle, que consiste nos restos dos restaurantes depois que fecham as cozinhas, e de restos da feira, com os quais faz-se comida vegana.

Na casa havia muitos livros, zines e jornais locais. Tudo isso se mesclava com a precariedade do lugar, que além de não ter luz, não tinha descarga nos banheiros, nem sistema de esgoto para atender a pia da cozinha. Ali vivem jovens que buscam viver de acordo com os seus ideais de gênero e ação política. Porém, apesar de desfrutarem do direito de ser quem são naquele espaço, todos vivem uma vida com

---

<sup>5</sup> O termo “radfem” foi usado por alguns interlocutores para se referir às ativistas que rejeitam as mulheres trans nos espaços feministas. No plano internacional é mais utilizada a sigla TERF – *trans exclusionary radical feminists*, algo como “feministas radicais trans-excludentes”.



muitas privações e riscos. Já houve diversas batidas policiais e tentativas de reintegração de posse na ocupação.

Quando cheguei, Renata não estava e fui recebida por Monique, Daiana e Miro, respectivamente uma mulher trans, uma pessoa não binária e um homem trans. A fluidez de gênero tomava todo o espaço, enquanto falávamos da tristeza do país, do medo do futuro, e de nossa ansiedade em achar formas de diálogo possíveis entre os grupos políticos que eram favoráveis às causas LGBTQIA+ e feminista. O cenário, inspirado pelos movimentos de poesia marginal, movimento punk, movimento de moradores de rua de Porto Alegre, movimento feminista, movimento negro, movimento LGBTQIA+, movimento da causa animal e movimento ambiental, me fazia sentir imersa numa complexa trama de narrativas que se misturavam com as questões de gênero na militância universitária. Saí dali pensando muito sobre a importância de ter ido naquele espaço, que misturava arte e precariedade, e representava algumas disputas entre o feminismo e o transfeminismo.

## **Porto Alegre**

### **Belisário**

Eu estava desde sexta-feira dia 16 de agosto de 2020 tentando remarcar a entrevista com Belisário, que parecia estar fugindo de mim. Eu insisti e mandei muitas mensagens explicando que eu havia viajado para entrevistá-lo, que topava fazer a entrevista em qualquer lugar. Ele me disse que estava trabalhando em um evento que estava lhe tomando muito tempo, pois havia uma carga de trabalho muito grande para ele e sua equipe. Depois de conversarmos por mensagens virtuais, ele me perguntou se eu podia encontrá-lo às 12h30, no local do evento em que ele estava trabalhando.

A entrevista ocorreu dentro do seu carro de trabalho, o seu celular tocava bastante e ele parecia atribulado. Ele me disse que seu chefe lhe havia dado permissão para se ausentar pelo tempo que precisasse para me conceder a entrevista, mas as demandas de seus colegas continuavam chegando pelo celular. A empresa onde o entrevistado trabalha contrata muitas pessoas LGBTQIA+, e ele me disse orgulhoso que era “o melhor funcionário” da empresa.

Belisário tem 32 anos, se autodeclara branco, é natural de Porto Alegre, possui ensino médio completo, e quando conversamos ele estava em um trabalho formal com carteira assinada. Ele sempre trabalhou com manutenção predial, na empresa de seu pai, mas agora estava trabalhando nessa empresa de montagem de estrutura para eventos. Disse que aprendeu a consertar coisas observando seu pai trabalhar, pois ele nunca quis ensinar o trabalho para ele de maneira voluntária. Ele se nomeia como homem trans, e iniciou a sua transição aos 27 anos, após ver um bloco de carnaval de homens trans ativistas. Ele diz que ao ver o líder do bloco em cima do trio, percebeu que poderia ser como aquele cara.

Belisário engravidou com 20 anos, quando ainda se entendia como lésbica. No momento em que engravidou, ele estava tentando se separar do ex-marido, pai de seu filho, com quem estava casado desde os 16 anos. Quando se assumiu como lésbica, aos 14 anos, ele teve enormes problemas com sua família, que recusou violentamente a sua sexualidade. Ele diz que o casamento com um homem cis foi a maneira que ele encontrou para se livrar da pressão familiar e ter uma vida mais independente. Casou-se aos 16 anos, pensando em se separar quando completasse maior idade, porém a separação não foi uma conquista fácil. O ex-companheiro sentia muita raiva da lesbianidade de Belisário, e o agrediu com crueldade, chegando a esfaqueá-lo.

A gravidez, ocorreu de maneira inesperada, justo quando Belisário havia conseguido sair da casa que dividia com o ex-companheiro. Quando se viu grávido, sentiu-se pressionado a reatar o casamento, e voltou a viver com o ex. Ele diz que sua mãe insistiu muito para que ele continuasse casado, e o aconselhou a viver a sua sexualidade em segredo, algo que ele não aguentou por muito tempo. Quando seu filho fez 3 anos, Belisário saiu de casa definitivamente, ele fugiu de casa com o seu filho enquanto o ex-companheiro estava no trabalho.

Depois de se separar, Belisário entregou o filho aos cuidados de sua mãe, que cria o menino até hoje. Dentre os motivos para deixar o filho com a mãe, ele destaca seu desejo de proporcionar ao filho um modelo de família “normal”, representado pela figura de seus pais. Um dos temores de Belisário é ser acusado de influenciar no gênero e na sexualidade de seu filho, e parece haver em sua família de origem um jogo de culpa sobre quem ou o que fez Belisário ser lésbica e posteriormente homem trans.

No momento da entrevista, havia oito meses que Belisário estava morando junto com sua companheira e os dois filhos dela. O seu filho biológico vive em uma cidade próxima, e o visita com frequência. Os filhos adotivos o chamam de pai, e seu filho biológico o chama de mãe, porém o entrevistado diz que sempre quis ser o papai. Mesmo sendo chamado de mãe, ele diz que sempre fez mais coisas de pai do que de mãe para o seu filho. Ele fala que sente um pouco de culpa por estar mais presente no cotidiano dos filhos adotivos do que esteve no de seu filho biológico, mas parecia muito satisfeito por finalmente ter constituído um lar onde ele podia ser marido e pai.

## **São Paulo**

### **Carlos**

#### **Visita ao time de futebol de homens trans em São Paulo**

A indicação para visitar o time aconteceu com a mediação de uma pesquisadora americana que conheci em um congresso onde apresentamos na mesma mesa as nossas pesquisas sobre homens trans. Tina estava fazendo também doutorado, e pesquisava o time de homens trans como um locus de união, afeto e cuidado. O time é o projeto de um homem trans chamado Renato, que faz dos treinos um espaço dedicado aos homens trans. Além do próprio treino físico, há ali a criação de vínculos de amizade e solidariedade, incluindo desavenças e discussões que temperam as relações entre os jogadores. Ao fim de cada treino há uma roda de conversa com Letícia, uma psicóloga voluntária apoiadora do time. A maioria dos jogadores são homens trans jovens e a maior parte deles tem uma aparência já bem masculina; muitos usam barba e muitos já operaram os seios. No treino exibem seus binders, e um dos meninos parecia ter operado os seios havia pouco tempo, pois ainda tinha curativos no tórax.

Puxando conversa com dois deles, falamos muito sobre mercado de trabalho, ecologia, e política, e todos estavam apavorados com a gestão presidencial altamente homo/transfóbica. No meio da conversa, um dos meninos disse que tinha um deles que não estava ali porque estava cuidando do neto, filho de sua filha que ele estava criando como filho dele, e que seria bom eu entrevistá-lo. Peguei o contato do Carlos, e marcamos a entrevista.

Ele marcou comigo em um shopping na zona leste de São Paulo. Ele vinha da casa de sua mãe, e estava com seu filho e sua esposa. O local da entrevista era bem barulhento, e a esposa de Carlos precisou dar voltas com o filho durante a entrevista, o que encurtou o tempo da conversa, pois ela e a criança não podiam esperar por muito tempo. Já era de noite e todos estavam cansados. Porém, apesar dos contratempos, eu e Carlos conversamos bastante, pois ele tinha muita desenvoltura contando a sua história.

Carlos, tem 37 anos, se autodeclara branco, é natural de São Paulo, possui ensino superior incompleto e tem seu próprio negócio. Ele se nomeia como transexual, termo que conheceu com 31 anos, ao assistir uma entrevista de João Nery para o Jô Soares, e iniciou a sua transição com hormônios e cirurgias com 33 anos. Ele fez a cirurgia de mastectomia masculinizadora, toma hormônios regularmente, e junta dinheiro para fazer uma metoidioplastia.<sup>6</sup> Ele ressalta que por ter sido jogador de futebol profissional ele sempre teve um corpo masculino, e diz que quando engravidou já se via e era visto por sua família como masculino. Ao descrever sua aparência ele diz: “sempre fui moleque, sempre fui molequinho. Sempre cabelinho mais curto possível, roupa larga, tênis, jogando bola no meio dos moleques, então assim, todo mundo me via realmente como um garoto”. Quando fala da gestação, ele diz que foi literalmente um homem grávido, e diz que o anúncio da sua gravidez foi muito chocante para todos ao seu redor, assim como para ele mesmo.

Carlos engravidou com 15 anos, e diz que fez sexo com um homem cis por sofrer muita pressão externa para ser “normal”. Ele diz que sua família percebia que havia algo de “diferente” com ele, porém na época as percepções eram relacionadas

---

<sup>6</sup> Procedimento cirúrgico onde a pele que envolve o clitóris é removida e liberada do púbis, concedendo uma aparência de maior comprimento, e a uretra é alongada para que termine na ponta do neofalo. A metoidioplastia é feita após o uso contínuo de hormônios, que estimula o crescimento do clitóris.

à homossexualidade, e mesmo que houvesse apontamentos, ninguém falava com ele sobre sexo e sexualidade, que eram assuntos muito velados quando ele era adolescente. A gravidez foi muito traumática para Carlos, que teve depressão durante a gestação e também no pós-parto. Ele diz que se sentia uma aberração, e que as mudanças e sensações, corporais e psicológicas da gravidez foram muito dolorosas.

Ele diz que precisou começar a trabalhar assim que se descobriu grávido, e que sempre foi o único responsável pela parte material da criação de sua filha. O homem cis de quem ele engravidou negou a paternidade em um primeiro momento e Carlos precisou recorrer ao teste de DNA. Mesmo assim, o pai cis nunca contribuiu financeiramente, e nunca se interessou por estar presente na vida da filha, que busca sempre por ele, sem conseguir muito da sua atenção.

Carlos diz que tentou ter um relacionamento com um outro homem cis no primeiro ano de vida da sua filha, na tentativa de se encaixar na “normalidade”. Ele diz que todas as moças com quem ele trabalhava tinham namorado, e que por ter tido um filho ele se sentia obrigado a ter uma relação com um homem cis. Porém, ele narra a tentativa como uma enorme frustração e diz que não conseguiu estabelecer nenhuma intimidade sexual nessa relação, fazendo com que ele e o moço se tornassem somente amigos.

Nos dois primeiros anos da vida de sua filha, Carlos ainda morava com sua mãe, e tentava se enquadrar nas expectativas de mulher e mãe. Depois ele conheceu a sua esposa, e foi morar com ela, levando a criança junto, à contragosto de sua mãe. Ele diz que ele e a esposa sempre precisaram disputar pela criação da filha com a mãe dele, que sempre os desautorizou e interferiu negativamente na educação da neta.

Com 10 anos de idade sua filha pediu para viver definitivamente junto da avó. Hoje ela tem 21 anos, e no momento da entrevista, eles estavam brigados e sem falar um com o outro, apesar de Carlos estar criando o filho dela. Ele fala de forma muito negativa da relação de sua filha com o homem cis com quem ela teve o bebê, e diz que precisou intervir. Ele entrou com uma ação pedindo a guarda do seu neto, e hoje cria o menino como seu filho. Carlos possui prenome retificado, e consta no registro de seu filho-neto como avô materno. Ao falar de sua experiência atual ele se descreve como Avohai, e citando a canção de Zé Ramalho, ele explica que é avô e pai. A sua esposa parece ser participativa na criação do menino, e Carlos diz que está se realizando verdadeiramente como pai na criação de seu neto.

## **Rio de Janeiro**

### **Luan**

Luan tem 19 anos, mora no Rio de Janeiro, e não tinha emprego formal quando conversamos. Quando nos conhecemos ele tinha acabado de ter sua segunda filha, que tem um ano e meio de diferença do irmão. Ele vive com uma identidade masculina, porém não estava fazendo uso de testosterona quando falamos, assim como nunca fez nenhuma intervenção cirúrgica masculinizante. Diferentemente dos outros entrevistados, sua aparência não é indistinguível ou muito próxima da dos homens cis, sua masculinidade é desempenhada sem tecnologias.

Pamella: Tu nunca se hormonizou?

Luan: Não, uma pena, nunca...

Pamella: Você sempre foi masculino com....

Luan: Com jeito mesmo [...] E tipo, é... Eu, sempre me falo assim, "ah, eu quero, eu vou tomar, mas aí tanto que na gravidez, depois da gravidez dele

eu ia tomar, depois da gravidez dele eu ia tomar, mas aí eu peguei, e eu descobri que eu fiquei, tanto que eu descobri que eu tava grávida dela, e ela veio, ela veio, não veio planejado, veio só aconteceu”.

Meu contato com Luan se deu pela mediação de uma colega enfermeira e pesquisadora, que estava cuidando dele no pós-parto. Ela entrou em contato dizendo que se tratava de “mulher transexual que tinha tido um filho”, eu estranhei, e lhe expliquei que se tratava de um homem trans. Ela se desculpou, e disse que tudo isso era muito confuso pra ela.

Quando fui ao hospital conhecer Luan, para convidá-lo para a entrevista, apareceu Mariana, uma enfermeira-obstetra, que também estava ali com interesses de pesquisa. Ela disse que era uma estudiosa das questões trans, e trabalhava em uma maternidade de referência. Mariana classificou a sua equipe como composta por pessoas de “mente aberta”, pelo fato de eles tratarem as pessoas trans da maneira adequada. Ela é estudante de doutorado, e sua tese será sobre mães adolescentes em casas de detenção. Ela disse que antes estudou a temática LGBT (sigla dita por ela desta forma), e que sempre é chamada para fazer partos de pessoas trans, por saberem que ela “entende desses temas”.

O alojamento da maternidade é dividido em compartimentos com umas cortinas, o que nos dava pouca privacidade para conversar. O roupão de Luan era florido em tons de rosa bem suave, o que destoava com sua aparência punk, com as unhas pintadas de preto e o cabelo pintado de rosa. Com sua cara de menino, aos 19 anos ele estava ali tendo o seu segundo filho, o primeiro tem um ano e meio. As duas crianças são fruto do relacionamento que Luan tinha terminado há pouco tempo, em razão das muitas desavenças pela sobrecarga com o cuidado das crianças, e da falta de compromisso e fidelidade dx ex-companheire (pessoa não binária na época, com a intenção de transicionar para o feminino). Sobre sua família de origem, ele me falou



de duas mães, sua mãe adotiva (pegou ele para criar ainda bebê), e uma grande ativista trans, que coordena a ocupação trans onde ele morou. Quando nos conhecemos, Luan ainda estava morando na ocupação, porém após ser liberado do hospital ele voltou para a casa de sua mãe.

O entrevistado não possui o ensino médio completo, e também não tem formação técnica. Seu último emprego foi como chapeiro em uma barraca de lanches, porém com as crianças era difícil arrumar um novo trabalho. Na ocupação não tinha luz nem água encanada, e a alimentação era precária, o que dificultava bastante o cuidado com as crianças. Na casa de sua família de origem, ele recebe ajuda material de sua mãe, e fica responsável pelo cuidado de seus filhos e do sobrinho, filho de seu irmão. Para além das questões materiais, Luan também fala das questões morais que o levaram retornar para a casa de sua mãe com os filhos:

Luan: Por conta das pessoas, porque é... vou te falar, é muita coisa que assim, não é certa pruma criança ver. Eu adoraria que meus filhos crescessem no meio, no mundo que eu vivo, no mundo trans, tanto que eu vou apresentar todo mundo, as garotas, os garotos trans que eu conheço, mas assim na ocupação em si, não deu pra morar lá, não tem condições, porque é... Festas que tem muita orgia, tem muita droga, muita droga, tipo droga sem parar, sem parar, sem parar. E é confusão, confusão, confusão, tipo eu vou pegar, eu vou fazer o quê lá? Não tem condições, não tem condições mesmo então tipo, e assim, pros meus filhos, por questão disso, não acho certo. Porque eu quero, assim, eu fumo cigarro, eles ver, mas eu não quero que eles fumem cigarro, entende? Se eles quiserem mais pra frente eles escolhem o que eles querem da vida. Não quero influenciar [...] o mundo de fora vão achar que também eu tô influenciando eles a serem o que eu sou.

Pamella: Você tem muito medo disso, das pessoas acharem que você vai influenciar os seus filhos...

Luan: Sim. Sim é, às vezes eu tenho. Às vezes eu tenho. Aí, tipo... Ehh... Será que por você ser assim, será que os seus filhos vão ser. Eu falei, meus filhos vão ser o que eles quiserem pô. Eu não vou influenciar nada não, tanto que eu vou mostrar os dois lados, vou...

A questão que norteia a fala de Luan envolve o que se entende por um ambiente adequado para criar crianças. As condições materiais, as restrições morais, e principalmente o julgamento da sociedade sobre a influência do ambiente na

sexualidade das crianças, levaram Luan a retornar para o ambiente onde foi criado para criar seus filhos. O medo de ser acusado de influenciar no sexo-gênero dos filhos não aparece somente na história de Luan, esta é uma questão central para o debate das parentalidades de pessoas LGBTQIA+, e é uma arma das alas conservadoras para atacar as famílias que escapam da heteronormatividade. O entrevistado sente-se obrigado a aderir aos códigos morais que o condenam em nome da responsabilidade associada à sua figura de mãe.

A sobrecarga da maternidade incomoda muito Luan, que vive as desigualdades estruturais de quem engravida. Seu tempo e energia estavam completamente voltados para o cuidado quando conversamos, e seu/sua ex parecia estar fugindo das responsabilidades por questões emocionais, que tinham a ver com o relacionamento com Luan, e também com a sua transição para o feminino:

Pamella: E você acha que o fato de você ser a pessoa que engravidou tem a ver com essa responsabilidade maior que você tá tendo agora?

Luan: Total. Como minha mãe fala, minha mãe fala assim. “Ele [ex-companheiro] tá lá viajando, tá curtindo festa porque realmente tá curtindo festa, fazendo isso e tal, fudendo pra caralho, fazendo... enquanto isso você fica presa dentro de casa, com seus filhos, você não sai”, eu falo, com certeza mãe... vou te falar, isso às vezes dá até tristeza, dá até depressão realmente, eu penso assim, caralho tô em casa, todo mundo saindo pleno final de semana, sexta-feira, o que que eu tô fazendo em casa? Aí eu pego e penso, eu me ferrei. Aí eu penso e porra, mas aí eu penso mais pra frente. Hoje eu tô com eles, tô cuidando deles tô presa dentro de casa, mas aí mais pra frente, ele vai querer fazer o quê, vai querer correr atrás das crianças eu não vou deixar, porque tipo ele curtiu bastante, curtiu mesmo, mas quando as crianças crescer, se as crianças quiser procurar eles procura, eles já vão tá maior já, mas comigo... Ele não quis curtir a vida dele? Não quis ser livre? Então porque fez dois filhos? Então agora ele quer curtir? Curte, mas eu vou tomar conta dos meus filhos. Não é ele que vai pegar e tirar meus filhos não. Ele não tá lá na vida dele, tá fazendo o que ele bem entende, e eu tô aqui preso, tô aqui tomando conta das crianças...

A revolta de Luan é visível, ao narrar seu descontentamento, ele demonstra como a função do cuidado e a restrição ao ambiente doméstico dificultam levar a vida como gostaria. A opressão que sofre gera um desejo de vingança, e ele ameaça afastar as crianças do ex-companheiro. A mãe de Luan também parece bastante

revoltada, tanto pela restrição imposta à Luan, quando pela displicência do ex-companheiro do filho. Nessa história, ficam evidentes as marcas da estrutura heteronormativa nas relações de parentalidade, e a ausência de autonomia financeira como um grande empecilho.

Entre todos os entrevistados, ele é o que menos consegue acessar recursos do mundo masculino hegemônico, seu momento de maior liberdade foi quando morou na ocupação, onde tinha a sua identidade de sexo-gênero respeitada, apesar das restrições materiais. Com a sua família de origem, ele é novamente colocado no papel feminino, como vemos na maneira como fala sua mãe. Portanto, sem autonomia financeira e sem suporte familiar, o trânsito de gênero torna-se mais difícil, demandando muita auto determinação e perseverança, além de uma forte aliança com outras pessoas trans. Luan diz que muitos outros amigos de classe popular nunca tiveram contato com a testosterona.<sup>7</sup> No entanto, isso não pode ser um invalidador das masculinidades alternativas, pois elas oferecem formas de vida que não dependem de tecnologias, e abrem possibilidades de compreensão de si para todos aqueles que se identificam como masculinos porém não podem acessar esse corpo.

Neste subtópico apresentei brevemente as histórias de todos os entrevistados. Em seguida, no próximo subtópico, tratarei de alguns temas que me parecem fundamentais nas dinâmicas de vida desses sujeitos homens atravessados pela experiência da gravidez. Somente a história do entrevistado Luan foi analisada junto com a apresentação, pois ele apresenta muitas singularidades que extrapolam as questões comuns entre os demais entrevistados com filhos nascidos vivos. A escolha

---

<sup>7</sup> Como vimos anteriormente, no quadro teórico, nas classes populares a auto nomeação como homem trans é mais difícil e convive com outras nomenclaturas – tal como *boys* (CORDEIRO, 2016). No entanto, isso não pode ser um invalidador das masculinidades alternativas, pois elas oferecem formas de vida que não dependem de tecnologias, e abrem possibilidades de compreensão de si para todos aqueles que se identificam como masculinos, porém não podem acessar esse corpo.

por apresentar de forma breve a totalidade das histórias foi uma forma de mostrar o máximo possível as especificidades de cada um em relação aos temas comuns. As descrições ilustram a pluralidade de experiências, algo que me parece fundamental de ser explicitado. Categorizar a transexualidade pode ser algo danoso, se não entendermos que, assim como qualquer outra categorização, trata-se de uma abstração. Em outros termos, como refere Gaudenzi (2014), com base no pensamento de Hacking (1995), a construção de tipos humanos – o processo no qual o conhecimento especializado retroalimenta a sociedade modelando a realidade na qual vivemos – nunca permite a elisão do sujeito. Nesse sentido, entendo que ao mesmo tempo que categorizar as pessoas pode estigmatizá-las, por outro se “auto categorizar”, ou afirmar uma identidade, pode ser seu único vínculo de pertencimento a um grupo social e a única possibilidade de dar sentido a certos modos de vida outrora inexplicáveis.

No caso dos homens trans aqui apresentados, um a um, a partir de suas histórias contadas, tive o intuito de fazer um movimento contrário à unificação, o que poderia neutralizar as diversas expressões das sexualidades e das identidades de gênero e as inúmeras formas de explorar o corpo, vivenciar a gravidez e a parentalidade. Ao contrário, meu intuito nesta parte da tese – da apresentação dos entrevistados – foi dar luz para a heterogeneidade da categoria.

Afirmar a heterogeneidade da categoria, ou a singularidade das experiências, no entanto, não é sinônimo de negar as vivências comuns dos grupos sociais (GAUDENZI, 2020), como é o caso dos homens trans (que engravidam). São, portanto, sobre essas vivências comuns, mas também sobre questões que suas histórias, em conjunto, despertaram, que se tratam os tópicos subsequentes.

## **4.2 Gravidez e heteronormatividade: as tentativas de se encaixar e os acidentes do corpo**

Nesta seção, analiso como certa compreensão da gravidez como pressuposto da natureza feminina no sistema heteronormativo foi vivenciada em consonância - e ao mesmo tempo em contraposição - às performances de gênero masculinas dos homens trans entrevistados. Inicialmente, grande parte deles sentiu o peso da abjeção sobre seus corpos grávidos, o que parece estar intimamente relacionado com a concepção de que a performance de sexo-gênero masculina exclui a gravidez como experiência constituinte da masculinidade. Como salienta Pederzoli:

"Os homens trans grávidos não exibem apenas a distinção entre sexo e gênero, eles desafiam, ainda que implicitamente, a diferenciação entre aparência e realidade que um bom contrato popular pensa sobre identidade de gênero. A "realidade" do gênero se constitui por sua performance; não existe um recurso para um sexo ou gênero essencial ou não percebido devido a uma expressão ostensiva do gênero. Entretanto, ao contrário do gênero das travestis, por exemplo, cujo desempenho é tão verdadeiro quanto qualquer outro que não fira as expectativas sociais, os homens trans grávidos não estão consonância com o padrão social de homem, pois a gravidez é vista como algo exclusivo das mulheres" (2017. p.23)

Nas histórias contadas, pude observar que mesmo em face do corpo grávido, o desejo pela masculinidade se manteve, e após os acidentes e provações do corpo, os entrevistados refundaram suas vidas como homens trans, o que, é claro, não ocorreu sem obstáculos. As gravidezes foram acidentais, e alguns dos entrevistados viviam relacionamentos insatisfatórios, questões também presentes nas histórias analisadas por Trajano (2019) e Monteiro (2018). Para a maioria dos entrevistados, a gravidez curiosamente atravessou o momento em que eles começaram a se mostrar como masculinos de uma maneira mais pública, e os fez recuar com a transição corporal.

Para Carlos, Nilton e Belisário, a gravidez foi significada, em um primeiro momento, como um aprisionamento ao modo de vida feminino, e, diante do corpo grávido, cada um deles precisou criar modos de sobrevivência dentro de si mesmos. Os conflitos foram muitos, e envolvem a sexualidade, o gênero, a vida profissional, e os relacionamentos afetivo-sexuais.

Belisário e Carlos engravidaram ainda na adolescência, no contexto de muitos desentendimentos com a família de origem. Nesse período, eles ainda não se reconheciam como trans, mas eram apontados como sapatão ou como homossexual.

Pamella: E como foi esse processo de engravidar, foi uma coisa que você esperava?

Belisário: Não, na verdade, eu até então me assumi, me assumi não, é... sapatão como falam, com 14 anos né, e aí eu descobri que eu gostava de menino também, só que desde pequenininho assim, desde o tempo da escolinha eu gostava de ser o papai então... Aí peguei, conheci o pai do meu filho, daí descobri realmente que eu gostava de mulher, só que a minha família era muito preconceituosa e tal, daí acabei casando com o pai do meu filho com 16 pra sair de casa. Falei assim ah quando eu fizer 18 eu vou daí me separo dele e vou viver minha vida.

No Brasil, o termo sapatão se refere às pessoas nomeadas como mulheres ao nascer nas quais se identifica uma performance de gênero masculinizada associada ao desejo sexual por mulheres. A expectativa que gira em torno de quem é sapatão, em geral, exclui a possibilidade de uma gravidez, uma vez que se supõe que assumido o desejo sexual por mulheres, o sexo com homens não será mais praticado. Isso, no entanto, não reflete as experiências dos homens trans entrevistados.

No caso de Belisário, como indica a fala acima, para além do desejo sexual, outras questões o levaram ao casamento e ao engravidamento. Em sua história há uma série de provações e tentativas, uma verdadeira batalha, marcada por assumir-se como sapatão e sofrer perseguição de sua família, em especial da sua mãe; casar-se com um homem cis - pensando em separar - para tentar ter mais liberdade; e engravidar quando decidiu se divorciar.

Carlos, que costumava ser apontado como homossexual, por sua vez, cedeu às pressões externas que sofria para tentar ser “normal”, e acabou engravidando:

Carlos: Todo mundo sabia que tinha uma coisa diferente comigo, mas é o que eu te falo, foi naquele ponto da homossexualidade, até então, todo mundo tipo ah... Pau torto, nasce torto morre torto. Ninguém esperava nada, teve nada assim, um encaminhamento, uma conversa, um levar no psicólogo, nada, então a coisa foi meio que ebulindo de uma vez, foi tudo muito tumultuado na minha vida

[...]

eu nunca me entendi como uma menina, na minha cabeça eu jamais engravidaria, e aí aquele negócio ah você tem que ser normal, você tem que ser normal, você tem que ser normal, aquela pegação no pé. Foi quando eu tive uma relação sexual, com um cara, e na minha cabeça eu jamais ia engravidar. E engravidei. Literalmente foi assim.

A fala de Carlos de que nunca imaginou que engravidaria, mesmo tendo relação sexual, pode ser entendida como uma afirmação de que o corpo feminino lhe era algo tão estrangeiro que não lhe pertencia. Claramente, a fala não é oriunda de um desconhecimento sobre os processos reprodutivos e sobre os funcionamentos dos órgãos, mas talvez expressão da ideia da impossibilidade de um homem engravidar.

Ao contarem suas histórias de gravidez, os entrevistados falam explicitamente que a visão que eles tinham de si como masculinos os faziam pensar que a gestação era algo que não lhes ocorreria imaginariamente em suas experiências sexuais. Mesmo que ainda não fossem lidos como homens, os entrevistados já eram vistos como masculinos, e a gravidez intensificou os conflitos que eles viviam.

Quando engravidou, Carlos era adolescente, tinha uma aparência bem masculina, jogava futebol profissionalmente, e estava sob muita pressão interna e externa para ser “normal”. Seu corpo era, até o momento da gestação, um meio pelo qual ele expressava a sua masculinidade. Porém, após se descobrir grávido, ele sentiu-se pressionado a performar a gravidez-feminina, e não conseguia se reconhecer:

Pamella: E você se sentia assim um homem grávido, ou você...

Carlos: Sim, um homem grávido. Literalmente um homem grávido.

Pamella: E como era isso de ser um homem grávido?

Carlos: Maluco. Maluco porque isso mexe muito com o seu psicológico, você não consegue ter uma vida normal, não consegue mais ter uma vida normal, então, é o que eu te falei foi nove meses de depressão, nove meses sem sair de dentro de casa, sem conversar com ninguém, sem falar com ninguém [...] Porque qualquer coisa pra mim já era, tudo era comigo, tudo era pra mim, então aquilo era, acabava comigo, então assim não dava. As próprias pessoas que não me conheciam às vezes me viam no ônibus falavam nossa, tu tá grávida.

Pamella: Era muito estranho visualmente?

Carlos: Era muito estranho visualmente, porque eu já tinha um cabelo muito curto, já andava como um garoto, então assim as pessoas não conseguiam entender realmente se eu era uma menina, que tava grávida, ou se eu era um rapaz que tinha uma barriga muito grande, literalmente eu cheguei nesse ponto, então assim, na época assim, aquilo pra mim era avassalador, hoje assim eu entendo um pouco mais, eu vejo a confusão na mente das pessoas, mas pra mim foi muito avassalador, então foi muito ruim.

Carlos precisou olhar para si, e tentar compreender a própria experiência-aparência, que não lhe era familiar. A gravidez impedia a expressão da masculinidade através do corpo, o que provocou uma sensação de inteligibilidade, uma vez que sempre se sentiu um homem. Conforme seu relato, o estranhamento era inclusive para os outros, que também o viam como masculino. Para ele, a dúvida alheia sobre se se tratava de uma mulher grávida ou um homem barrigudo lhe foi avassaladora, em suas palavras, talvez por ver nos olhares alheios a dúvida em relação ao gênero que ele próprio nunca teve e por estar vivenciando uma experiência jamais imaginada. Afinal, um homem não engravida. “Era maluco”, “era muito estranho visualmente”, diz.

A inteligibilidade do sexo-gênero no esquadro da norma heterossexual legítima ou não os modos de existir com base em elementos corporais, estéticos e discursivos. Nas trajetórias analisadas, a busca pela inteligibilidade pode representar um grande esforço e ser fonte de sofrimento, pois ao aglutinarem em suas performances os



papéis de mãe, pai e pessoa trans, os personagens desta pesquisa causaram e sentiram confusão e medo. De acordo com Butler, as performances de sexo-gênero que não podem ser classificadas dentro dos padrões binários e heteronormativos são jogadas em zonas de abjeção:

“zonas “não-vivíveis” e “inabitáveis” da vida social que, não obstante, são densamente povoadas por aqueles que não alcançam o estatuto de sujeito, mas cujo viver sob o signo do “inabitável” é necessário para circunscrever o domínio do sujeito. Essa zona de inabitabilidade vai constituir o limite que circunscreve o domínio do sujeito; ela constituirá esse lugar de pavorosa identificação contra a qual – e em virtude da qual – o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação por autonomia e vida.” (BUTLER, 2019. p.18)

Diante do próprio corpo grávido como um terreno “inabitável”, Carlos tentou adequar sua aparência e a sua performance de gênero ao padrão feminino. Ao longo do primeiro ano de vida da sua filha, ele tentou ter um relacionamento afetivo-sexual com um homem cis, trabalhou como secretária, e tentou adequar a sua aparência e a sua sexualidade ao padrão hegemônico da matriz heterossexual, uma experiência que refere como dolorosa:

Carlos: É. Eu tentei no primeiro ano da, que a Júlia nasceu, eu tentei, falei não, gente, eu preciso parar com isso, eu não sou normal, eu preciso ser uma pessoa normal. Eu tentei namorar um cara... eu tentei não ser um garoto, mas não dava, porque eu não conseguia. Não conseguia. Não conseguia trocar ideia assim, tipo, não conseguia beijar o cara mano, como é que eu ia chegar na via de fato.

Pamella: Mas você tentou namorar o pai dela?

Carlos: Não, eu tentei namorar um outro rapaz. E foi logo no meu primeiro emprego, e tal, eu falei puta meu, eu preciso ser normal, todas as, as meninas, têm namorado gente. Eu preciso ter namorado, eu preciso ser normal porque agora eu tenho um filho, então eu botei isso na minha cabeça, eu tentei isso por um ano, mas não deu, não deu, não deu, não dava... não tinha como, era pedir demais pra mim. A conversa não fluía, não fluía, então assim quando não flui a conversa, flui assim como amigo. Daora, cuzão, e aí, tá daora.

É importante notar, como para todos, a questão reprodutiva lhes parecia secundária diante do conflito maior que era a significação de si em termos de sexo-

gênero. Ademais, Carlos evidencia algo comum em várias outras histórias que é a tentativa de constituir corpos “coerentes” e inteligíveis. Assim, enquanto era visto como mulher deveria seguir a prática compulsória da heterossexualidade.

Para Nilton, a descoberta da gravidez, coincide com os seus primeiros passos rumo à uma expressão de gênero “não-binária” - expressão usada por ele mesmo. Ele já era adulto quando viveu essa experiência, e tinha uma trajetória feminina anterior para lidar, diferentemente de Carlos e Belisário, que sempre foram interpelados por terem uma masculinidade proeminente.

A descoberta da gravidez também significou para ele que o melhor caminho era abandonar a expressão de sua masculinidade, em razão dos conflitos entre gravidez e masculinidade. Após o nascimento da filha, para se enquadrar nas expectativas da maternidade (feminina), ele aderiu à família “margarina” - outra expressão usada por ele -, e foi morar junto com o pai de sua filha. Ele diz que abdicou de si depois que engravidou, e os primeiros anos como mãe foram um período de forte opressão.

Nilton: Eu já... eu não me identificava... eu chamaria de uma identificação não binária, mas não era algo assim... visualmente a identidade de gênero já não era feminina, era uma identidade masculina. Aí isso mudou bastante as coisas, porque eu achei que eu precisava me sujeitar ao papel de mãe socialmente descrito.

Pamella: Mas era uma coisa que vinha de você? Era uma cobrança da sua família?

Nilton: Não, num primeiro momento foi uma coisa do tipo “é o que eu tenho que fazer”, porque alguém deve ter dito em algum momento que deveria ser assim, que eu deveria me portar dessa forma como mãe.

Nilton descobriu a gravidez quando estava tentando terminar seu relacionamento com o pai (cis) de sua filha, que já durava 7 anos. De acordo com ele, a relação se sustentava por comodismo, e ele deixa claro que ele e seu ex-companheiro não faziam planos de casar e ter filhos.

Nilton: Foi inesperado, né. Eu não planejava ter filhos na minha vida. E eu estava em um momento de término de um relacionamento... e aí foi meio que uma surpresa, né. Tipo um baque. Mas no fim das contas, foi uma surpresa boa. Agora a minha surpresa está aí com 6 anos, a coisa mais querida. Mas foi [um baque] pra mim, que já estava naquela época, com essa questão forte de citar o meu gênero como masculino, iniciar uma transição... foi como se fosse uma sentença de que “não, tu é mulher!”. Então... bateu muito forte essa questão assim do papel de mulher na sociedade, que é o de ser mãe, que é socialmente construído, e o quanto isso teria um reflexo na minha vida e na minha aceitação do meu gênero... tanto que eu não consegui daí começar a transição...

Nilton, tentou iniciar a transição com modificações corporais masculinizantes, quando sobreveio a gravidez. Porém, a construção subjetiva da masculinidade foi um processo que resistiu aos conflitos advindos das incoerências de sexo-gênero trazidas pela gestação. Os conflitos internos e o “baque” com a gravidez são fruto de insatisfações que incluem o corpo e suas relações com o mundo externo.

Para Butler (1990), o gênero não pode ser separado do corpo sexuado, pois ele é lido através das performances corporais que são regidas pelas “práticas reguladoras da coerência do gênero” (BUTLER, 1990, p. 48). Nas histórias acima, ficam evidentes as tentativas de viver uma vida feminina padronizada e reiterada por um discurso heteronormativo que cristalizou o que deve ser uma mulher. Além disso, a gravidez, no sistema heteronormativo, é intensamente regulada, e serve como base “natural” das explicações de diversas características que diferenciam homens e mulheres. Neste sistema de sexo-gênero, engravidar é a principal e mais nobre função do corpo feminino, e é a experiência mais marcante da diferença sexual.

Porém, nas histórias contadas pelos participantes desta pesquisa fica claro que a gravidez não é uma performance de gênero determinada por algum tipo de natureza, ela é generificada pelo sistema heteronormativo. Nas sociedades cristãs ou colonizadas por povos cristianizados, a fertilidade foi durante muitos séculos considerada como a principal função que define a mulher. O ideal de maternidade era Maria, mãe de Jesus, que foi “concebida sem pecado”, ou seu revés originário, Eva,

que foi expulsa do paraíso e condenada a parir com dor (MONTEIRO *et al.*, 2016). Já nas sociedades burguesas, construiu-se socialmente a gravidez como um meio para a maternidade, vista como o centro da identidade feminina. Nessas sociedades, desde pelo menos o século XIX, espera-se da gravidez uma mãe e um filho, que são a base “natural” da família e da nação (MARTINS, 2004).

A maternidade, muitas vezes, representa “um instinto, um dever religioso e uma dívida a mais para com a sobrevivência da espécie” (BADINTER, 2011, p. 17). Nesse contexto, o corpo grávido é majoritariamente compreendido como a fonte da feminilidade e do instinto materno. Carlos e Nilton tentaram viver essa experiência supostamente instintiva diante da gravidez, porém nenhuma feminilidade emergiu do interior de seus corpos, e a auto rejeição se fez presente:

Carlos: Eu não me olhava na frente do espelho, eu não passava literalmente na frente do espelho, porque aquilo não tinha como, como, não entra na minha cachola, entendeu? Não entra na minha mente, como pode, como, como isso aconteceu. não entrava na minha mente. Então assim, meu momento mãe realmente foi nesse período dela pequenininha, logo que nasceu, essa coisa de você tem que dar mamá, você tem que amamentar, tem que ficar ali.

Pamella: Então ao longo da gravidez foi um período assim muito dolorido?

Carlos: Completamente, porque era uma coisa que eu rejeitava o tempo todo. Eu não rejeitava o bebê em si, mas eu me rejeitava, aquilo pra mim era inconcebível, era anormal.

Nas histórias acima, engravidar representou uma impossibilidade temporária de expressar a masculinidade com o corpo, além de ser uma experiência concreta do funcionamento de um “corpo de mulher” sendo uma impossibilidade para quem se diz homem. Daí a sensação de Nilton de ter deixado de existir, e a sensação de Carlos de ser “inconcebível” e “anormal”. Para ambos, a experiência da gravidez significou viver no feminino, o que causou grande dor e sensação de um abismo diante da possibilidade de viver a vida da forma como gostariam, em termos de expressão de gênero:

Nilton:[...]foi um choque tão grande. Foi um tipo “agora eu não vou poder me tornar quem eu sou nunca mais na minha vida”.

Pamella: Você achava que nunca mais? Depois disso...

Nilton: Nunca mais, acabou. Agora acabou. Minha vida acabou. Foi essa a sensação. E daí eu tipo abracei a maternidade como mulher... tanto que eu me juntei com o pai da minha filha.

Na narrativa de Nilton, a gravidez foi como uma “sentença” de que ele era uma mulher, independentemente da sua adesão à essa identidade, e ele sentia que a sua vida tinha acabado. Por quatro anos a sua maior preocupação foi ser mãe, e ele diz que sacrificou tudo para exercer essa função. Somente após esse período ele se separou do pai (cis) de sua filha. casou-se com a atual companheira, e começou a masculinizar o corpo. Começou então a se constituir como uma mãe homem, rumo ao lugar mais confortável de homem trans que engravidou.

Após sua intensa experiência reprimindo a sua masculinidade para ser mãe-mulher, Nilton começou a acessar as experiências de outros homens trans que engravidaram, e incorporou uma visão positiva da experiência que outrora fora rechaçada por ele. Ele lança mão da metáfora “cavalos-marinhos”. Essa nomenclatura, adotada pela militância, foi elaborada por outros homens trans que engravidaram. No meio acadêmico ela foi trazida na pesquisa de Monteiro (2018), para quem “a lógica que faz referência ao cavalo-marinho está na associação entre gravidez e masculinidade” (p.107).

A autora se utiliza deste termo a partir da análise da entrevista que os homens trans, Thomaz e Diogo, que possuem um canal no youtube chamado “cavalos-marinhos”, concederam ao site NLucon, onde afirmavam que o “Cavalo-marinho é uma espécie em que o macho engravida e ele não deixa de ser macho por isso. Assim como nós, homens trans, não deixamos de ser homens pela possibilidade de

engravidar.” O site onde foi dada a entrevista encontra-se desativado, o canal dos entrevistados segue ativo no youtube.

Na medida em que essas experiências vão sendo inseridas em outras ordens discursivas que tentam romper com a heteronormatividade, elas vão ganhando inteligibilidade, e a afirmação da existência das coisas “inomináveis” desafia as normas instituídas, que são modificáveis através da luta política. Na história de Nilton, há uma resignificação da gravidez e da parentalidade. Ele expressa o desejo de engravidar novamente, porém de acordo com a vida que ele tem hoje como homem trans, sem precisar reprimir a sua masculinidade. Ele é o único dos quatro personagens, que deseja engravidar novamente. Para a maioria deles, a mistura entre masculinidade e gravidez segue sendo uma experiência acidental e conflituosa, que eles não desejam repetir. Porém, precisamente através da escuta das experiências de outros homens trans, Nilton transformou o passado doloroso em algo poderoso:

Nilton: Eu acho lindo. Acho lindo real. Chama cavalo-marinho. Eu acho lindo. Eu acho incrível um homem trans gerando. Chegou no topo do “estou desconstruindo a sociedade”

Pamella: E qual que você sente que é o poder disso? O que isso tem para trazer para a gente como sociedade?

Nilton: Nossa, é muito rico. Na verdade, são experiências que vêm para questionar tudo aquilo que é imposto. É o limite do questionamento do que é imposto, do empilhamento de tudo que é imposto. “Estou aqui, eu mostrando para vocês que eu posso fazer isso. Lidem com isso enquanto sociedade”.

A desconstrução de que fala Nilton está em curso, ele é o único que traz um discurso contundente de resignificação da gravidez. Apesar de nem todos relatarem negativamente a relação com o corpo no período da gravidez, a repressão da masculinidade esteve presente em todas as histórias.

Para Ítalo que viveu duas gestações, uma ainda com uma identidade feminina, e outra já pensando em viver como homem trans, as gravidezes representaram uma

experiência de oposição ao masculino, pois, de acordo com ele, os homens (cis) muitas vezes não entendem o que se passa no corpo gestante:

Pamella: E assim essa coisa, você acha que por exemplo, você falou que se sentiu muito mãe ao longo da gravidez, você acha que a gravidez é uma coisa que puxa pra esse lado da mulher?

Ítalo: Puxa, com certeza, puxa sim porque embora o homem tenha um papel muito importante, a mulher gerou a criança, e tem toda aquela coisa de sentir, de como se sente, porque tudo muda cara, o teu humor vai mudar, o teu stress muda, é, teus pés pisando no chão, tem todo um negócio e é um stress, porque tão acontecendo várias coisas e tu se sente sozinho, mesmo que tu não queira, que estejam várias pessoas ali, a pessoa ainda se sente só. Muitas vezes os homens não entendem isso. Por isso que eu quero ser pai de novo, eu quero entender dessa vez como é que é ver de fora, como que é entendeu ser um pai e...

Ítalo ainda não tinha feito nenhuma intervenção masculinizante quando engravidou, e não considera que teve uma gravidez masculina ou que foi um homem grávido. Para ele, pai e mãe são papéis distintos, desempenhados a partir de experiências corporais distintas. Ele já teve a experiência de ser mãe, e sonha com a paternidade a partir de sua vida masculina. Interessante notar, no entanto, que Ítalo faz referência a “ver de fora” uma gravidez de um filho, mas não aborda o fato de que mesmo que tenha um filho no corpo de outra pessoa, é de se imaginar que ter vivenciado a gravidez o coloca em uma posição de “não tanta exterioridade” como ocorre com os homens que nunca engravidaram. Será que é possível estar tão de fora assim já tendo gestado uma criança? Ítalo não faz essa reflexão e reforça a ideia de que foi mãe e não um pai grávido:

Pamella: E como é que é essa construção também de pai que gerou, de pai que engravidou.

Ítalo: De pai que gerou, é louco porque tipo eu não, como eu te falei, eu não me considerava homem trans, então pra mim eu sempre fui mãe, mas vendo por pai que gerou cara era uma parada que eu achei que nunca pudesse acontecer, mas que acontece, que é verdade, que tem homens trans que eles querem ser pais [biológicos], entendeu? No meu caso não, como homem trans eu não quero ser, não quero gerar um filho. Mas eu quero ser pai de coração, entendeu?

Pamella: Se você não tivesse filhos hoje, como é que seria?

Ítalo: Aí eu ia querer ter um filho com a minha esposa,

Pamella: Você não ia querer engravidar?

Ítalo: Não, não ia querer engravidar

Ele deixa claro que não engravidaria como homem trans, e quando narra as suas sensações durante a gravidez, coloca a experiência corporal como principal diferença entre ele e os homens (cis) naquele momento. Há uma fronteira que Ítalo parece ter cruzado após as mudanças corporais, e ele pretende viver novas experiências com o corpo, sem que isso signifique que ele rejeita o passado.

Para Ítalo, foi em meio a uma gravidez que ele iniciou o processo de expressar-se como masculino. Ao passo que os outros entrevistados viveram a gravidez como um recuo momentâneo no processo de se liberar do aprisionamento da heteronormatividade, para Ítalo a gravidez, por mais paradoxal que possa parecer, representou também possibilidades de autonomia para realizar “sonhos” que ele pensou que precisava guardar. Nesse sentido, sua fala concorda com as conclusões do trabalho de Monteiro (2018), onde a gravidez é parte do processo de tornar-se homem. Para a autora, a gravidez é parte das vidas dos homens trans de forma individual e coletiva, pois mesmo os que não gestaram, buscam significar as funções reprodutivas como constituintes de suas masculinidades. Mesmo que em muitos casos as gravidezes envolvam situações adversas, como engravidamento acidental, contexto de relacionamento abusivo, e o estranhamento de si mesmo com o corpo grávido, tudo se relaciona com a presença da masculinidade em suas subjetividades. No caso de Ítalo, mesmo que ele não tenha se sentido homem enquanto estava grávido, o processo de externalização de sua masculinidade se iniciou durante a gravidez.



Quando saiu da casa da sua família de origem, e mudou-se para o Rio de Janeiro junto com sua ex-companheira, eles queriam formar um lar, e formalizar o registro de nascimento do bebê com Ítalo como pai e sua ex-companheira como mãe - coisa que não conseguiram fazer<sup>8</sup>. Foi comprando roupas para o chá de bebe, que ele deixou de vestir roupas femininas como sempre fazia para agradar a família.

Pamella: E com o seu corpo, como é que você se sentia na gravidez... Porque eu tô perguntando porque uma das coisas que eu fico tentando entender: como na gravidez, se sentindo já com vontade de ser homem, como é que você se olhava e se sentia?

Ítalo: Foi engraçado porque eu fui comprar uma roupa pra o chá de bebê já com uma barriga enorme, e eu queria comprar uma roupa de menina. E a minha namorada falou assim que não tá legal com essa roupa. Não tá legal essa roupa...Eu ia comprar uma roupa, eu ia comprar uma camisa que não ficou legal em mim, uma camisa feminina. Ela falou, não, você não tá legal com essa roupa em você. Eu fiquei assim nossa, mano, será que não tá legal mesmo? Aí ela, quer ver? Vai te ver no espelho lá. Eu peguei, entrei, me olhei no espelho, fui ver como que tava, e realmente cara, não tava legal aquilo... Aí ela falou tá vendo agora vai lá escolhe uma roupa que tu ache legal e se sinta bem, e depois eu te digo como é que tu tá. Aí eu fui lá e escolhi uma camisa normal assim, aí assim agora é você... depois desse dia eu já achei que eu não precisava mais ficar tipo 'ah vou vestir essa roupa pra agradar minha família', entendeu? Eu visto o que eu gosto.

Mesmo grávido, ele não pode evitar se expressar como masculino ainda no período da gestação. As vestimentas masculinas foram a forma encontrada por Ítalo para se expressar diante da opressão de sua família, e mesmo que não se considerasse ainda como um homem, foi durante a gravidez que ele começou a gestar a sua masculinidade como modo de vida.

---

<sup>8</sup> Por decisão do STF, desde junho de 2018 o Provimento nº 73 do CNJ regulamenta a alteração de nome e sexo no registro civil para pessoas trans. Com esse direito, teoricamente as pessoas trans deveriam poder constar no registro de seus filhos com o gênero retificado. Porém, as dificuldades persistem até os dias de hoje, e a maior parte das pessoas trans não tem a identidade gênero respeitada pelo Estado, que continua fiel ao paradigma biologicista no que diz respeito ao registro de nascimento dos filhos de pessoas trans.

### 4.3 Construção da masculinidade e da parentalidade: eternas transições

Nesta pesquisa, e em outros trabalhos sobre a temática realizados até o momento no Brasil (PEDERZOLI, 2017);(MONTEIRO, 2018); (TRAJANO, 2019) - verifica-se que construir-se como homem em conjunto com a maternidade/paternidade é para os homens trans uma experiência permeada por conflitos, com destaque para (1) a necessidade de responder ao papel de mãe a todo instante para as famílias de origem, nos espaços de sociabilidade e em instituições tais como a escola; (2) o mal estar gerado pelo fato de muitos dos filhos se referirem a eles como mãe, mesmo quando eles já estão com uma aparência masculina; (3) tornar-se homem e desejar ser chamado de pai, sem com isso romper com o vínculo afetivo ao papel de mãe, dada a importância dessa figura para os filhos e para os próprios entrevistados.

Para construírem-se como homem e mãe/pai é preciso muita negociação e estratégia no que diz respeito aos modos de criar e de se compreender dentro da lógica parental. Muitos sentem-se mãe e pai, porém quase todos tentam negociar com os filhos serem chamados de pai após a transição, algo que parece estar relacionado à coerência imposta entre os papéis parentais e a lógica binária de gênero, como evidencia Pederzoli:

"o gênero mostra-se como um importante marcador para pensar as relações de parentesco e como elas são negociadas dentro de suas várias possibilidades. A divisão entre um papel materno, sinônimo de cuidado, e o papel paterno sinônimo de autoridade, automaticamente conectados ao feminino e ao masculino, respectivamente, ou seja, a presença de duas figuras distintas calcadas na heterossexualidade, parece reger o modo como parentalidade e constituição do sujeito são pensadas." (2017. p12)

Para alguns, a nomenclatura mãe é uma imposição herdada da identidade feminina, uma consequência da gravidez que os impede de serem plenamente pais.

Para outros entrevistados, no entanto, ser mãe é um vínculo afetivo do qual é muito difícil abdicar e há um desejo de não se desvincular do significado da maternidade com a mudança para a nomenclatura pai. No que diz respeito aos modos de criar e sustentar os filhos, os acordos foram múltiplos, e são variadas as maneiras como cada um partilha o cuidado e o sustento dos filhos com outras pessoas.

Nilton, por exemplo, guarda muitas memórias de dor e repressão do período em que estava vinculado ao papel social e simbólico de mãe-mulher. À esta altura ele já desejava se tornar homem, e tinha iniciado uma expressão de gênero não binária quando engravidou por acidente. Porém, se por um lado desvincular-se da fixidez do papel de mãe-mulher é uma forma de atingir inteligibilidade de sexo-gênero em uma transição para a masculinidade, por outro, dentro da lógica parental binária há uma suposição de que ao adotar a nomenclatura pai se estará abdicando do vínculo afetivo contido somente na maternidade no sistema heteronormativo:

Pamella: E você pensa em fazer essa transição para ela começar a te chamar de papai ou algo do tipo?

Nilton: Sabe que num primeiro momento quando eu pensei nisso, eu... ela me falou "mãe, eu não quero ter dois pais". Eu disse "não, você não precisa ter dois pais". E aí eu me agarrei... a coisa mais importante na minha vida foi ter gerado ela e ter dado a luz e tal... e é o meu maior motivo para seguir a vida. E eu me apeguei muito ao fato de ser mãe. Por três anos eu fui mãe [...] É... E daí eu me apeguei muito ao papel de mãe. Aí ela me falar que não queria ter dois pais... eu também não queria que ela tivesse dois pais, eu pensei "não, eu quero continuar sendo mãe". Aí eu percebi que eu não sei até que momento isso vai fazer sentido pra ela. Na verdade, quem vai decidir isso vai ser ela, não vai ser eu. Se um dia ela quiser me ver um segundo pai, ou como um outro pai, é uma escolha dela, se isso fizer mais sentido pra ela. Eu, pra mim, gostaria de mesmo sendo homem, ser mãe. Eu...

Pamella: Você vê isso como coisas que podem coexistir?

Nilton: [podem] Coexistir. Num primeiro momento de descoberta da gestação, eu acreditei piamente que não. Que mãe é mulher e agora eu me fodi porque eu vou ter que ser mulher o resto da minha vida. Daí eu consegui desconstruir isso. Porque isso na verdade é uma construção né... o que é ser mãe, o que é ser pai, o que é ser mulher, o que é ser homem. Eu acho que real dá para coexistir: ser homem e ser mãe.

Pamella: E como é que é isso de ser homem e ser mãe?

Nilton: É bem engraçado, né. Porque tu está na rua, às vezes e as pessoas... esses dias eu fui levar ela de uber pra escola e aí, nome masculino, identidade visual masculina e aí a guria me larga “mãe” dentro do carro e tal. Aí eu vi que o cara ficou meio assim... aí deixei ela na escola e fui pro trabalho no mesmo carro e o cara começou a me fazer perguntas “olha só, eu não quero parecer invasivo...” já sendo [risadas]. “eu achei que tu fosse homem, mas eu vi ela te chamando de mãe... dá pra me explicar?”. Aí tu fica naquela de “preciso eu ser professora o tempo inteiro e tal” ou não. Então tem dessas situações, por isso que eu acho que daqui a pouco, para ela, faça mais sentido, por pressão da sociedade, que daqui a pouco ela não me chame de mãe mais na rua. Pra evitar constrangimento. Eu vou ficar muito chateado se isso acontecer, porque né, que merda, a sociedade mais uma vez ditando pra gente como que as coisas devem ser e a gente ali à beira do precipício.

Como dito na seção anterior, Nilton toma para si a metáfora do cavalo-marinho, trabalhada por Monteiro (2018), e a partir desta alegoria o entrevistado busca construir um novo sentido para a nomenclatura pai. Portanto, a desvinculação com a nomenclatura mãe, empreendida por alguns homens trans, não pretende um rompimento com o vínculo afetivo compreendido como exclusivo à maternidade na lógica parental binária. Deseja-se outra paternidade, uma mais presente e afetiva, como bem nos diz Guto, ao falar dele e de outros homens trans que tem filhos:

Guto: Sim, as pessoas, elas não sabem muito bem como entender essa situação. Porque o papel social de um pai, na cabeça da maioria das pessoas, é muito diferente do papel social de uma mãe. Tem alguns amigos meus que falam “cara, eu não conseguiria me chamar de pai, porque eu sei que eu sou mãe porque pai só eu não sou!”. E eu entendo o que eles estão falando.

Pamella: Você diz de alguns amigos trans que têm filhos e não se sentem pais?

Guto: É, mas eles não se sentem pais não é por quê não se veem como homens. Eles não se sentem pais porque eles sentem que pais são inúteis e, muitas vezes eles tiveram pais inúteis. E assim, a pessoa fica com isso na mente, eu já escutei isso de mais de um homem trans [...] Então sempre vai ter muito tabu. Todos os homens trans que leio que falam sobre essa história, tem alguns já. Geralmente gringos, né. Mas eu conheci já homens trans do Rio. Do Rio, não, do Brasil que perdeu o bebê. Já conheci cara que teve o filho antes de transformar. Já conheci cara que teve depois que transicionou. É muito difícil nós sermos vistos, né. As pessoas não sabem que a gente existe. Às vezes quando eu falo “ah, porque eu sou trans, minha filha tem dois pais.” “Como assim tem dois pais? Mas quem que é a mulher? Qual a mulher? Cadê a mãe dela?” Eu fico, tipo, “amore, eu sou a mãe dela, caralho. Demente!” Geralmente se eu chego a falar isso, eu chego a ser meio grosseiro, mas a pessoa meio que merece [...] O corpo que gera gente (???), o corpo que pariu, é que eles gostam muito de mandar. Meter a porra da colher. Gente chata do caralho.

Pamella: Você acha que essa legislação é mais forte mesmo depois de você se colocar como homem trans?

Guto: Sim. Socialmente as pessoas esperam que ... as pessoas que não sabem que eu sou trans esperam uma paternidade de homem cis. As pessoas que sabem eu sou trans esperam a maternidade cis de mim e eu estou longe disso. Não porque eu não cuide porque eu sempre, sempre cuidei da Silena pra caralho. Um paizão da porra. Mas porque exatamente a gente não pode associar o pai, a paternidade, necessariamente a parte ruim da paternidade. Ela pode ter a parte ruim e a parte positiva.

Na fala de Guto fica evidente como o fato de ter engravidado faz com que ele e outros homens trans vivenciem a parentalidade em um duplo sentido: há uma cobrança afetiva relacionada à maternidade e uma necessidade de ressignificar e positivar a paternidade.

No caso de Nilton, ele pode explorar as possibilidades no que diz respeito aos papéis parentais, pois vive uma realidade singular. O entrevistado divide o cuidado das filhas com a esposa e o pai (cis) de sua filha, em um acordo que parece funcionar, o que minimiza as diferenças mais comuns entre os papéis parentais. Com a formação de um núcleo familiar próprio, e com a divisão igualitária do cuidado, Nilton conseguiu viver esse trânsito entre os papéis de mãe e pai com suporte das outras pessoas de fato envolvidas no cuidado, sua esposa e seu ex-marido, o que é raro.

Porém, como refere Trajano (2019), isso não significa uma libertação da normatividade familiar de uma maneira mais ampla, pois a transexualidade não pode ser separada da experiência da parentalidade, e ambas são marcadas pela cisheteronormatividade, o que se expressa nas relações jurídicas e institucionais, tais como alteração do registro civil e registro dos filhos. Transicionar juridicamente para o gênero masculino e constar como mãe na certidão dos filhos é algo ainda não assimilado pela cisheteronormatividade. Na história de Nilton, observa-se que mesmo formando uma família através do casamento - Nilton é casado com o nome que consta em seu registro de nascimento (ainda feminino) -, e com estabilidade financeira - que garante a função de chefe de família no modelo heteronormativo -, a sua identidade

como homem trans ainda não consta na certidão das filhas e na certidão de casamento. Essa situação evidencia a falta de inteligibilidade social e legal de sua performance de sexo-gênero persiste como uma chaga:

Nilton: É muito complicado tu chegar “nossa, quero ser pai” sendo homem trans e gerar um bebê. Meu deus, se tu falar isso te internam.

Pamella: Você tem medo dessa coisa de duvidarem da sua sanidade, de duvidarem da sua capacidade de criar crianças?

Nilton: ...eu sempre fui muito seguro quanto a minha maternidade. Tipo “ah, quer meter o bedelho, paga umas fraldas aqui então. Paga um boleto, a fatura de um cartão de crédito”. Então eu... mas eu acho que sim. Olha nosso sistema de justiça né, se tu precisar de qualquer coisa. Para que lado que vai, né? Tu não tem apoio de bosta nenhuma. Tu não tem apoio de saúde, tu não tem apoio legal, tu não tem... até essa própria questão do retificar o nome, que é uma luta que vem de muito tempo e só há um ano que você pode retificar em cartório, senão teria que ser judicial. Nem o nome deixam a gente ter, quem dirá filho. É foda.

Pamella: Esse direito à família, né?

Nilton: Eu acho que nem é a família, daí. Porque aí não [nem é considerado] é família.

Pamella: Você sente que não é considerado família?

Nilton: Não, não é!

Ter uma forma reconhecível de família não qualifica automaticamente como legítimas as relações de parentesco e parentalidade construídas por Nilton. Fora do ambiente doméstico, a família e o exercício parental de Nilton continuam não sendo inteligíveis, e ficam evidentes os desafios em espaços públicos como a escola e a vizinhança:

Nilton: ....agora, no meu momento mais de transição mesmo, de questão de explicar para ela que a mãe é homem e tal, ele [ex-companheiro] ajuda bastante. Minha filha faz acompanhamento psicológico, né. Estamos meio que todo mundo na terapia juntos, pra ver se encaixa tudo.

Era a minha maior preocupação, como eu exercia... eu abdiquei de mim e exerci durante, sei lá, esses primeiros anos de vida dela, maternidade como mulher e toda a construção social dela, de colega de escola, de amigo, de pessoal de condomínio, é tudo muito heterocisnormativo, né. Ela já era a única família da escola dela que os pais eram separados. Aí com o plus de que a mãe já tinha casado com outra mulher, porque eu sou casado com minha esposa...

Pamella: E vocês percebem elas falando com os colegas?

Nilton: Sim, sim. Isso é muito legal. A minha mais velha, já faz um tempo que ela tem esse entendimento e ela até por ser mais madura, já tem mais idade...

o rolê do rosa, do azul, do brinquedo de menino, do brinquedo de menina... não fala perto dela que ela sai em defesa. E aí agora a Lia começou a mesma coisa. [...] E eu acho que num primeiro momento, eu estava muito preocupado em como é que ia ser na escola, o bullying, como é que vai ser para elas lidar com isso. [...] teve toda a questão da Amanda [filha biológica]... da própria aceitação da minha filha mais velha com relação ao meu gênero, porque foi toda uma desconstrução da mãe ser homem. [...] teve uma certa resistência no sentido de “como é que vou falar pros meus colegas?”, “a mãe é menino, pronto. Acabou”. E teve algo “a gente pode deixar isso em segredo entre nós?”... teve uma certa resistência inicial. Agora ela já me desenha como homem.

Pamella: E você sentia que era por causa da escola?

Nilton: Por causa da convivência com o resto da sociedade, porque dentro de casa era muito ok. Ao ponto dela dizer “não, tudo bem, mãe. Eu vou te amar do jeito que tu for”. “se a mãe tiver barba, tu vai gostar da mãe do mesmo jeito? Vou gostar de ti do mesmo jeito, mas dá pra gente não contar pra ninguém?”. Era uma coisa mais do medo da sociedade vir massacrando em cima. E vem, né. E vem. Porque às vezes eu chego para buscar ela na escola e vem umas crianças e me perguntam “tu é homem ou eu tu é mulher?”, desse tamanho, assim. 2 ou 3 anos.

Nesses lugares, as exigências da heteronormatividade vem por meio de interpelações diretas, que demandam estratégias especiais dos homens trans no que diz respeito à educação de seus filhos. Desde cedo, essas crianças são estigmatizadas por serem filhos de pessoas que transgridem as normas de sexo-gênero e de parentesco. Portanto, precisam aprender a responder sobre o sexo-gênero dos pais/mães dentro da família e nos espaços públicos, para que possam se defender das violências, dúvidas e intromissões excessivas, ou seja da homo/transfobia.

Em todas as histórias, conforme eles foram adquirindo mais características masculinas, desencadeou-se um processo de desvinculação entre performance de gênero feminina e maternidade, o que causou ressignificações e algumas rupturas na relação com os filhos. A nomenclatura mãe ainda é presente na vida de todos, porém, enquanto alguns sentem que também são ou foram mães, outros nunca se sentiram como tal:

Pamella: E pra você essa coisa da paternidade e da maternidade, como é que você pensa assim esses dois pólos assim?

Carlos: São coisas iguais diferentes, porque não tem jeito, mãe é mãe, mãe é mãe, mãe é aquela que putz eu machuquei o pé, você vai correr pra sua mãe você não vai correr pro seu pai. Seu pai vai falar porra muleque, foda-se vai, lava o pé e continua jogando bola. E sua mãe vai falar não filho, vem aqui, que que aconteceu. Tem essa diferença, e realmente a gente sente essa diferença. Eu realmente sou pai, porque tipo, pô caiu lá, foi nada vai, levanta. Ela não.

Pamella: E com ela também, com a Júlia, você já era assim?

Carlos: Sempre fui assim, é, sempre fui assim. Não foi nada não, levanta vai, nem doeu. E ela não. Minha esposa não. Ai meu Deus, será que ele machucou, você viu? Na hora que a gente chegou ai tá frio, vamo botar a roupa, vamo não sei o quê...

Pamella: Mas enquanto você tava criando a sua filha, você ficava nessas duas funções ou você sente que você foi mais uma coisa que outra?

Carlos: E eu acho que eu fui um pouco mais pai do que mãe, eu sempre fui um pouco mais pai, mesmo porque eu trabalhava muito, então assim, quando eu chegava ela já tava dormindo, quando eu saía ela já tava dormindo ainda. Então eu, eu fazia a função do pai, eu tentava fazer a função da mãe no final de semana, mas não dá, não dá, você não consegue dizer, não é um botão de liga e desliga, tá ligado. Agora eu tô assim, agora eu tô assado, então não dá, não é assim que funciona. Então assim eu acabei sempre sendo mais pai. O cara que trabalhou, o cara que pagou a conta, o cara que dava de comer. Claro, teve a parte de carinho, de amor, teve, lógico que teve, mas não tanto quanto se fosse...

Pamella: Quanto você achava...

Carlos: ...que deveria ser. Entendeu? Aí que eu acho que faltou, que pequei, que eu falhei digamos assim. Talvez por falta de experiência, talvez por falta de um monte de coisa, mas é uma falha, não tem como evitar.

Pamella: Mas aí você fica pensando um pouco nessas coisas assim, o que que é do... Eu sei que é complicado... se misturam, é o que você falou, são iguais mas diferentes, mas...

Carlos: Sim.

Pamella: ...ehhh, essa concepção assim de pai e de mãe, pudesse dizer assim, como que você pensa a maternidade e a paternidade assim, você falou que são iguais mas diferentes, onde que é igual, e onde que você acha que é muito diferente.

Carlos: Eu acho que o amor é igual, o amor é igual. O pai ama o filho tanto quanto uma mãe ama seu filho. O amor, o se doar. Eu acho que é igual. Só que o pai realmente ele é um cara mais velho, ele é o mais relaxado da coisa, ele é o cara que tá mais ocupado realmente em pagar, em prover, a mãe não, ela não tá só preocupada. A mãe eu acho que é um pouco mais difícil, que a mãe tá preocupada no que vai ser provido, no que vai ser gerado, no que vai acontecer daqui a dez, vinte, quinze minutos, no que vai acontecer daqui a um ano, então eu acho que a mãe em si, ela carrega um fardo mais pesado, ela realmente carrega um fardo mais pesado, porque é ela que tá ali o tempo todo.

Pamella: No cuidado mesmo....



Carlos: No cuidado mesmo, na coisa mesmo, que é o que eu te falei, quando a criança machuca, ela não corre nunca pro pai, velho, ela corre pra mãe porque ela sabe que ali ela vai ter alento. Ahhh, o pai não dá alento? Dá, o pai dá, mas o pai é aquele cara mais bruto vai, vai, levanta. Não foi nada. Ah nem doeu. A mãe não. Ah doeu sim, coitadinho, tá machucado, vamo ali, vamo levar no hospital. Entendeu? Então eu acho que o fardo da mãe sempre é mais pesado do que o do pai. Aí é difícil carregar esse fardo. É bem complicado, a cobrança que se tem em cima de uma mulher ela é muito maior. Nossa...

Apesar de se sentir pai em razão do seu modo de cuidar, e de explicitar as diversas diferenças que ele percebe entre os papéis parentais, Carlos pensa, de maneira idealizada, que não deveria haver diferença nos cuidados parentais. No trabalho de Trajano (2019), os entrevistados também desejam que não haja mais hierarquias, no entanto, a autora ressalta que esses papéis ainda são norteados pela visão tradicional do que é ser pai ou mãe, e assim como ocorre com Carlos, há uma distância entre o ideal de não haver diferenças entre os papéis parentais, e a prática da parentalidade. “Se por um lado os hábitos na convivência familiar já estão transformados, por outro algumas crenças conservadoras ainda permanecem vivas”. (TRAJANO, 2019. p.121).

Devido ao abandono gradual e sistemático da performance feminina, Carlos sofreu com a não aceitação de sua filha e se ressentiu por isso. Sua filha sempre lhe fez muitas cobranças para que ele desempenhasse o papel tradicional de mãe, o que sempre lhe causou muita dor. Ele diz que foi o melhor que pode para Júlia, porém ela nunca o aceitou como ele é:

Carlos: Hoje ela me julga porque ela nunca me aceitou como eu sempre fui. Nunca...Então assim eu não posso mudar o que eu sou. Eu não tenho como mudar o que eu sou. Eu nasci assim...  
Mas eu fiz o melhor que eu pude pra ela enquanto eu pude fazer. O tempo me cobrou muita coisa, que eu tentei arrumar, consertar. Hoje, o tempo vai cobrar dela muita coisa, então assim, tem coisas que só o tempo que vai poder cobrar, abrir a mente dela, porque hoje ela tem 19 anos, o mundo, ela acha que hoje o mundo é como ela quer que seja, e a gente sabe que o mundo não é assim. A vida não é como a gente quer...  
Eu acho que é a frustração dela na verdade... porque ela criou na cabeça dela que ela queria um mundinho perfeito. Papai, mamãe, filhinho. Isso nunca aconteceu comigo. Tecnicamente nunca aconteceu com ela, ela nunca teve papai, mamãe, e ela filha.... só que ela construiu essa coisa, essa, essa

malhação na cabeça dela sabe, o mundo da malhação. É o que eu falo pra ela, a vida não é malhação, cara. Não é tudo que tem um final feliz, não existe isso. A vida é diferente disso. A vida é muito além disso. Só que enquanto ela não sair desse estado, dessa bolha, nada vai mudar, então... Eu tenho que esperar o tempo se encarregar de estourar essa bolha pra ela. Porque eu não consigo mais, tudo que eu podia fazer pra estourar essa bolha eu fiz.

Carlos não pode educar sua filha fora da “bolha”. Ele teve muitos problemas com a sua mãe biológica, Ana, que sempre disputou autoridade com ele na criação e nos cuidados de Júlia, sua filha, que foi morar com a sua avó quando tinha 10 anos, mesmo contra a vontade de Carlos. Ele nunca viu com bons olhos a ida da filha para a casa da sua mãe, pois sua relação com a Ana sempre foi muito ruim. Ele diz que Júlia guarda muitas frustrações por não ter tido uma família nos moldes idealizados, o que ele chama de “mundo da malhação”, fazendo referência a um seriado televisivo brasileiro, que sempre retratou majoritariamente as vidas de jovens de classes abastadas, criados em lares nucleares e heteronormativos. Para o entrevistado, o mundo fantasioso que sua filha criou se deve à influência da avó.

Porém, como salienta Carlos, a própria vida estoura as bolhas e desfaz fantasias. Apesar de suas idealizações de família tradicional, quando engravidou, a filha de Carlos não pode cuidar do filho que teve. De acordo com o entrevistado, os motivos para Júlia ter abandonado o filho tem a ver com desentendimentos entre ela e o pai da criança. Felipe é criado pelo avô, que tem a guarda total do neto, e cria o menino como seu filho. Carlos diz que a criação de sua filha foi muito conturbada, porém com Felipe tudo estava sendo diferente:

Pamella: E como é que você se sente hoje nessa experiência de paternidade com o seu neto?

Carlos: Putz, tô mais realizado do que...

Pamella: Falando de [inaudível]

Carlos: ...eu imaginaria, de verdade assim. Curto cada momento, cada coisinha que ele faz de diferente, uma palavrinha que ele fala, uma coisinha que ele começa a comer, realmente pra mim tá demais entendeu? [...] Eu tô vivendo o que eu queria ter vivido com a Júlia, só que a Júlia veio num

momento que eu não tava preparado pra isso. [...] e outra, quando eu era mais jovem eu pensava pô quando eu tiver uns 30, uns 30 e poucos anos eu quero ter um filho. Entendeu? Porque porque eu acho que você tá numa idade mais madura, você consegue absorver melhor as coisas, então hoje eu tô me realizando com o meu neto digamos assim. Eu tô realizando a minha paternidade, minha maternidade, todas essas 'ardes' com ele. Tô realmente eu tô curtindo de verdade.

É importante salientar que alguns elementos são fundamentais para que Carlos tenha condições de viver com Felipe o que ele não pôde viver com Júlia. Diferentemente da sua experiência de gravidez na adolescência, quando pegou a guarda do neto, ele já tinha seu próprio negócio, uma barbearia, já tinha feito as mudanças corporais masculinizantes, e vivia há bastante tempo com a sua esposa em uma relação estável. Ele conseguiu acessar os direitos de masculinizar seu corpo (pagando pelos procedimentos), retificar seu prenome, e consta no registro de seu filho-neto como avô materno.

Igualmente importante é o fato de ele ter alcançado estabilidade financeira e emocional, e não depender da ajuda de sua mãe para sustentar e cuidar de Felipe. O caminho foi longo, e mesmo que sempre tenha sido masculino, inclusive ao longo da gravidez, somente depois de fazer as mudanças corporais e legais é que ele pôde se realizar como homem e pai. Ao assumir o neto como filho, o entrevistado se desfaz das fantasias que não pôde atender, e cria novas ficções cotidianas.

Carlos mostra que cuidar, educar e estar presente é muito mais importante que forjar uma performance feminina, e ressignifica os desentendimentos dele com a mãe e com a filha. Nesta nova oportunidade de criar uma criança, ele pode usar toda a sua experiência para fazer pelo neto o que foi impedido de fazer por Júlia, e tem seu esforço reconhecido por sua mãe, que aprendeu a respeitar Carlos como pai. Ao falar de sua experiência atual ele se descreve como Avohai - avô e pai -, fazendo referência à canção de Zé Ramalho.

Na história de Belisário, por sua vez, é notório que sua família cobra dele o lugar de mãe, porém ele deixa claro que não se identifica com a maternidade. Tanto ele quanto Carlos sentem-se pais. Dizem sê-lo em razão dos modos de criar e do temperamento que possuem. Porém, a maternidade é imposta à eles como algo inegável.

Quando engravidou, Belisário estava enfrentando muitas dificuldades por ter se assumido sapatão definitivamente para o seu ex-marido, e a separação deles foi muito difícil. A mãe de Belisário, por sua vez, o aconselhava a seguir com o casamento e ter suas amantes em segredo, e não o apoiou quando ele quis se assumir e se separar. Enquanto buscava se estabilizar, após fugir da casa que dividia com o ex-companheiro, - que até o momento da entrevista ainda não tinha assinado os papéis do divórcio - Belisário deixou o filho aos cuidados de sua mãe:

Belisário: Aí eu saí de lá com meu guri, daí nisso ele mandou roubarem uma moto que eu tinha, aí eu fiquei sem ir trabalhar, fiquei desempregado, foi quando meu filho foi morar com a minha mãe, daí eu acabei tendo que entregar onde eu morava, daí eu fui dividir aluguel com umas amigas, e meu filho foi morar com a minha mãe com três anos e meio, aí a minha mãe nunca mais devolveu.[...] ela disse assim, que agora era o filho dela, que eu tinha feito meu filho pra ela [...] Aí ele ficou com ela. Hoje, hoje não, há... deixa eu ver... cinco anos, quatro anos atrás, daí quando eu melhorei, eu aluguei um apartamento, que tinha dois quartos, montei um quarto pra ele, mas ela nunca deixou eu levar ele embora.

Além de não ter condições financeiras e emocionais para cuidar do filho naquele momento, Belisário era acusado pelos próprios familiares de influenciar negativamente na sexualidade de Nathan:

Belisário: Na verdade desde o princípio quando eu deixei ele morando com a minha mãe, foi porque eu pensava assim, ah se o meu filho crescer, e a opção sexual dele for outra, as pessoas vão me condenar vão dizer que a culpa era minha, foi porque ele morou comigo, que eu influenciei ele, aí eu pensei assim, ah morando com meu pai e com a minha mãe, ele vai ter a mesma educação que eu tive, vai ter aquela figura do homem e da mulher.

Pamella: Mas você acha que isso tem uma influência muito forte na pessoa e em como ela vai se formar?

Belisário: Não. Não tem, porque se fosse isso, que meu pai sempre foi muito machista e a minha mãe dona de casa, aí se fosse isso eu né. É que é mais pela minha família, por exemplo eu tenho um irmão meu que até hoje, como meu filho mora com os meus pais, ele acha que meu filho tinha que ter ficado com o pai dele. Não comigo, porque eu sou assim, e nem com meus pais, [...] eles têm ciúmes ou medo que meu pai vá deixar alguma coisa pro meu filho.

A homo/transfobia de sua família de origem o levou a crer que ele não era a pessoa mais indicada para criar seu filho. Essa situação reflete a noção conservadora de que as parentalidades das pessoas LGBTQIA+ são uma ameaça para crianças. De fato, como refere Angonese e Lago, (2018) há um julgamento de que há danos potenciais para o desenvolvimento das crianças cujos pais não seguem o modelo binário heteronormativo, o que coloca em xeque a capacidade e o direito das pessoas trans terem filhos.

Butler (2002) segue o mesmo pensamento e, referindo a importância da criança no campo da reprodução da cultura, afirma o lugar da criança de pais não heterossexuais como aquele de investimento para as ansiedades sobre pureza cultural e transmissão, de onde se segue o argumento de que os “fora da ordem” evitem filhos para a preservação da ordem simbólica.

Para Trajano (2019) tal julgamento faz com que muitos pais trans se esforcem em reproduzir o modelo hegemônico de família em busca de uma legitimação social de sua parentalidade, o que acaba por solidificar também em suas vidas o modelo de família nuclear.

A pressão sobre Belisário foi tão forte que ele consentiu que o melhor para seu filho era viver na casa dos pais, para que tivesse as figuras heteronormativas de homem e mulher como referência. Portanto, sua decisão foi pautada no medo de ser acusado de fazer mal ao seu filho, mesmo que ele soubesse que não faria mal nenhum.

O entrevistado não acredita que ter o modelo heteronormativo como referência seja determinante, e usa a si mesmo como exemplo. Porém, por não se adequar às normas heteronormativas de sua família, ele foi punido, e passou a representar o exemplo que seu filho não deveria seguir, como nos diz Judith Butler (2003):

"Variações no parentesco que se afastem de formas diádicas de família heterossexual garantidas pelo juramento do casamento, além de serem consideradas perigosas para as crianças, colocam em risco as leis consideradas naturais e culturais que supostamente amparam a inteligibilidade humana". (p.224)

Apesar das dificuldades na relação com sua família, o entrevistado não se distanciou de Nathan, e sempre fez o possível para criar condições favoráveis para que o filho fosse morar com ele um dia. Nathan, mora na casa de sua avó, porém vê seus pais, Antônio e Belisário, com frequência, pois todos moram em cidades vizinhas. No entanto, apesar de ver o filho, Antônio não participa de sua criação, e contribui somente com a pensão.

Belisário: [o pai (cis) de Nathan] ele tem essa mulher dele, ela tem uma filha, acho que tem uns doze anos, treze a menina... E daí ele não procura o Nathan, agora até tem visto mais, mas ele sempre assim todo, todo desde que eu me separei dele ele sempre pagou o valor da pensão só isso que ele fazia, faz... Aí agora que o Nathan tá grande o Nathan diz assim ele é o homem do 20 pila, porque daí o Nathan ele é muito consumista, então pra ele tudo é dinheiro, comprar, gastar, porque a minha mãe é assim ó, minha mãe é muito... Aí ele diz assim, ah preciso de um dinheiro, vou lá ver meu pai, aí ele pega, vai lá e diz assim, me arruma 20 pila aí, e aí ele volta pra casa.

Belisário diz que cumpre mais a função de pai que de mãe para o seu filho, e faz com Nathan muito mais coisas que Antônio. Porém, seu filho foi criado em uma dinâmica de partilha de cuidado que se estabilizou. Mesmo que esse processo tenha envolvido muitas violências, Belisário não parece querer forçar o filho a ir morar junto com ele, e deseja que Nathan escolha por si mesmo. Ele contribui com a maior parte dos gastos do filho, vigia se ele fez os deveres da escola, sempre o leva para ficar alguns dias em sua casa, e busca fazer programas de lazer masculino junto com ele.

Nathan se refere a Belisário no masculino, elogia a sua barba, e o entende como homem, porém não deixa de chamá-lo de mãe:

Belisário: Eu sempre fiz até o papel de pai do meu filho, eu fiz coisas com ele que o pai dele teria que ter feito. A gente foi pescar, viajar, passear, coisa que o pai dele nunca fez.

[...] Os guris [filhos adotivos] me chamam de pai, o meu filho me chama de mãe, só que tem coisas que é... Que nem quando eu tinha minha ex-mulher, a gente na piscina do condomínio ele me chamava de mãe, ele chamava mãe, eu olhava, daí as crianças olhavam assim, “como assim?” [...] Aí uma vez ele combinou assim: quando eu chamar a mãe daí tu olha, que era pra minha ex-mulher olhar. Aí a minha ex-mulher que atendia ele, só que era comigo que ele falava. Ou na escola dele [...] que ele diz “não, a minha mãe é diferente, a minha mãe tem barba”. Não precisa ser igual às outras.

Pamella: E ele é, ele é de boa com isso então?

Belisário: Hoje ele me chama muito mais no masculino. Ele fala Belisário, ele me chama no pronome masculino, mas ele me chama de mãe, indiferente, mas tem coisas que ele me coloca no masculino, ou então ele fala assim “ah o Belisário quer isso, o Belisário quer aquilo”, e... Na escola também, às vezes ele me chama de Belisário só pra provocar minha mãe.

Pamella: Mas ele te defende?

Belisário: Sim, ele defende sim. Sempre me defendeu. Quando eu tiro a barba ele fica brabo. Esses dias ele tava lá em casa, eu tirei a barba e saí do banheiro, ele disse assim “eu não acredito que tu fez isso, que coisa feia”. Foi bem assim.

Mesmo sendo chamado de mãe por seu filho, percebe-se que Belisário exerce o cuidado através de uma performance paterna que segue um modelo bastante convencional e diz que o seu temperamento está mais associado à paternidade:

Pamella: E você se sente assim, mais mãe ou mais pai?

Belisário: Nem sei na verdade... Seria mais pai. Que pra mãe assim eu não sou porque eu sou muito ogro, muito insensível, muito estúpido, não tenho paciência...

Além disso, na família que constituiu, o entrevistado é elogiado por representar para as crianças a figura paterna que eles nunca tiveram. Quando está em sua casa, ele consegue viver, sem questionamentos, a experiência de pai com os filhos adotivos:

Belisário: É, agora eu sou o pai.

Pamella: Agora você é o pai. E como é a sua relação com as crianças dela [esposa]?

Belisário: Ela disse que nunca esperou que fosse ser tão bom assim quanto é. A mãe dela até comentou que eu sou uma figura masculina pra eles, que eles nunca tiveram.

Pamella: E como você se sente assim nessa responsabilidade?

Belisário: É uma viagem, na verdade. Porque é totalmente diferente, o meu filho, ele tem os costumes dele, ele é mimado, sempre foi. E aí eu chego em casa, os guris [filhos adotivos] param o que que eles tão fazendo pra me dar beijo pra me dar abraço, Dia dos Pais agora me deram presente de dia dos pais, e eu assim... que viagem!

A viagem de que fala Belisário, pode ser compreendida como o próprio desenrolar de sua trajetória, onde nada foi planejado, nem sua gravidez, nem ser pai de seus filhos adotivos. Porém, tudo conflui em sua construção como homem, e em sua batalha por autonomia e liberdade. Dez anos após as dificuldades que enfrentou quando teve seu filho, ele comprou um apartamento onde mora com a esposa e os filhos dela, e tem um emprego com certa estabilidade. Tais condições contribuem para que ele ocupe o lugar de pai tradicional que ele aprendeu, sua esposa cuida da casa e dos filhos, e ele trabalha e provê o sustento financeiro da família.

Em sua trajetória, é possível perceber que a parentalidade se tornou uma conquista e um meio de reconhecimento de sua masculinidade. Quando o entrevistado consegue reunir seus filhos adotivos e seu filho biológico no lar que ele construiu com a sua esposa, ocorre o que temia a sua família de origem - Belisário consegue performar o papel de pai dentro da lógica familiar que tenta impor para ele o papel fixo de mãe. Ainda que aparentemente a família de Belisário se pareça com uma família tradicional, há ali uma quebra do determinismo biológico no que diz respeito aos papéis parentais.

Já Ítalo, assim como Nilton, se via como mãe ao longo da gravidez e primeiros anos de vida do filho. Quando engravidou, ele ainda não tinha certeza sobre o desejo



de transicionar para homem, o que não significa que ele voltou a performar a feminilidade de maneira estrita, como dito na seção anterior. Ele foi elaborando a sua masculinidade em paralelo com a experiência de gravidez e maternidade. A paternidade veio no momento em que ele começou a se expressar publicamente e fisicamente como homem trans, quando seu filho completou 2 anos:

Pamella: E aí você sente então que nesse período assim, como é que tava a questão da transexualidade na sua cabeça?

Ítalo: Pra mim tava de lado um pouco, eu não queria isso até porque também ainda tava, eu só tinha pensado algumas coisas, e tinha pensado que era uma possibilidade de ser isso, então quando eu tive o João quis ser mãe dele mesmo assim.

Pamella: E você foi mãe dele por quanto tempo?

Ítalo: Até o ano passado, ele me chamava de mãe, só que aí é um negócio de uma semana já ele já conseguia dizer pai, me chamar de pai, desde pequenininho mesmo..

Pamella: Mas foi depois que você teve o João, então você começou a se pensar trans, ao longo desse processo enquanto você tava se tornando mãe?

Ítalo: É, tipo assim, eu pensei que isso podia ser uma possibilidade, porque eu já me sentia diferente, e aí depois que eu tive o João eu não quis mais, deixei um pouco de lado, pra tentar organizar as minhas ideias. E depois que eu tive ele que eu fui me assumir trans, no caso ele tinha dois anos.

Quando iniciou a sua transição corporal, o filho de Ítalo estava em Belém com a sua família de origem, o que segundo ele facilitou o processo.

Ítalo: Eu fui primeiro, eu fiquei com medo de tomar por conta, mas aí a minha namorada conversou comigo, e falou que era melhor eu procurar um médico. Eu já tava querendo mesmo só que eu não tava conseguindo organizar as minhas ideias porque tinham acontecido muitas outras coisas. E aí foi quando o meu filho foi pra Belém que eu comecei a pensar em outras coisas, eu pude trabalhar e também começar a tomar o hormônio. Fui no médico, a médica fez todos os exames...eu fiz todos os exames. Só não fui no endócrino ainda porque eles têm que, fazer os processos, enfim, sabe como é o SUS. Então no SUS eles não dão hormônio pra mim eu compro, ela me dá uma receita, eu vou lá, compro, vou no posto e eles fazem a aplicação.

Seu filho estava longe para que ele pudesse se estabilizar financeiramente e também como homem trans. Para exercer de fato a sua parentalidade, ele estava

buscando construir um ambiente doméstico autônomo, com condições de sustentar seu filho com acesso à educação, alimentação e saúde.

Quando se mudou para o Rio de Janeiro, o primeiro trabalho que ele conseguiu foi como auxiliar de serviços gerais, que pagava muito pouco. Ele não possui habilidades técnicas ou ensino superior como os demais entrevistados, e precisava buscar oportunidades no mercado de trabalho competitivo do Rio de Janeiro. Nesse trabalho, ele ainda se considerava como lésbica, e diz que havia muita curiosidade e intromissão das colegas de trabalho acerca da sua sexualidade, o que lhe causava desconforto. Ele veio de Belém junto com a ex-companheira, com quem morava e dividia o cuidado e as despesas de João. No entanto, com o fim do seu relacionamento - devido a dificuldades financeiras e emocionais - ele precisou mandar o filho de volta para Belém até que ele conseguisse oportunidades melhores:

Ítalo: Ela trabalha em loja [sua ex-companheira]. E é cansativo, que eu sei. E aí a gente começou a brigar muito por causa de besteira e tudo mais, e tava muito... E já tava chato já, a gente não conseguia nem se olhar mais. E aí a gente se separou. Aí eu tive que mandar ele pra casa da minha mãe, porque não... Da minha avó né, porque eu não conseguia arrumar outro emprego e ele tomava assim muito do meu tempo, se eu precisasse ir pra uma entrevista não ia ter com quem deixar ele porque a creche só ia até 5h da tarde. Essa questão da creche foi foda cara, pra mim foi muito foda, porque foi difícil eu conseguir pra ele e era integral, era 100% integral a creche, e por causa dessas mudanças que tiveram agora só tem horário de 1h da tarde até das 5h da tarde.

Pamella: E a sua família queria que você tivesse trazido ele?

Ítalo: Não. Eles não queriam, queriam que eu tivesse deixado ele lá, até eu conseguir um emprego, e depois eu pego ele. Só que não, eu não quis.

Pamella: Você ficou quanto tempo com ele aqui?

Ítalo: Fiquei um ano e alguns meses [...] agora eu trabalho o dia inteiro, e eu não ia ter tempo pra ele, assim, pra dar uma atenção que eu gostaria de dar. Eu queria só... Ele é uma criança assim muito que ele gosta que eu estivesse ali brincando, contando uma história, ou então tocando, que eu toco violão e ele adora também, eu dei até um pra ele. Então é esse tipo de coisa assim, é as pequenas coisas, entendeu? Mas eu prefiro trabalhar agora, e dar uma coisa boa pra ele mais tarde, daqui a alguns anos, uns dois, três anos, vai dar tudo certo.

Pamella: Você pensa então em deixar ele ainda por um período de tempo lá com a sua família?

Ítalo: É, assim que eu estiver bem, que eu me sentir melhor pra trazer ele pra cá, eu vou fazer isso. Mas por enquanto, eu quero só me organizar, porque eu morei com a minha ex aqui e a gente terminou, e não foi fácil pra mim aceitar aquilo ali, porque só era a gente [...] era só nós três, e foi super difícil.

Apesar de não citar nenhum desentendimento específico com a família de origem, ele dá a entender que a convivência com eles não era fácil. Essa relação conflituosa impactou no seu exercício parental, pois ele estava precisando ser mãe/pai à distância. Apesar de já ter ensinado o filho a chamá-lo de pai, ele ainda não era completamente aceito como homem pela sua família de origem:

Pamella: Ele sempre te chamou de pai?

Ítalo: Não ele me chamou de mãe primeiro. Eu e a mãe dele, e agora ele me chama de pai. A gente ensinou ele, conversou... Ah é pai? E... E pronto [riso].

Pamella: E lá em Belém, as pessoas já ensinam que você é o pai? Ou tem conflito...

Ítalo: Mais ou menos, tem um conflito aí.

Pamella: Lá em Belém mora quem?

Ítalo: Mora a minha mãe, a minha avó. Minha família né. Minha mãe, minha avó, meu irmão, meu primo, minha tia...

Pamella: Mas na casa com ele?

Ítalo: Na casa com ele mora meu irmão, a minha mãe e a minha avó, e o meu pai vai pra lá às vezes.

Pamella: E você tem bom relacionamento com todas essas pessoas?

Ítalo: Melhor a minha avó, porque ela é como se fosse a minha mãe, eu amo ela muito, e ela é uma das pessoas mais importantes da minha vida, em primeiro lugar assim é ela, o meu filho. A minha mãe, não que ela não seja, mas eu prefiro a minha avó mesmo. A minha tia, a minha prima, meu irmão. Eu tenho uma boa relação com meu irmão também, que ele é muito importante, ele conversa com o João sobre isso [de ele ser homem trans]. E assim, a minha família não quer aceitar muito né, mas eles respeitam, alguns respeitam, pelo menos procuram respeitar.

Pamella: Você consegue viver como homem na sua família?

Ítalo: No momento que eu tô ainda não, um pouco assim, mas eu falo com eles, eu falo... tipo ah, não é, vai ser sempre isso [ser mãe e mulher]. Eu falo não cara, pra você pode até ser, pode ser qualquer pra quem for, se tu não me respeita, assim como eu sou, então, sei lá... Pelo menos é o que eu cobro das pessoas.

No dia da entrevista, quando encerrei a gravação, ele quis falar um pouco mais, e me disse que era muita responsabilidade criar um ser que dependia integralmente dele por tanto tempo, e que era duro ter filhos. Ele parecia bem pensativo depois de conversarmos, e começou a falar sobre como era difícil deixar o filho em Belém. Porém, apesar do enorme desejo de estar junto de João, ele disse de maneira enfática que jamais voltaria a viver na casa de sua família. Antes de nos despedirmos, ele me disse que nesse tempo de sua vida, sua prioridade é a liberdade de ser.

Pamella: Mas eu digo assim, qual que você sente que foi a sua motivação pra falar assim, não então eu vou começar a fazer esse processo aqui?

Ítalo: Foi logo quando eu me assumi e eu falei, e eu quis mudar imediatamente cara, eu sabia que eu não ia conseguir fazer aquilo, mas eu quis me mudar imediatamente assim, era uma parada que eu já tinha esperado demais, e que agora era o momento. Eu já tava morando sozinho, não precisava da opinião da minha família se ia achar ruim ou não, porque a vida era minha.

Pamella: Então você sente que a sua família ela era um fator importante nisso?

Ítalo: Sim, com certeza.

Pamella: De como você ia se apresentar pro mundo assim, com a influência da sua família, se você tivesse morando com eles até hoje, você conseguiria ser o Ítalo?

Ítalo: Não, não...

Pamella: E se você voltar a morar com eles por um tempo?

Ítalo: Eu nem penso nisso [risos] não gosto nem de pensar nessa possibilidade de ter que voltar a morar com eles, por isso que eu me viro como eu posso aqui entendeu, pra não ter que voltar pra lá, até porque eu gosto daqui, e aqui eu sei que o João pode ter uma boa educação, que aqui tem boas escolas, que eu vou poder colocar ele numa escola legal, e dar uma coisa pra ele assim que eu tive mas não consegui aproveitar muito que eu era muito vagabundo. Eu quero que ele aprenda. Eu quero que ele tenha... Eu quero ter tudo pra dar pra ele entendeu.

Pamella: Mas viver junto com a sua família de novo?

Ítalo: Não. Não. Não quero. Prefiro assim, eu já me acostumei já, a ficar só.

Construir-se como homem trans e como mãe/pai foi um processo permeado por conflitos, ressignificações e rupturas. No caso de Ítalo ve-se que ele preferiu

solidão à opressão por um tempo, para que pudesse se fortalecer e conquistar sua liberdade. Ele e os demais entrevistados, precisaram passar por diversas transições e dificuldades, tais como instabilidade financeira; fim do relacionamento com os pais (cis) dos filhos, ou a ausência completa destes; desvinculação entre maternidade e feminilidade ao longo da criação dos filhos, junto com a pressão da família no que diz respeito ao ideal de maternidade; e a negociação da nomenclatura pai com os filhos, que passaram a entendê-los como mãe e pai ao mesmo tempo.

Com essa incursão nas histórias, pude ver os principais desafios e as saídas encontradas por eles para construírem seus lares e modos de criar. São enormes as opressões que sofrem no que diz respeito às questões simbólicas da parentalidade, dificuldades para obter autonomia financeira, e acessar direitos civis e legais. Entretanto, os entrevistados emergiram como homens trans na complexidade dessa trama. Eles romperam com as proibições de sexo-gênero presentes nos rígidos papéis parentais, e construíram suas famílias, que existem e precisam ser reconhecidas.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho, investiguei como os homens trans experienciaram a gravidez e como vivem a parentalidade. Pude ver alguns impactos da experiência da gravidez sobre a construção da masculinidade, especificamente no que diz respeito às (in)decisões reprodutivas dos homens trans; economia entre as transformações corporais masculinizantes e as perdas/preservação da capacidade reprodutiva;

experiência corporal da gestação e os atravessamentos do sistema binário sexo/gênero; e às representações das parentalidades trans.

Dentre essas questões, os conflitos vividos ao longo da gravidez e o tema da parentalidade se sobressaíram nas narrativas, onde a construção de si como homem trans aparece imbricada com as experiências que sucederam as gravidezes, no decorrer da criação dos filhos e na formação de um grupo familiar independente da família de origem.

Cada história narrada foi trazendo novos elementos que configuravam formas conflituosas de estarem grávidos e de se apresentarem para o mundo durante a gravidez e ao exercerem suas parentalidades. Para alguns entrevistados, o fato de já se sentirem homens quando engravidaram fez com a gravidez tenha sido vivida como uma zona de abjeção. Foi difícil se reconhecer no espelho e na subjetividade, assim como também foi difícil ser compreendido pela família e pela sociedade. Muitos relataram a gravidez como um período de isolamento no espaço doméstico, e tentativa de adequação à performance de gênero feminina heteronormativa.

Especificamente no que diz respeito às (in)decisões reprodutivas dos homens trans, fica evidente que não houve escolhas racionais ou gravidezes planejadas, todas as gravidezes foram acidentais e ocorreram quando os entrevistados estavam começando a se colocar publicamente como masculinos. Para muitos, a gravidez ocorreu no fim do relacionamento ou na tentativa sexual com um homem cis, e está profundamente ligada às pressões para se adequar à uma performance de sexo-gênero feminina. Porém, mesmo diante da gravidez, não houve o desejo de incorporar a feminilidade, e mesmo que não pudessem masculinizar imediatamente os seus corpos, os entrevistados gestaram o desejo por tornarem-se homens ao longo da gravidez e primeiros anos de vida dos filhos.

Pensando na economia entre as transformações corporais masculinizantes e as perdas/preservação da capacidade reprodutiva, somente um dos entrevistados pretende preservar as suas capacidades reprodutivas e deseja engravidar novamente. Ele inclusive, deseja engravidar com um corpo masculino, vivência esta que foi experimentada por todos os outros com estranhamento, sobretudo devido ao medo de sofrer violências. O estranhamento da figura de si masculino com um corpo grávido apareceu, por exemplo, na fala de dois dos entrevistados de que ainda é difícil assimilar “barba e barrigão” em um mesmo corpo.

Apesar das grandes dificuldades enfrentadas por todos durante a gravidez, a maternidade e/ou paternidade foram experiências restauradoras para a maioria dos entrevistados. Após o nascimento dos filhos, vi que a construção de si como homem trans foi fortalecida a partir do exercício de criar/educar os filhos e na formação de um grupo familiar independente da família de origem.

A travessia que eles fazem não é linear e não se encerra com a hormonização, com as cirurgias, ou com a mudança do nome de registro - para os poucos que conseguiram alcançar de fato esses direitos. Mesmo depois de masculinizar o corpo, os entrevistados continuaram sofrendo pressão de suas famílias e da sociedade no que diz respeito à função materna, e lutam para serem reconhecidos como pais, o que tensiona a masculinidade desempenhada por eles, que precisa ser performada junto com o papel de mãe e envolve a nomenclatura pai em funções de cuidado.

Embora muitos tenham construído famílias nos moldes heteronormativos, com casamento legal ou dividindo o lar com companheiras sem formalidades legais e autonomia financeira para se tornarem pais e “chefes de família”, a função do cuidado continuou sendo atribuída a eles, que transitam entre os papéis de pai e mãe a depender de onde estão e das pessoas que os rodeiam.

Para criar seus filhos, foi preciso conviver com a cobrança de suas mães e avós, que ocupam lugar de destaque na rede de pessoas envolvidas no cuidado com as crianças. As avós se fazem presentes pela necessidade de dividir a carga do cuidado, no entanto elas também cobram muito dos entrevistados para que sejam mães como elas foram, e não abrem mão de fornecer aos netos a referência de maternidade feminina. Nesse sentido, a maternidade masculina dos entrevistados é vista como uma anomalia, e eles precisam criar uma aliança com as crianças, para fazê-las compreender as mudanças que eles trazem para o papel de mãe.

Na escola e em outros espaços de sociabilidade a pressão é ainda maior, e as crianças precisam aprender a explicar o sexo-gênero dos pais. Além disso, os entrevistados são vistos como “má influência” para os filhos, e todos precisaram enfrentar acusações no que diz respeito ao “exemplo” que dão aos seus filhos. O sistema heteronormativo busca impedir que os modos de criar e de performar o gênero dos entrevistados seja passado para as novas gerações, e muitos foram afastados das crianças em algum momento, e precisaram lutar para recuperar a autoridade parental e permanecerem presentes na criação.

Embora não tenha sido possível tecer uma análise mais aprofundada da construção das masculinidades dos entrevistados, principalmente no que diz respeito à grande diferença que faz a gravidez e a capacidade de engravidar nas experiências masculinas trans em relação às experiências masculinas cis, percebe-se que a forma de ser pai dos homens trans inclui obrigações que antes eram vistas como exclusivamente maternas.

Os entrevistados relatam como principal diferença entre eles e os homens cis, a presença constante na vida dos filhos, dedicação prioritária do tempo ao cuidado, e aversão à violência e ao abuso contra as mulheres. Essas questões merecem um



trabalho futuro, onde o objetivo seja compreender de que maneira os homens trans se inserem no círculos de iniciação masculina, e de que forma se aproximam e diferenciam dos homens cis.

Ser mãe/pai e homem é uma eterna transição, e transgride a noção de uma transição de gênero que se completa com o corpo. Passado, presente e futuro se condensam na construção de si dos entrevistados, pois junto com eles transitam também seus filhos, suas mães, suas famílias como um todo, e os espaços e tempos que eles habitam. Não sabemos se há uma outra margem para alcançar, ou se ainda serão muitas as ondas conservadoras que irão tentar arrastá-los novamente para o ponto de partida. No entanto, com as suas histórias é possível enxergar novas rotas de navegação. Quem sabe um dia estejamos livres do mar de hierarquias entre mães e pais, homens e mulheres, e pessoas cis e trans. Até lá, os entrevistados seguirão firmes, pirateando os mares heteronormativos e resistindo às tormentas.

## 6 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Guilherme. "Homens trans": novos matizes na aquarela das masculinidades? **Revista Estudos Feministas**, v. 20, n. 2, p. 513-523, ago. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200012>.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. 3. ed. Arlington, 1980.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. 5. ed. Arlington, 2013.
- AMORIM, Alexandre de Souza. **Homens (in)visíveis** – a experiência de transhomens brasileiros nas mídias virtuais. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- ANGONESE, Mônica; LAGO, Mara Coelho de Souza. Direitos e saúde reprodutiva para a população de travestis e transexuais: abjeção e esterilidade simbólica. **Saúde e Sociedade** [on-line], v. 26, n. 1, p. 256-270, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902017157712>.
- ANGONESE, Monica; LAGO, Mara Coelho de Souza. Família e experiências de parentalidades trans. **Revista de Ciências Humanas**, UFSC, Florianópolis, v. 52, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5007/2178-4582.2018.e57007>.
- ARÁN, Marcia. (2003). Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. **Revista Estudos Feministas**, 11(2), 399-422. doi: 10.1590/S0104-026X2003000200004

- ATAÍDE, Marlene Almeida. DE. Um diálogo com a história oral na perspectiva metodológica e dos aspectos éticos: limites ou possibilidades de se fazer pesquisa qualitativa? **Revista Sinais**, n. 20, 20 dez. 2016.
- ÁVILA, Simone Nunes. **FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: a emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- AYOUCH, Thamy. Da transexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais. **Percorso** – Revista de Psicanálise, ano 28, jun. 2015.
- BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Trad. Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BECKER, Howard. A história de vida e o mosaico científico. *In*: BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- BIRMAN, J. Sexo e gênero. *In*: O Sexo que Habito – **XV Jornada do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos**. Rio de Janeiro, 21 mai. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?>
- BIRMAN, Joel. Sexualidade na contemporaneidade. **Cadernos de Psicanálise**, Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, v. 40, n. 38, p. 137-159, jan.-jun. 2018.

Disponível em [http://cprj.com.br/ojs\\_cprj/index.php/cprj/article/view/26](http://cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/26). Acesso em: 2 jul. 2021.

BONASSI, Brune Camilo. **Cisnorma**: acordos societários sobre o sexo binário e cisgênero. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BOURDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BOURDIEU, Pierre; Chamboredon, Jean-Claude & Passeron, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis, Vozes. 2007[1968]

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.707, de 18 de agosto de 2008. Institui, no âmbito do SUS, o Processo Transsexualizador, a ser implantado nas unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão. **Diário Oficial da União**, 18 ago. 2008.

BRASIL. **Provimento nº 73, de 28 de junho de 2018**. Dispõe sobre a averbação da alteração do prenome e do gênero nos assentos de nascimento e casamento de pessoa *transgênero* no Registro Civil de Pessoas Naturais (RCPN). Conselho Nacional de Justiça: Brasília-DF, 2018. Disponível em: <https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/2623>. Acesso em: 2 jul. 2021.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. Trad. Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n1-edições/Crocodilo, 2019 [1993].

- BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. Nova York: Routledge; Chapman & Hall, 1990.
- BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, p. 219-260, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a10.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2021.
- CABRAL, Nelma; GAUDENZI, Paula (orgs.). **Ensaio sobre transexualidades: diálogos entre psicanálise e estudos de gênero**. 1. ed. Rio de Janeiro: Calligraphie, 2020.
- CARVALHO, Mario Felipe de Lima. (2015), **“Muito Prazer, Eu Existo!” Visibilidade e reconhecimento no ativismo de pessoas trans no Brasil**. Tese de doutorado, Rio de Janeiro, IMS-Uerj.
- CARVALHO, Mário Felipe de Lima. “Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “nãobinário”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas. **Cadernos Pagu**, n. 52, e185211. ISSN 0104-8333, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S010483332018000100501&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010483332018000100501&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em 06 de set. de 2019.
- CARVALHO, Mario Felipe de Lima. (2011). **Que mulher é essa? Identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (área de concentração: ciências humanas e saúde), Instituto de Medicina Social da UERJ, Rio de Janeiro.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura; v. 2).

- CONNELL, Raewyn W. La organización social de la masculinidad. *In*: VALDÉS, Teresa; OLAVARRÍA, José (org.). **Masculinidad/es**: poder y crisis. Santiago de Chile: Isis/Flacso-Chile, 1997, pp. 31-48. (Ediciones de las Mujeres, n. 24).
- CONNELL, Raewyn W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.
- CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James W. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. **Gender & Society**, v. 19, n. 6, p. 829-859, 1º dez. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1177/0891243205278639>.
- CORDEIRO, Ana Carolina Silva. **Gênero, corpo, saúde e direitos**: experiências e narrativas de homens (trans) e homens (boys) em espaços públicos. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- FERRAROTTI, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico**. CIES-ISCTE: Lisboa, 1991. (Dossier Biografia e Património).
- FONSECA, Cláudia. De afinidades a coalizões: uma reflexão sobre a transpolinização entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 5-32, 2003. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003. v. 1.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução: Roberto Machado. 10a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- FREITAS, Rafaela Vasconcelos. **Homens com T maiúsculo. Processos de identificação e construção do corpo nas transmasculinidades e a**

**transversalidade da internet.** [dissertação]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; 2014.

GAUDENZI, Paula. **Normal e patológico:** leituras contemporâneas. 2014. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

GAUDENZI, Paula. Ressonâncias Trans: reflexões sobre o encontro clínico. In: CABRAL, Nelma; GAUDENZI, Paula (orgs). **Ensaio sobre transexualidades: diálogos entre psicanálise e estudos de gênero.** 1a. Edição. Rio de Janeiro. Calligraphie Editora. 2020

GOMES, Anderson Soares. Mulheres, sociedade e Iluminismo: o surgimento de uma filosofia profeminista na Inglaterra do século XVIII. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 29, pp. 31-51, jul.-dez. 2011.

GOMES, Romeu; NASCIMENTO, Elaine Ferreira do. A produção do conhecimento da saúde pública sobre a relação homem-saúde: uma revisão bibliográfica. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 22, n. 5, p. 901-911, maio 2006.

HACKING, Ian. The looping effect of the human kinds. In: SPERBER, D.; PREMACK, D.; PREMACK, A. J. (eds.). **Causal cognition:** a multidisciplinary debate. Oxford: Oxford University Press, 1995, p. 351-383.

HALBERSTAM, Judith “Jack”. **Female masculinity.** Durham: Duke University Press, 1998.

HALBERSTAM, Judith “Jack”. Global female masculinities. **Sexualities**, v. 15, n. 3-4, p. 336-354, 26 jun. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1177/1363460712436480>.

HANDCOCK, Mark S.; GILE, Krista J. On the concept of snowball sampling. **Sociological Methodology**, v. 41, n. 1, p. 367-371, ago. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9531.2011.01243.x>.

- HIRSCHFELD, Magnus. **Transvestites** – the erotic drive to cross-dress. Nova York: Prometheus Books, 1991 [1910].
- KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos – Corpo, Doença e Saúde**, Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>.
- KIMMEL, Michael S. La producción teórica sobre la masculinidad: nuevos aportes. *In*: RODRÍGUEZ, Regina (ed.). **Fin de siglo, género y cambio civilizatorio**. Santiago: ISIS International, 1992, p. 129-138. (Ediciones de las Mujeres nº 17).
- KIMMEL, Michael S. Los estudios de masculinidad: una introducción. *In*: ARMENGOL, Josep M.; CARABÍ, Àngels (orgs.). **La masculinidad a debate**. Barcelona: Icaria, 2008, pp. 15-32.
- LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- LE BRETON, David. A sociologia do corpo. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas: Papyrus, 2003.
- LEITE JR., J. A interiorização do verdadeiro sexo e a busca pelo verdadeiro gênero. *In*: COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; SAMPAIO, Liliana Lopes Pedral (orgs.). **Transexualidades** – um olhar multidisciplinar. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 41-51.
- LEITE JR., Jorge. **Nossos corpos também mudam**. Sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. 2008. Tese



(Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUNA, Naara. Maternidade desnaturada: uma análise da barriga de aluguel e da doação de óvulos. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 19, p. 233-278, 2002.

MALDONADO, Maria Tereza P. **Psicologia da gravidez**: gestando pessoas para uma sociedade melhor [livro digital]. Rio de Janeiro: Jaguatirica Digital, 2013.

MARTIN, Emily. A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução. Rio de Janeiro: Garamond; 2006.

MARTINS, Ana Paula. **Visões do feminismo**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p. 809-840, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300005>.

MISKOLCI, Richard. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449201800530002>.

MONTEIRO, Aldora *et al.* A visão da mulher na antropologia: mitos da criação e crenças em relação à gravidez. **Millenium-Journal of Education, Technologies, and Health**, v. 30, n. 9, p. 38-50, 15 fev. 2016.

MONTEIRO, Anne Alencar. **Homens que engravidam**: um estudo etnográfico sobre parentalidades trans e reprodução. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social e Cultural) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

- MOREIRA, Lisandra Espíndula; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Paternidade responsável: problematizando a responsabilização paterna. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 388-398, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/DFs5pcwVDqb6773TsQPTT5m/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 jul. 2021.
- MOSSE, George L. **The image of man: the creation of modern masculinity**. Nova York: Oxford University Press, 1996.
- NOLASCO, Sócrates. O trabalho como base para a identidade. *In*: NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.
- OMS – Organização Mundial da Saúde. **CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. 10. rev. São Paulo: Edusp, 1997. v. 1.
- OMS – Organização Mundial da SAÚDE. **ICD-11: International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems**. 11. rev. Disponível em: <https://icd.who.int>. Acesso em: 30 ago. 2019.
- ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- OUDSHOORN, Nelly E. J. **Beyond the natural body**. An archeology of sex hormones. Londres: Routledge, 1994.
- PEDERZOLI, Aquinoã Abigail. **Papai ou mamãe?** Uma discussão dos papéis parentais em homens trans que engravidaram. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

- PEREIRA, Pamella L. N. **Os discursos sobre a pílula anticoncepcional na revista *Cláudia* no período de 1960 a 1985**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Instituto Fernandes Figueira/Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- POMBO, Mariana Ferreira. Família, filiação, parentalidade: novos arranjos, novas questões. **Psicologia USP** [on-line]. 2019, v. 30, e180204. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e180204>.
- PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui: sexo, drogas e biopolítica**. Madri: Espasa, 2008.
- PRECIADO, Paul B. **Las subjetividades como ficciones políticas** (conferência). Cartagena, fev. 2014.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.
- ROHDEN, Fabíola. O corpo fazendo a diferença. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 127-141, out. 1998. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010493131998000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493131998000200007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 27 fev. 2019.
- RUSSO, Jane; VENÂNCIO, Ana Teresa. Classificando as pessoas e suas perturbações: a “revolução terminológica” do DSM III. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 9, n. 3, p. 460-483, 2006.
- SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mitos e realidade**. Rio de Janeiro: Rocco. 1979.

- TRAJANO, Mariana Gracindo. **Entre a cruz e a espada**: experiências de parentalidade de homens e mulheres trans em contextos cisheteronormativos. Dissertação (Mestrado em Saúde da Mulher e da Criança) – Instituto Fernandes Figueira/Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.
- VIVEROS, Mara. **As cores da masculinidade**: experiências interseccionais e práticas de poder na nossa América. Trad. Allyson de Andrade Perez. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

**ANEXO I****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****Título da pesquisa**

Gravidez e gênero: uma análise dos relatos de homens trans sobre o período gestacional

**Pesquisadores responsáveis e contato**

Pamella Liz Nunes Pereira – pamella.lizz@gmail.com

Orientadora: Paula Gaudenzi – paula.gaudenzi@gmail.com

Co-orientadora: Claudia Bonan – cbonan@iff.fiocruz.br

Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes

Figueira/Fiocruz

Endereço: Av. Rui Barbosa, 716 – Flamengo – Rio de Janeiro (RJ)

Telefone: (21) 2554-1796 / Fax: (21) 2553-6730.

Nome do participante da pesquisa:

---

Você está sendo convidado a participar do estudo intitulado “Gravidez e gênero: uma análise dos relatos de homens trans sobre o período gestacional”, que faz parte

do projeto de doutorado de Pamella Liz Nunes Pereira. O objetivo desta pesquisa é compreender a experiência da gravidez em homens trans.

Ficaremos muito gratas pela sua contribuição, mas alertamos que a sua participação é voluntária e, mesmo depois da entrevista, seu consentimento pode ser retirado a qualquer momento, conforme seu desejo.

Para a concretização da pesquisa, serão realizadas entrevistas abertas sobre a experiência da gravidez. As entrevistas serão gravadas em áudio e transcritas para posterior análise. Conforme seu desejo, a transcrição completa da sua entrevista poderá ser adquirida posteriormente com a pesquisadora responsável.

Serão garantidos sigilo sobre sua identidade e a confidencialidade de suas informações pessoais. O risco de exposição será reduzido pela substituição por nomes fictícios, garantindo sua privacidade e anonimato. Como resultado da pesquisa, almejam-se possíveis publicações em revistas científicas e congressos acadêmicos, bem como a elaboração da tese de doutorado.

O benefício da sua participação são as contribuições que o estudo pode trazer para a área de conhecimento da saúde pública, para o fortalecimento do debate sobre os direitos das pessoas trans e para a formação de pesquisadores nessa área.

Sua participação não acarretará custos. Também não haverá nenhuma forma de pagamento pela sua participação. É garantido o direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Você receberá uma via idêntica deste documento assinada pelo pesquisador do estudo.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz) encontra-se à disposição

para eventuais esclarecimentos éticos pelo e-mail cepiff@iff.fiocruz.br e pelo telefone:  
2554-1730 / fax: 2552-8491.

Eu,

\_\_\_\_\_,  
autorizo voluntariamente a minha participação na pesquisa “Gravidez e gênero: uma  
análise dos relatos de homens trans sobre o período gestacional”.

Declaro que li e entendi todo o conteúdo deste documento.

Assinatura:

\_\_\_\_\_

Data:

\_\_\_\_\_

Telefone:

\_\_\_\_\_

Investigador que obteve o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Nome:

\_\_\_\_\_

Assinatura:


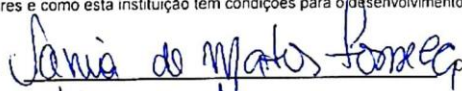
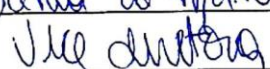

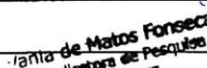
\_\_\_\_\_

## ANEXO II



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

## FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: GRAVIDEZ E GÊNERO: UMA ANÁLISE DOS RELATOS DE HOMENS TRANS SOBRE O PERÍODO GESTACIONAL			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 15			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 4. Ciências da Saúde, Grande Área 6. Ciências Sociais Aplicadas, Grande Área 7. Ciências Humanas			
<b>PESQUISADOR RESPONSÁVEL</b>			
5. Nome: PAULA GAUDENZI			
6. CPF: 081.171.397-07	7. Endereço (Rua, n.º): AV Rui Barbosa flamengo 716 RIO DE JANEIRO RIO DE JANEIRO 22250020		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 21993196275	10. Outro Telefone:	11. Email: paula.gaudenzi@iff.fiocruz.br
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do paramProjeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao paramProjeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: 03, 06, 19		 Assinatura	
<b>INSTITUIÇÃO PROPONENTE</b>			
12. Nome: Instituto Fernandes Figueira - IFF/ FIOCRUZ - RJ/ MS	13. CNPJ: 33.781.055/0002-16	14. Unidade/Orgão:	
15. Telefone: (21) 1554-1730	16. Outro Telefone:		
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: 	CPF: 415.213.687-20		
Cargo/Função: 			
Data: 03, 06, 19	 Assinatura		
<b>PATROCINADOR PRINCIPAL</b>			
Não se aplica.			
 Vice-diretora de Pesquisa IFF/Fiocruz Matrícula: 0463389			